

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO

|| CARLOS GOMES ||





RESGATE

COORDENAÇÃO: TENÓRIO TELLES



Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária-Executiva
Delzinda Barcelos

Coordenador de Edições
Antonio Auzier

CO-EDIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Reitor
Hidembregue Ordozgoith da Frota

Editor
Renan Freitas Pinto

UNINORTE
Presidente
Waldery Areosa

Reitora
Maria Ercília Tribuzy

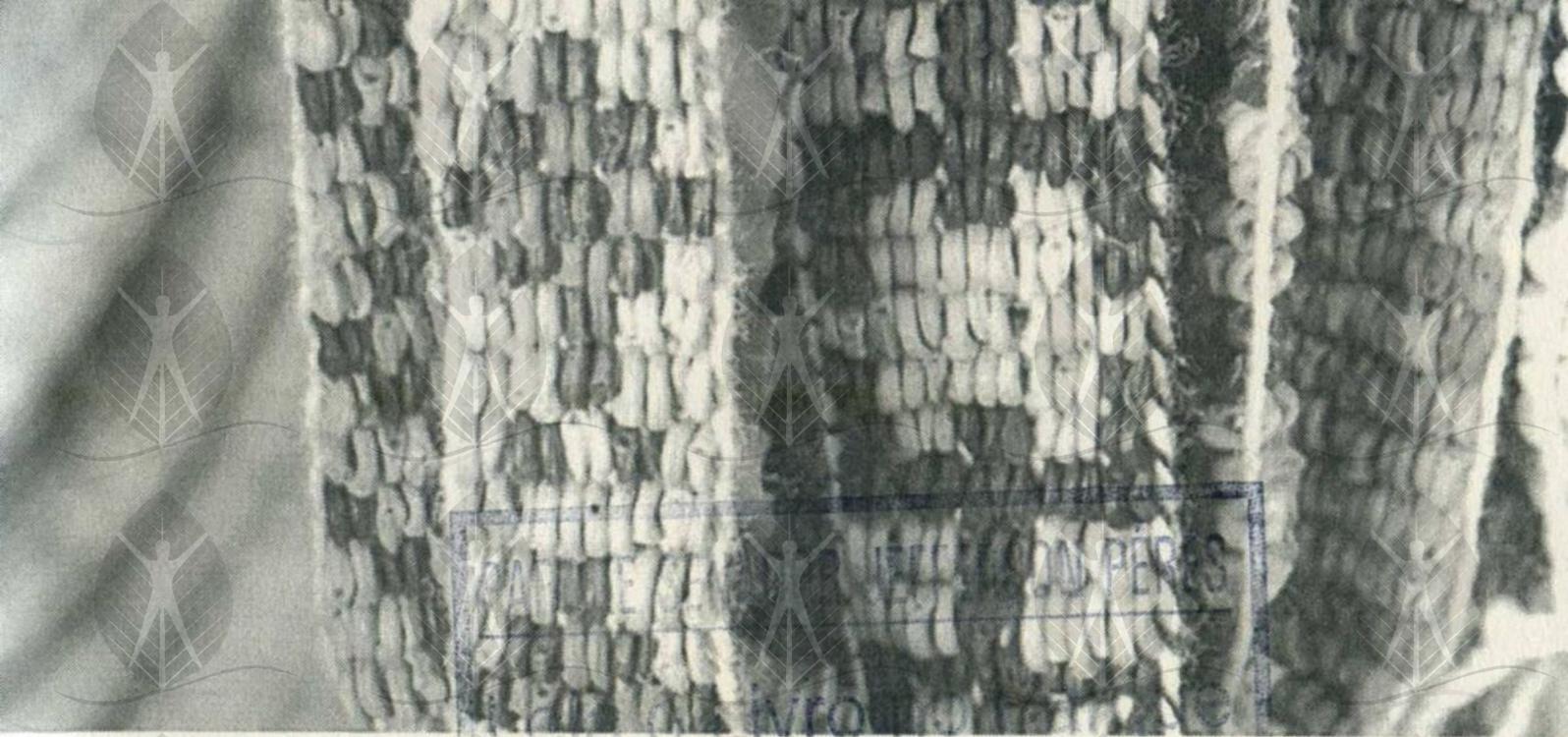
Esta obra foi realizada em co-edição pela Editora Valer,
Governador do Estado do Amazonas, Edua
e UniNorte, com o patrocínio da Fundação Rede
Amazônica e Rymo da Amazônia.

EDUA

UniNorte
Centro Universitário do Norte

FUNDAÇÃO
REDE AMAZÔNICA

Rymo
INSTITUTO DA AMAZÔNIA



MUNDO MUNDO VASTO MUNDO

3ª edição

||| CARLOS GOMES |||

Valer
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

EDUA

Copyright © Carlos Gomes, 2005

Editor | Isaac Maciel

Coordenação Editorial | Tenório Telles

Projeto Gráfico | Lo-Amami Santos e Wilson Prata

Revisão | Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

Fotos da capa e do miolo | Paulo Pereira
Edimar Barros
Sérgio Fonseca
Wilson Prata

Ficha Catalográfica | Ycaro Verçosa

G633m Gomes, Carlos.

Mundo mundo vasto mundo. / Carlos Gomes. Organização: Tenório
Telles. 3ª edição. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do
Amazonas / Edua / UniNorte, 2005.
136 p.

ISBN 85-7512-163-4

1. Literatura brasileira (Amazonas) – conto. I. Título.

CDU 82-1(81)

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195 – Centro
69010-120 – Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
e-mail: editora@valer.com.br
site: www.valer.com.br



*Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.*

*Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

Clube da Madrugada – 50 anos de História11

Apresentação13

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO

Bumbá23

Rebolo31

Vó Hermengarda39

Rosa de carne47

Preto e branco53

Presságios59

Reconstrução65

Assunto perdido71

Madalena77

Antes da nomenclatura85

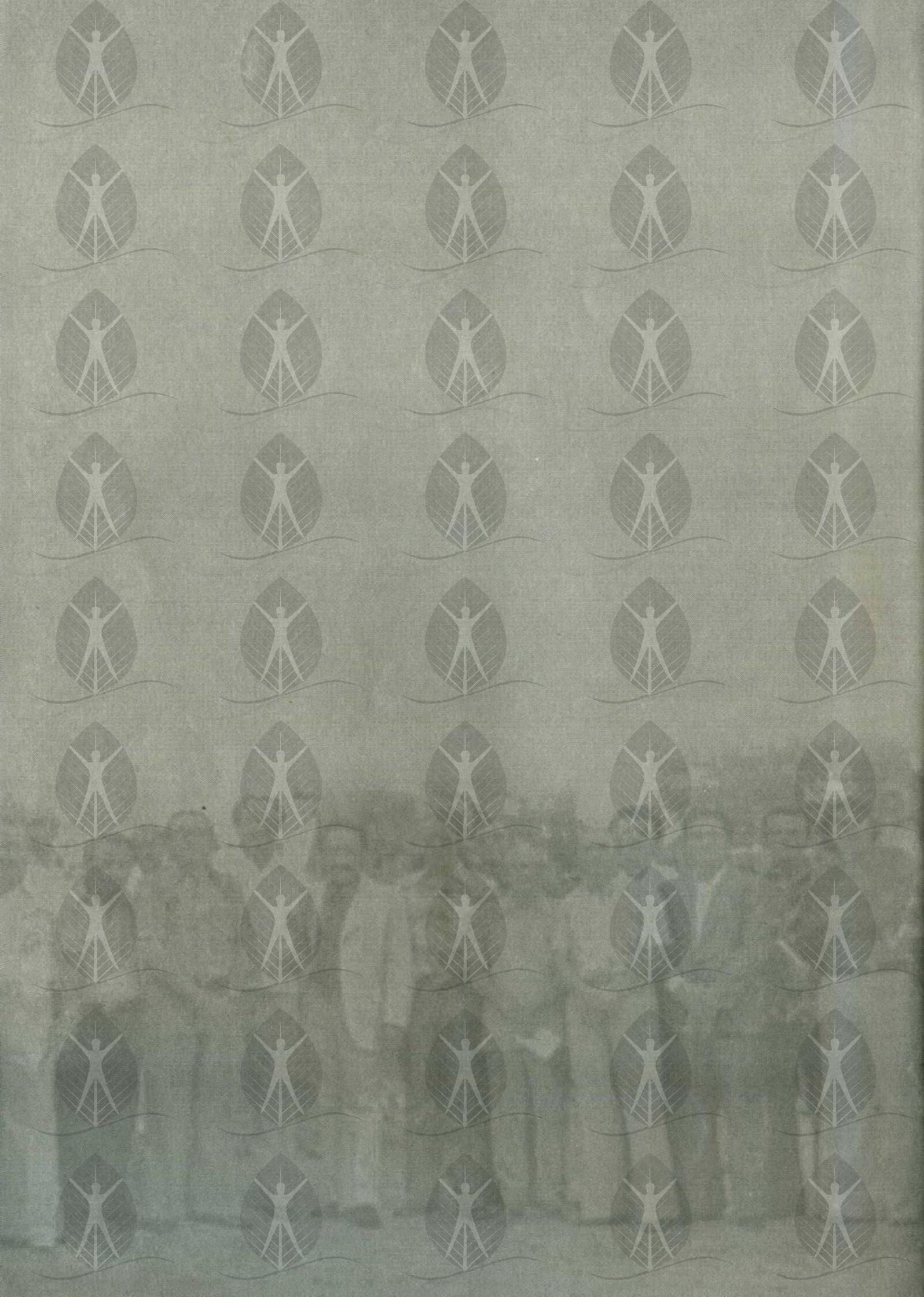
Figa, pé de pato, bangalô três vezes...93

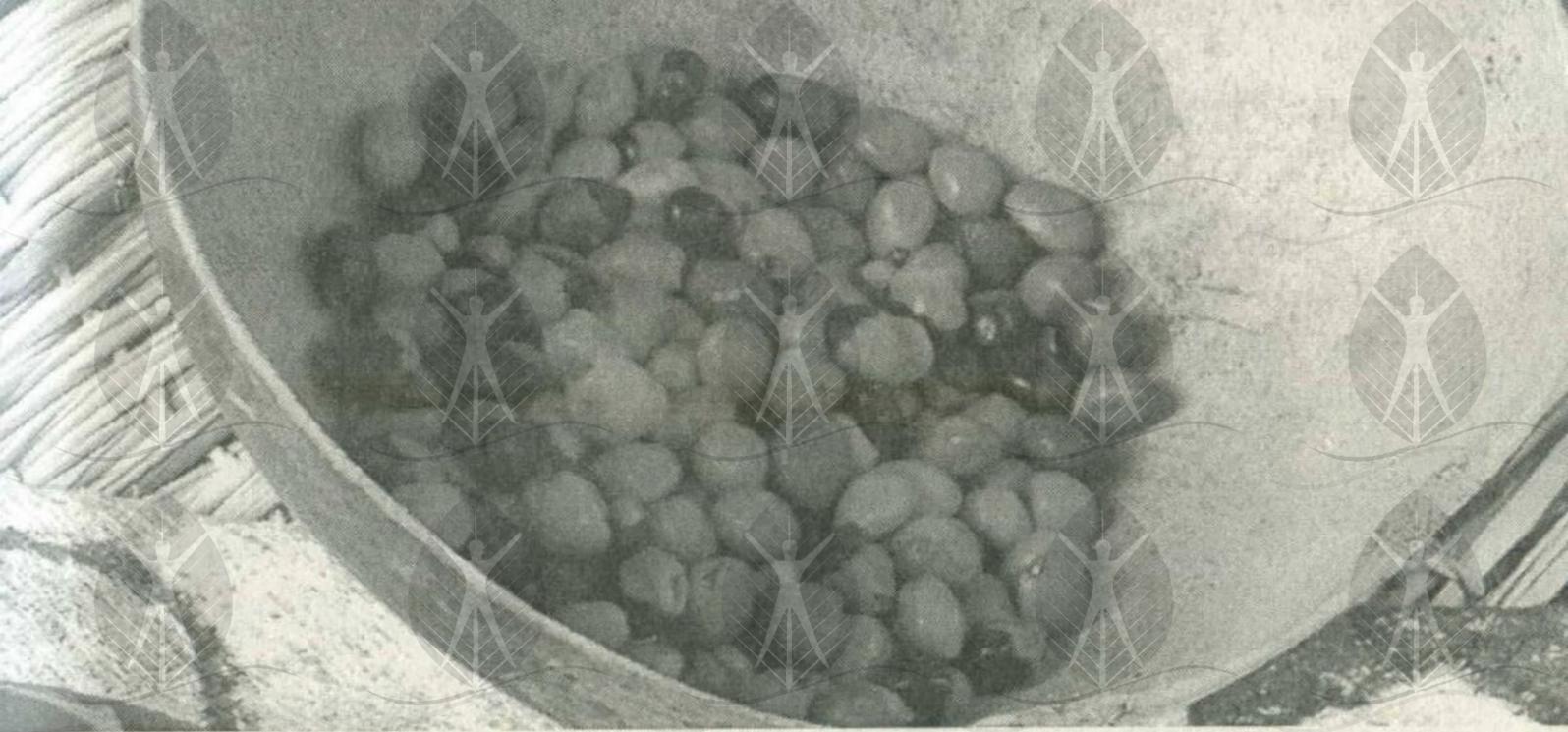
Flor de cacto101

Pio ofício ou a estranha velha que enforcava cachorros109

A Homenagem117

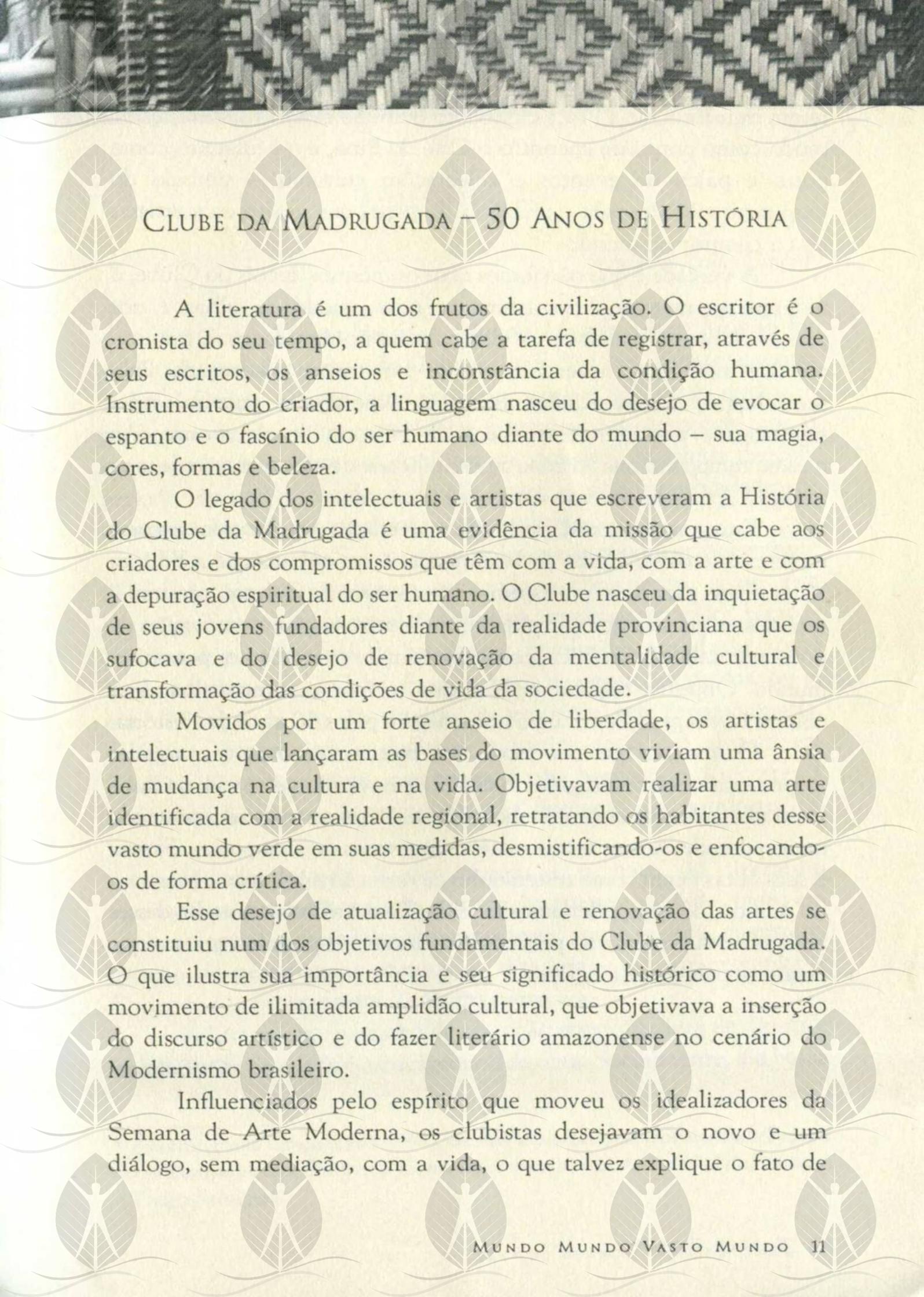
Carlos Gomes – Vida e Literatura131





CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA





CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA

A literatura é um dos frutos da civilização. O escritor é o cronista do seu tempo, a quem cabe a tarefa de registrar, através de seus escritos, os anseios e inconstância da condição humana. Instrumento do criador, a linguagem nasceu do desejo de evocar o espanto e o fascínio do ser humano diante do mundo – sua magia, cores, formas e beleza.

O legado dos intelectuais e artistas que escreveram a História do Clube da Madrugada é uma evidência da missão que cabe aos criadores e dos compromissos que têm com a vida, com a arte e com a depuração espiritual do ser humano. O Clube nasceu da inquietação de seus jovens fundadores diante da realidade provinciana que os sufocava e do desejo de renovação da mentalidade cultural e transformação das condições de vida da sociedade.

Movidos por um forte anseio de liberdade, os artistas e intelectuais que lançaram as bases do movimento viviam uma ânsia de mudança na cultura e na vida. Objetivavam realizar uma arte identificada com a realidade regional, retratando os habitantes desse vasto mundo verde em suas medidas, desmistificando-os e enfocando-os de forma crítica.

Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada. O que ilustra sua importância e seu significado histórico como um movimento de ilimitada amplitude cultural, que objetivava a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Influenciados pelo espírito que moveu os idealizadores da Semana de Arte Moderna, os clubistas desejavam o novo e um diálogo, sem mediação, com a vida, o que talvez explique o fato de

terem transformado a Praça Heliodoro Balbi no cenário de suas ações, tendo como ponto de encontro o Café do Pina, e o Mulateiro como porto e palco de eventos e celebrações culturais – símbolo do movimento Madrugada e metáfora do papel que a arte e os artistas têm a cumprir no mundo.

A verdade é que não fomos mais os mesmos depois do Clube, o movimento marcou definitivamente nosso modo de olhar e nos pensar diante da realidade. A vida cultural no Amazonas se fraturou em dois momentos: antes e depois do movimento Madrugada. Pelo seu alcance e conseqüências foi a experiência cultural mais significativa em termos artísticos da História do Amazonas. Ao mesmo tempo em que afirmou a possibilidade de consolidação de uma tradição do conhecimento e artística entre nós.

Este gesto editorial, traduzido na reedição das obras dos autores representativos do Clube da Madrugada, é um tributo que a Editora Valer e seus parceiros, em especial a Secretaria de Cultura, prestam à luta desses artistas que trabalharam pela reinvenção e renovação da nossa mentalidade artística, como também do modo de nos pensar no mundo. Objetiva resgatar e fixar essa memória, compartilhando-a com as novas gerações. É uma homenagem pelos 50 anos de História.

O impulso que nos move é o mesmo que motivou aqueles jovens a criar, na madrugada do dia 22 de novembro de 1954, o Clube da Madrugada, que se tornou dia e floresceu nas cores de seus pintores, na inquietude de seus intelectuais e nos versos de seus poetas. Fez-se. E suas obras ficam como testemunho de nossa sensibilidade e presença no mundo, do que poderíamos ter sido. É um tributo à ousadia desses artistas e um presente ao povo do Amazonas – especialmente aos que amam as palavras e a beleza.

Os Editores

APRESENTAÇÃO

Antônio Paulo Graça*

O Golpe Militar de 64 – *Mundo Mundo Vasto Mundo* foi publicado três anos depois do Golpe Militar de 1964. E efetivamente, embora Carlos Gomes estivesse com apenas 28 anos então, o panorama de seu livro e das idéias e concepções de mundo que o sustentam se vinculam aos conflitos da sociedade brasileira daquele período em que o mundo se dividia entre as duas possibilidades de construção social: o capitalismo e o socialismo.

Na América do Sul os golpes militares, batizados erroneamente de revoluções, se espalharam por todo o continente, quase sem exceção. Tratava-se da reação capitalista, capitaneada pelos Estados Unidos, à possibilidade de revoltas e revoluções socialistas como havia acontecido em Cuba. Eram tempos de oposições rígidas: ou se era de esquerda ou de direita. A esquerda era revolucionária, socialista, progressista e defendia a justiça social. A direita era autoritária, conservadora, capitalista e não hesitava em recorrer à violência, à tortura, à extradição e à execução de opositores do regime.

Mundo Mundo Vasto Mundo é o livro da literatura amazonense que melhor flagra a críspação daquele período, tanto em contos alegóricos, pesadelos denunciadores, como se verá, quanto na criação de personagens adeptos da ditadura – o caso exemplar é Conegundes, protagonista da última narrativa.

Politicamente o quadro de oposição entre ditadura de direita e revolução de esquerda é o *background* da obra. Socialmente, ela busca

* Antônio Paulo Graça (1955-1998), escritor e professor da Universidade Federal do Amazonas e autor dos livros: *Como funciona a poesia*, *A Catedral da Impureza* e *Tango Selvagem*.

e consegue desenhar o provincianismo de uma cidade entre as tradições folclóricas (os contos sobre bois-bumbás exigem destaque), quase a desaparecerem, e a monotonia de repartições públicas, com suas mesquinhas liliputianas.

Por ter sido escrito e publicado naquela quadra tão difícil da vida brasileira e amazonense, *Mundo Mundo Vasto Mundo* não reserva nenhum espaço para a esperança. Seu niilismo dificilmente encontrará paralelo em nossas letras.

A OBRA

Na primeira edição, *Mundo Mundo Vasto Mundo* compunha-se de doze contos. Agora o temos acrescido de duas novas narrativas (“Pio ofício ou a estranha velha que enforcava cachorros” e “A homenagem”) absolutamente coerentes com o projeto inicial. Isso porque o primeiro se inscreve naqueles pesadelos opressivos e o segundo nos exercícios de descrição da indignidade rasteira de seres minúsculos, autocomplacentes e infantis diante do poder.

Temática – Pode-se dividir o livro em cinco grandes grupos:

- a) os folclóricos: “Bumbá” e “Rebolo”;
- b) os pesadelos: “Preto e Branco”, “Presságios”, “Reconstrução”, “Pio ofício ou a estranha velha que enforcava cachorros”;
- c) os sociais: “Vó Hermengarda”, “Rosa de carne”;
- d) os que tratam da incomunicabilidade entre os seres: “Assunto perdido”, “Madalena” e “Flor de cacto” e
- e) os que descrevem a vida provinciana: “Antes da nomenclatura”, “Figa, pé de pato, bangalô três vezes...” e “A homenagem”.

Está claro que, por sobre a diversidade temática, se encontra um narrador irônico que acaba conferindo unidade completa a esses relatos. O estilo moderno, com frases ágeis e curtas, o vocabulário que, em oposição ao precioso, se mostra preciso, sem deixar de ser rico, o fraseado a um tempo clássico e contemporâneo, tudo enfim contribui para a unidade desse marco na contística amazonense.

A linguagem – Não fora renomado professor de língua portuguesa, Carlos Gomes tem estilo próprio. O que parece condição essencial ao escritor, em nossas letras, quase chega à exceção. Já se lhes referiram as marcas machadianas: frases tensas, tom irônico, a observação desmistificadora, o jogo com os diversos sentidos das palavras... Mas o estilo de nosso autor, forçosamente contemporâneo, se baseia em vocabulário distinto do machadiano, em fraseado mais ágil e na própria montagem das cenas muito mais correntes, sem as interrupções e volteios do chamado Bruxo do Cosme Velho.

De vez em quando, tanto o narrador quanto os diversos personagens demonstram preocupações com a linguagem. Em “Vó Hermengarda”:

Filipe, meu nome: amigo do cavalo. Entretanto, não me lembro de jamais ter tido afeição por eqüinos, não pertenço a nenhuma sociedade hípica, não sei sequer cavalgar... Enfim, me perdôo por nunca ter respeitado esse compromisso etimológico.

Em “Figa, pé de pato, bangalô três vezes...”, depois de proferir uma frase comum, o personagem reflete:

Entrada vulgaríssima, bem sei. Mas enfim a quem indaga por minha graça e se diz minha criada, não creio fosse necessário linguagem requintada e original.

Alguns personagens, como Conegundes do último conto, têm fixação pela forma escorreita, pelo uso vernacular, pela fobia aos estrangeirismos lingüísticos, algo cuja raiz deve estar no próprio autor.

Veza em quando, também apontam jogos vocabulares, como no sentido diferenciado entre singular e plural da palavra bem: “Dançar na casa de doutores, autoridades, gente de haver, de bens mais que de bem”. Enfim, o despojamento desse livro, avesso não só ao sentimentalismo gritante, ao regionalismo convencional mas também

ao ornamentalismo vazio de muitos prosadores, une-se à precisão e ao asseio vocabular e frasal, demonstrando que sua linguagem foi elaborada e ocupa lugar central, ao lado dos valores culturais e sociais de que trata.

O humor – Carlos Gomes é um humorista, no que de mais elevado significa esse termo. Humorista como o foram Jonathan Swift e Bernard Shaw, para ficarmos apenas com dois irlandeses de alto conceito. Embora revele algo de britânico (no jogo entre palavras *puns* e idéias sarcásticas), o humor de Carlos Gomes parece provir do dito espirituoso e do fraseado vernacular de Machado de Assis, ele também um britânico cultivador do *sense of humor* – eis sua influência mor.

Nos contos sobre as ninharias morais e a tola presunção dos personagens provincianos, o humor se mostra já no tom do narrador. Tudo se apresenta devidamente examinado pela lente dessublimadora e sarcástica daquele que narra os casos hilariantes e exemplares.

Mas não raro, o autor engasta uma frase machadiana mesmo nos lábios de suas criaturas. Um exemplo: Filipe se lembra de que, ao dar um jeito no pé, Vó Hermengarda o curou apenas costurando um pano que representava seu pé arruinado. A avó pede que vá buscar uma agulha virgem e ele: *Trouxe a agulha, virgem como ela recomendou, pelo menos a supunha como tal, mas quem me garante hoje que ela já não conhecesse alfinete?*

O gosto de descobrir a pequenez dos homúnculos insuflados pelo orgulho tolo nos leva a rir, mas também a desprezar essa vaidade provinciana que, ao que parece, não reflui nem mesmo quando a metrópole se sobrepõe à vila pachorrenta.

Os contos – As duas narrativas que tratam diretamente do folclore e, mais especificamente, do boi-bumbá abrem o livro. “Rebolo” é nostálgico, documenta as inquietações infantis diante das pequenas humilhações: ser pego por Pai Francisco e ter as nádegas usadas como amolador da faca do negro Chico. O narrador se mostra absolutamente permeável e sensível àquela emoção da infância, por isso, temos um conto sensível e emocionante. Contudo “Bumbá”

constitui a melhor realização do tema. A partir da oposição entre dois grupos folclóricos, o narrador institui uma rede de símbolos que contagia o leitor. Os índios, o padre, o dono do boi, de repente, se tornam figuras simbólicas em luta mortal. Trágico é o destino de Severino, criador do boi Estrela. Seu sacrifício contém dor (*pathos*) e emoção pura à qual o leitor não consegue se mostrar insensível.

Aqui foram classificados como “pesadelos” aqueles contos que efetivamente são narrados numa perspectiva onírica. Aparentemente lhes falta lógica. Não há nenhuma certeza. Às vezes, os personagens acordam, outras vezes não. Em todos eles, temos um personagem central submetido a angústias e opressões que tanto podem ser tomadas como resultado de uma situação individual quanto de um tempo e uma sociedade opressiva e opressora.

Observe-se que “Pio ofício ou a estranha velha que enforcava cachorros” expõe seguidas e precisas referências à ditadura militar. Assim, o pesadelo do personagem se torna a maneira mais apropriada de descrever o pesadelo político que se vivia naquele momento. Quando observa a imagem de São Sebastião crivada de flechas, exclama o personagem:

Os homens não são mais caçados com flechas agora são apenas cassados. Não se morre mais de hemorragia interna, morre-se de fome. Eia, gente, acudam o santo. Estamos em outra época. Os inocentes já não são amarrados a troncos, os tempos são outros, mais civilizados, os inocentes sentam-se agora em banco de réu de tribunais fardados.

Assim, o pesadelo do personagem exhibe suas raízes políticas. Aquele tempo de cassação de direitos políticos, de injustiça social e de luta por ideais se resume rapidamente numa angústia confusa e aterradora.

“Preto e branco” também é um típico pesadelo. Nele o personagem chega a acordar e observar a realidade aparentemente diferente de seu sonho. Narrado como um filme em preto e branco,

sem cores, portanto sem alegria, sem vida, o conto mistura as duas faces da existência (real e imaginária), enlaçadas pela náusea diante do cotidiano ao mesmo tempo monótono e opressor.

Embora em quase todos os relatos desse livro haja evidente teor de crítica social, dois exemplos se destacam por trazerem para o centro da cena a problemática social. São eles “Vó Hermengarda” e “Rosa de carne”. O primeiro trata de um paciente que se vê explorado pelo sistema de saúde. Num consultório dantesco, ele recorda os tratamentos populares que Vó Hermengarda distribuía com bondade e amor a todos. Contrastam-se essa medicina popular, fraterna e o comércio médico dos tempos contemporâneos, desumanizado e irracional.

“Rosa de carne” teve múltiplas vidas. Participou de algumas antologias e parece grudar-se à memória de seus leitores. O enredo é simples: um pai, pobre mas honrado, descobre que o filho anda cometendo pequenos furtos e, como castigo, esquenta uma moeda e ferra-lhe a mão, criando ali uma rosa de carne, signo de seu crime. A estrutura moral rígida do pai, a condição de indigência familiar, a mãe amantíssima, tudo enfim cria um quadro trágico, de emoções supremas.

Se o indivíduo parece submetido a um pesadelo psicológico e político, se a formação moral se torna uma condenação trágica, os seres acabam destituídos da capacidade de se comunicarem. Assim nascem os contos “Assunto perdido”, “Madalena” e “Flor de cacto”. No primeiro, amigos se encontram num bar e não conseguem sequer começar um diálogo. No segundo, o que parecia amor e compreensão de uma mulher feia e mal-amada se revela fraudulenta armadilha. No terceiro, nem mesmo a dedicação integral da mulher logra arrancar as palavras do companheiro, embora aqui se descortine uma minúscula esperança: a flor entre os inúmeros espinhos do cacto. A nota dolorosa no coração de Alexandre, o personagem central, tem raízes na infância. Diz ele: “Milu, você não imagina o que é alguém não ter se saciado de infância”. Mas a esperança do personagem, talvez o

único sinal de crença nesse livro niílista, vem envolta pelo tom meio irônico e indiferente do narrador.

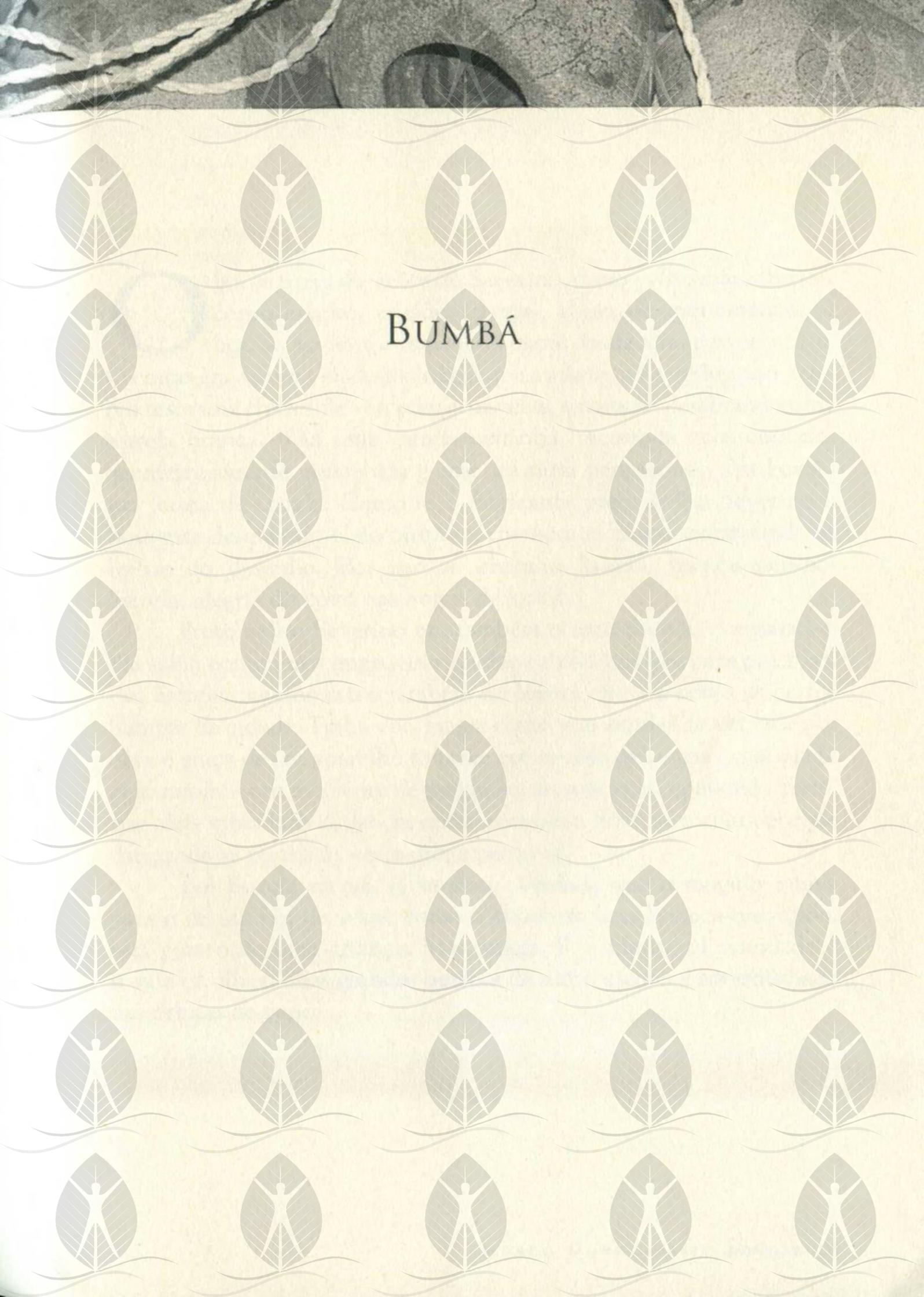
O grupo dos contos que descrevem as pequenas misérias, as vaidades pueris, os vícios provincianos constitui um bloco de grande valor documental. Neles, a veia cômica do escritor alarga-se em volumosa corrente. A simples anedota de ambientes burocráticos, como em “Antes da nomenclatura” converte-se no exame minucioso da presunção e da mentalidade de funcionário público. Em “Figa, pé de pato, bangalô três vezes...” o desenho rápido da evangélica no comércio bíblico se torna hilariante, convertendo-nos à náusea do narrador que se tentava livrar daqueles olhos religiosos que “estavam untados de uma espécie de vaselina mística”.

O ponto alto, nesse campo, é o conto final, “A homenagem”. Na esteira do melhor Gogol, as caricaturas num instante se convertem em poderosos símbolos de nossa mesquinharia política, social e, fundamentalmente, humana. O personagem Conegundes e sua amantíssima inimiga, a enxundiosa esposa, estão definitivamente entre o que de melhor se criou nessa arte, aparentemente fácil, mas difícilíssima da caricatura expressiva.



MUNDO MUNDO VASTO MUNDO





BUMBÁ

O boi se fizera das mãos de Severino, preto velho maranhense, corpo esbelto, espáduas largas, altura de monumento. O boi, de madeira o esqueleto; carne de algodão e pano velho. O couro era de um veludo tão negro que azulava, a luz refletindo nele. Na testa uns chifres de verdade; entre eles, a mancha lembrando uma estrela branca. Não uma estrela certinha, recortada com cuidado, geometricamente concebida e inscrita num pentágono. Um borrão em forma de estrela. Como se o fabricante preto velho Severino a houvesse desenhado e, ao pintá-la, tivessem as tintas extravasado as linhas do desenho. Por isso se chamou Estrela, bumba-meu-boi Estrela, alegria do povo nas noites de junho.

Preto velho Severino era também o amo do boi, o ensaiador. Ele sabia como raros improvisar toadas e tinha boa voz para puxá-las. Boi Estrela, orgulho seu e também do bairro, não era como os outros bumbás da cidade. Tinha voz, mugia como seus símiles de verdade por obra e graça de um aparelho fonador construído de cuícas e manejado pelo miolo – um molecote de pernas secas, mas rijas, apelidado Socó, que aliás sabia fazê-lo dançar como ninguém. Socó se tornara porque dançando se punha às vezes numa perna só.

Boi Estrela mugia, já se disse. Verdade que o mugido estava para o de um boi de veras, como o choro de uma boneca-que-chora está para o de uma criança. Mas mugia. E – admirável novidade – mexia os olhos, duas grandes petecas de vidro escuro e esverdinhado nas órbitas de pano.

* * *

Boi Estrela, em junho, tinha curral. O tempo restante ficava guardado na casa do amo, protegido inteirinho de pano de saco. Preto velho Severino tinha por ele desvelos paternais:

– Meu boizinho!

Longos cílios de palmeiras, duplos, enfeitavam o curral. Varais de bandeirinhas, bífidas na extremidade, entrecruzavam-se sobre ele. Naquele tempo, a cidade padecia carência de luz elétrica. Lâmpadas fantasiadas de lanterna e balão faziam de conta que iluminavam. A iluminação mesmo, porém, vinha das fogueiras ardendo e vinha de grandes porongas, luz baça de fogo e fumaça.

Na porteira do curral, uma armação de estrela vestida de papel vermelho. Um dia, a eletricidade – visita bissexta – apareceu por aquelas bandas. A estrela vermelha – viu-se – tinha em seu ventre uma lâmpada que acendia e apagava igual a um vaga-lume. E passou a noite inteira jogando piscadelas para o povo. O povo compreendia. A estrela vermelha fascinava-o.

Preto velho Severino, imponente, o manto tarjado de arminho todo cheio de espelhos e lantejoulas, puxando as toadas, quantas ele improvisava!

Rola boi bumbá

Rola que eu mandei rolar...

Preto velho Severino instruía, ralhava, ensinava novos passos, toadas novas.

Oi levanta poeira...

Tanta alegria, tanta, quando estava o bumbá em seu curral, quanta alegria! Gente em volta, o encantamento possuindo-os. A preta Bárbara, no vulgar D. Barba, faturava: pingues faturas de tacacá e mungunzá, bolo-podre e de macaxeira, tapiocas em retalhos de folha de bananeira, poeira de coco por cima. Até aluá e café havia em sua banca, que era a mais gostosa do arraial. No curral, a batucada fazia

hora, ensaiando refrões, dançados em passos nervosos pelos brincantes. E cantados:

Oi levanta poeira...

As meninas indo e vindo, corpos cheios de amor para dar, levantavam poeira, batendo as sandálias gastas no barro do arraial. Várias eram levadas para muito além, aonde não chegava a claridade das porongas e fogueiras. Conduziam-nas moleques já homens, os braços rijos do trabalho agasalhando-as. Iam aprender anatomia, o método Braille, simples e humano, presidiria aos ensinamentos.

Depois tudo ficava mais triste porque o bumbá partia para cumprir seus compromissos na cidade. Dançar na casa de doutores, autoridades, gente de haver, de bens mais que de bem.

Hastes compridas encimadas por lamparinas cilíndricas de três pavios iluminavam os caminhos. Os moleques iam até às vias de fato para segurá-las.

Formava-se o grupo. A batucada, os vaqueiros, os rapazes-do-amo, o padre. As burrinhas eram duas. Os índios na frente compunham a barreira, os tacapes servindo de cimento. Pai Francisco e Catirina, figuras picarescas. Comandando todos, o amo preto velho Severino. Na retaguarda, o séquito de simpatizantes, mães de brincantes e outras com os filhos-de-peito escanchados nos quadris, moleques a granel, povo.

Por onde o boi passava, corria gente pra vê-lo.

O povo mexia com Pai Francisco, ele perseguia mocinhas e crianças, dispersava-as. Um dia, um homem avisou-o:

– Chico, tua mulher Catirina tá namorando...

Pai Francisco, mais que de repente, retrucou:

– Macaco só olha pro rabo dos outros...

O homem desconcertou-se. Do povo veio violenta vaia, avassaladora. Pega! Toma! Vai mexer com Chico! Vai!

Boi Estrela tinha rivais, um maior que os outros: Malhado. Compreensível que os tivesse. Os demais não mugiam, nem mexiam

os olhos, qual deles tinha entre os cornos aquela mancha, grande e branca mancha em forma de estrela? Bois chambas os outros, sem dúvida, invejosos. Miolo como o Socó, as pernas assim tão sensíveis ao ritmo da batucada, qual poderia apresentar? E qual nascera de preto velho Severino, de seu engenho, qual? Compreensível tivesse Estrela rivais. Não era ele acaso o mais amado do povo?

Malhado quisera imitá-lo, tentaram fazê-lo mexer os olhos. E mugir. O povo deu pelo plágio, verdadeira caricatura, aliás. Zombou do Malhado. Mugir e mexer os olhos eram atributos do Estrela.

Porque rivais tivesse, boi Estrela os desafiava:

*Ê ferro, ê aço!
Estou procurando
E não acho...*

O bumbá de Severino – assim também se chamava – logo possuía as ruas por onde passava. Campeava soberano:

*Lá vai, lá vai, meu boi
Arreda povo contrário...*

Os outros bois temiam confronto com ele, medo de se apoucarem. Brincantes e acompanhantes nenhum grupo reunia mais que Estrela.

Certa vez – nem é bom lembrar – ia o bumbá feliz, o povo não lhe queria? Ia feliz quando preto velho Severiano advertiu:

– Aí vem Malhado. Ninguém ataca, ninguém recua também. Voltar fica feio.

A batucada, que havia silenciado para ouvir o amo, voltou a atacar com mais força:

*Ê ferro, ê aço!
Estou procurando
E não acho...*

Os índios se preveniram pro que desse e viesse, a força toda concentraram nos tacapes, enfeitados de papel de seda e fitas. Pai Francisco deixou de brincar, e Catirina. Temeridade transitar por aquela rua. Não viam que era área adversa, apêndice do bairro do Malhado, seu reduto, portanto? Teimosia do amo.

*Ê ferro, ê aço!
Estou procurando
E não acho...*

Agora os simpatizantes também cantavam. Era preciso suplantar o vozerio do grupo contrário, lançando o mesmo desafio:

*Ê ferro, ê aço!
Estou procurando
E não acho...*

Socó olhou pela goela do boi, que era aberta exatamente para que o miolo pudesse descortinar os caminhos.

– Vou jogar meu boizinho Estrela em cima desse boi chamba...

Ninguém soube nunca como nem por onde começou. Quem começou ninguém soube. As mulheres correram, os filhos-de-peito escanchados nos quadris. As mais valentes insultavam-se, aplicando-se puxavantes de cabelos:

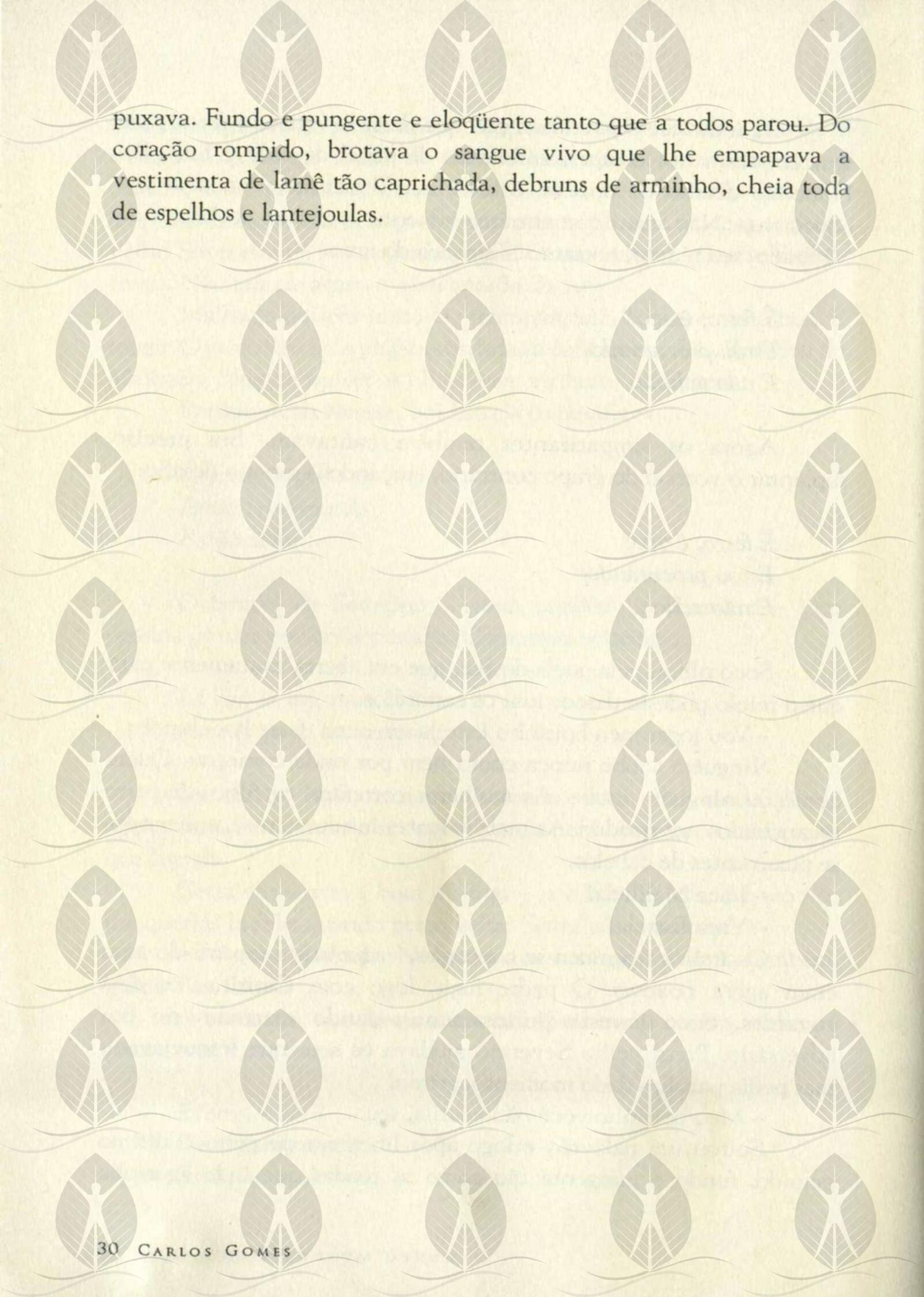
– Vaca Malhada!

– Vaca Estrela!

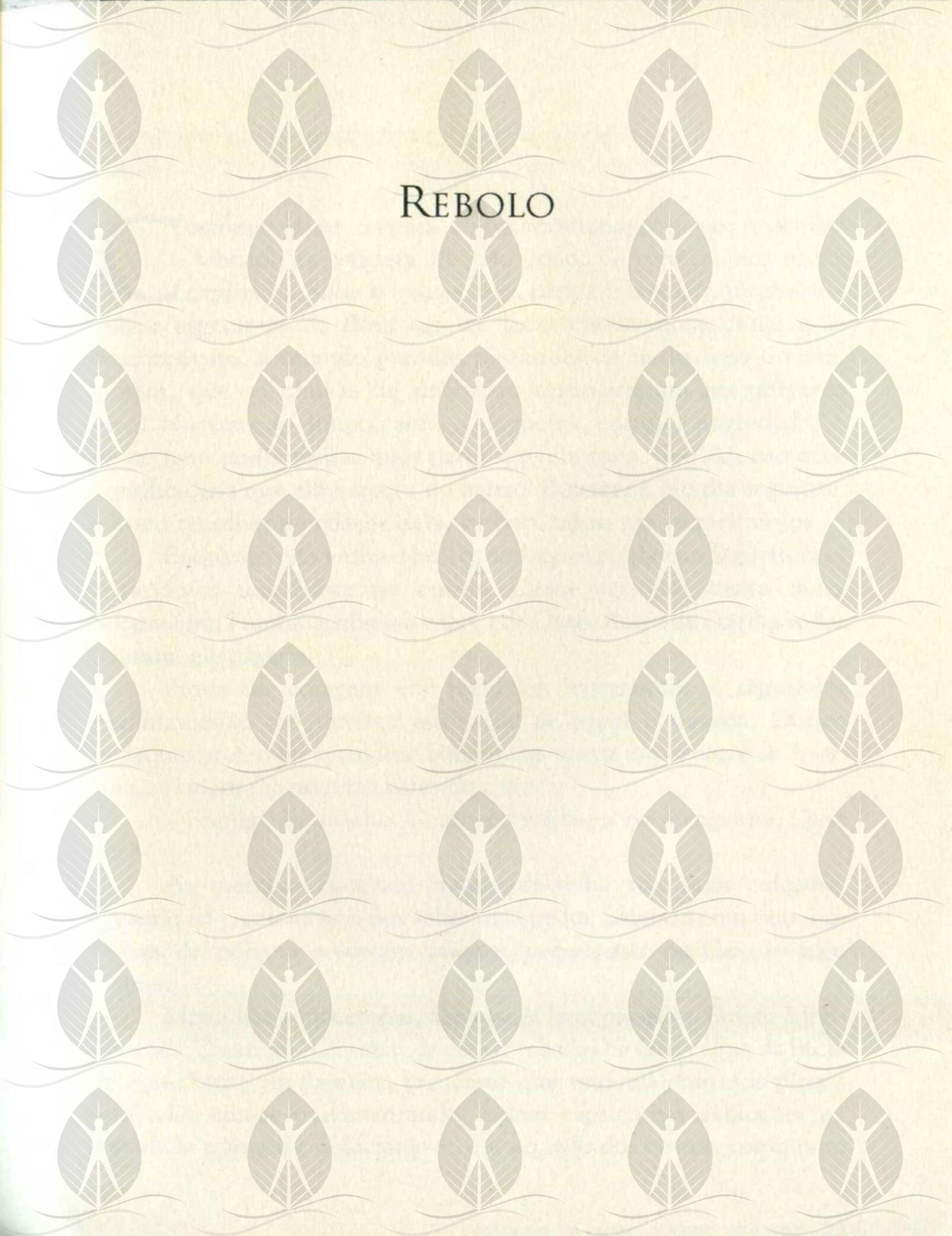
Os índios trocavam-se cacetadas, vaqueiros e rapazes-do-amo eram agora *boxeurs*. O padre fugiu logo com Catirina, os dois covardes. Socó investia furiosamente, dando marradas no boi adversário. Preto velho Severino ajudava os seus que fraquejavam, mas pedia paz. Em dado momento, gritou!

– Meu boizinho você não acutila, seu...

Soltou um palavrão e logo após libertava do peito o último gemido, fundo e pungente tão como as toadas que inda agorinha



puxava. Fundo e pungente e eloqüente tanto que a todos parou. Do coração rompido, brotava o sangue vivo que lhe empapava a vestimenta de lamê tão caprichada, debruns de arminho, cheia toda de espelhos e lantejoulas.



REBOLO

Costume já se tornara o boi homenagear seu padrinho Afonso, na véspera de São João. O terreiro era antes capinado. Salsa e mata-pasto, urtiga e buxuxu, jurubeba e outros espécimes da flora agreste local cortavam-se cerce e se amontoavam, formando grandes pirâmides de mato seco e terra, mortas, que as chuvas de dezembro reintegrariam no universo vivo. No terreiro limpo, ardia a fogueira, enorme engradado, a gente nem podia passar mais perto que chorava. Seu Afonso com orgulho dizia que era a maior do bairro. Bobagem. No dia seguinte, o povo recolheria pedaços dela, carbonizados, pra requeimá-los.

Enquanto não vinha o boi, os moleques estalavam foguetinhos, atirando-os uns sobre ou outros. Certa vez, por causa dessa brincadeira, Fuinha quebrou a cabeça de Gato. Raiva de Fuinha todos tiveram, ele pagaria.

Prova de coragem era riscar os foguetinhos e segurá-los resolutamente, até virarem estilhaços de papel e fumaça. Outros moleques preferiam aprisionar bombinhas acesas em canecos de leite, com os beijos fincados no barro do chão.

– Foguetinho macho. O caneco vai bater na mangueira. Quer ver?

As meninas riscavam traques-de-velha nas raras calçadas. Quando não, colocavam-nos sobre uma pedra; batendo com outra, as velhas de pólvora soltavam traques, pequeninas estrelas de fogo efêmero.

Mocinhas e mocetonas, algumas já bem passadas, faziam adivinhações. Casariam? Lágrimas de cera tombadas na face calma da bacia de água benta na fogueira, por certo que responderiam. Os pingos tombados iam-se movimentando, faziam caprichosas evoluções na superfície tranqüila, colocando-se uns ao lado dos outros, como num

quadro coreográfico. Respeitava-se uma presença invisível que, por sem dúvida, estava presidindo à consulta. Ninguém falava, enquanto não se desenhasse na face remansosa da água benta, uma letra, ou algo parecido. O vislumbre de letra, no entanto, explodia risos no rosto de todas. A felizarda era cumprimentada. Casaria. Parabéns! Cê! Quem será? Carlos ou César? Jota! João, Joaquim ou José? As que não obtinham resposta – os pingos não haviam assumido nenhuma forma alfabética – estas ficavam inconsoláveis. De ordinário, inconformadas, buscavam outras fórmulas divinatórias para contrariar a resposta da primeira, que tão cruel lhes fora. Às vezes, entretanto, apenas a confirmavam, dura verdade!

Velhos e moços passavam fogueira. Ali quase todos entre si tinham parentesco por esse modo. Fuinha era primo de fogueira de Gato. E fizera aquilo! Fuinha teria um castigo, o gelo da turma. Ou pior. Pagaria na mesma moeda. A fórmula sacramental deveria ser recitada ao mesmo tempo. E por três vezes. Pra valer a cerimônia, só se fosse repetida em três anos consecutivos. Seu Afonso, rico, já tinha dezenas de afilhados; sua mulher D. Felícia, também. E compadres às pencas. “São João disse, São Pedro confirmou, que havemos de ser compadres, pois Jesus Cristo mandou”.

– Boa noite, compadre!

– Boa noite, comadre!

Ezequiel, habilidoso, fabricava balões. A molecada gostava dele. Quando era tempo, Quié, como era mais conhecido, construía papagaios e os vendia a bom preço, a prestações até. Os balões de Quié se alçavam na noite, faróis alados, eram aplaudidos, subiam, subiam, até se transformarem em mera referência luminosa; depois desapareciam. Toda a gente ficava torcendo:

– Balão de Quié duvido pifar!

– Duvido quedar, duvido!

D. Felícia preparava aluá demais e também fazia sabe lá quantos quilos de bolo de macaxeira! Ela tinha fama em questões de paladar, dizia-se até que seu Afonso se deixara prender a ela, pela boca, como peixe.

Afinal, o boi dobrava a esquina, dois quarteirões adiante. Ainda não surgira o grupo e já o povo estava correndo para o terreiro, quem não queria pegar bom lugar? Só os moleques é que não se importavam. Corriam era ao encontro do bumbá, queriam sim era chegar dançando. A batucada mexia com eles.

Os brincantes enchiam o terreiro de cores berrantes, vestimentas de lamê barato, arminho, espelhos, miçangas, penas coloridas. Eram vistosas.

Exibição caprichada. Completa. Com todos os efes e erres. Tinha até o episódio da matança, que não era representado em todas as casas. Somente quem pagasse bem, teria exibição com matança. Seu Afonso, por exemplo. Além de padrinho, pagava bom preço pela língua do boi. E a fartura de comida? Exibição com matança, caprichada.

* * *

– Morto o boi, Pai Francisco – que no prosaico era pai de Gato – entrava em cena. Figura inconveniente, perguntava:

– Quem quer chifres?

Ingênuo, o povo ria escancaradamente. Catirina, que era o baloeiro Quié, justificava:

– Esse meu homem é doido...

Pai Francisco, no entanto, rouquidão postiça na voz, insistia:

– Como é gente, ninguém quer chifres?

Apontava para os cornos do boi. Monologava. Qualquer mortal poderia tê-los. Ele, por exemplo, a mulher lhe quisera presentear uns maiores – tamanho social, esclarecia. Catirina ouvindo, fingia-se de zangada.

– Deixe de ser besta, homem. Sou mulher de bem!

– De bem, hem? Cá meu trabuco, sim, é que é de bem.

Catirina avançava, mas Chico a continha, opondo-lhe a espingarda:

– Olha, olha que atiro. Já matei um!

Depois, ele se abaixava. ia pertinho do boi:

– Rabão bonito do meu boizinho. Chã da boa...

Apalpava voluptuosamente o traseiro do bumbá:

– O rabo eu não dou; a rabada é minha...

Então Catirina não agüentava e, apesar da espingarda, batia em Pai Francisco com uma ossatura de sombrinha:

– Apresentado! Te enxerga! Não vê que um rabão bonito desses não é pra ti?

Chico procurava safar-se dos golpes de Catirina. Apontava-lhe a espingarda, pegava no gatilho:

– Te quieta, nega! Te quieta...

Tudo inútil. Catirina estava furibunda. O jeito era correr. E Chico saía ziguezagueando pelo meio do povo, que ria de não mais poder.

As crianças é que, espavoridas, se agarravam aos pais. Algumas mais túbias, até choravam. Pai Francisco tinha uma barba e uma rouquidão na voz que lhes metia medo.

Ordem do amo vender a língua do boi à dona da casa. Pai Francisco deveria cumpri-la, não fora ele o matador do boi?

Boa noite, dona da casa,

Como vai, como passou?

Eu vim trazer-lhe a língua do boi

Que meu amo lhe mandou...

Antes, porém, vaqueiros e rapazes-do-amo, índios e demais brincantes, instigavam-no:

Chico, tira a língua

Chico, tira a língua

Chico, tira a língua

Não quer tirar...

Pai Francisco se justificava, não podia, a faca não cortava:

*A faca tá cega
A faca tá cega
A faca tá cega
Tem que amolar...*

Os moleques começavam a se escafeder. Eles já sabiam perfeitamente que chegara a hora de entrarem de gaiatos na representação.

*– Chico, tira a língua
– A faca tá cega.*

Havia que amolar a faca, os brincantes todos aconselhavam:

*Olê, olê, olê, olá
Pega rebolo para amolar...*

Aí é que a molecada dizia pernas pra que te quero. E saía rompendo a multidão, um vexame. Servir de rebolo era a suprema humilhação. Glória mesmo era nunca ter sido apanhado pra rebolo. Pai Francisco saía perseguindo, pega, pega, gritava o povo, aqui tem um! Os brincantes persistiam, açulavam Chico:

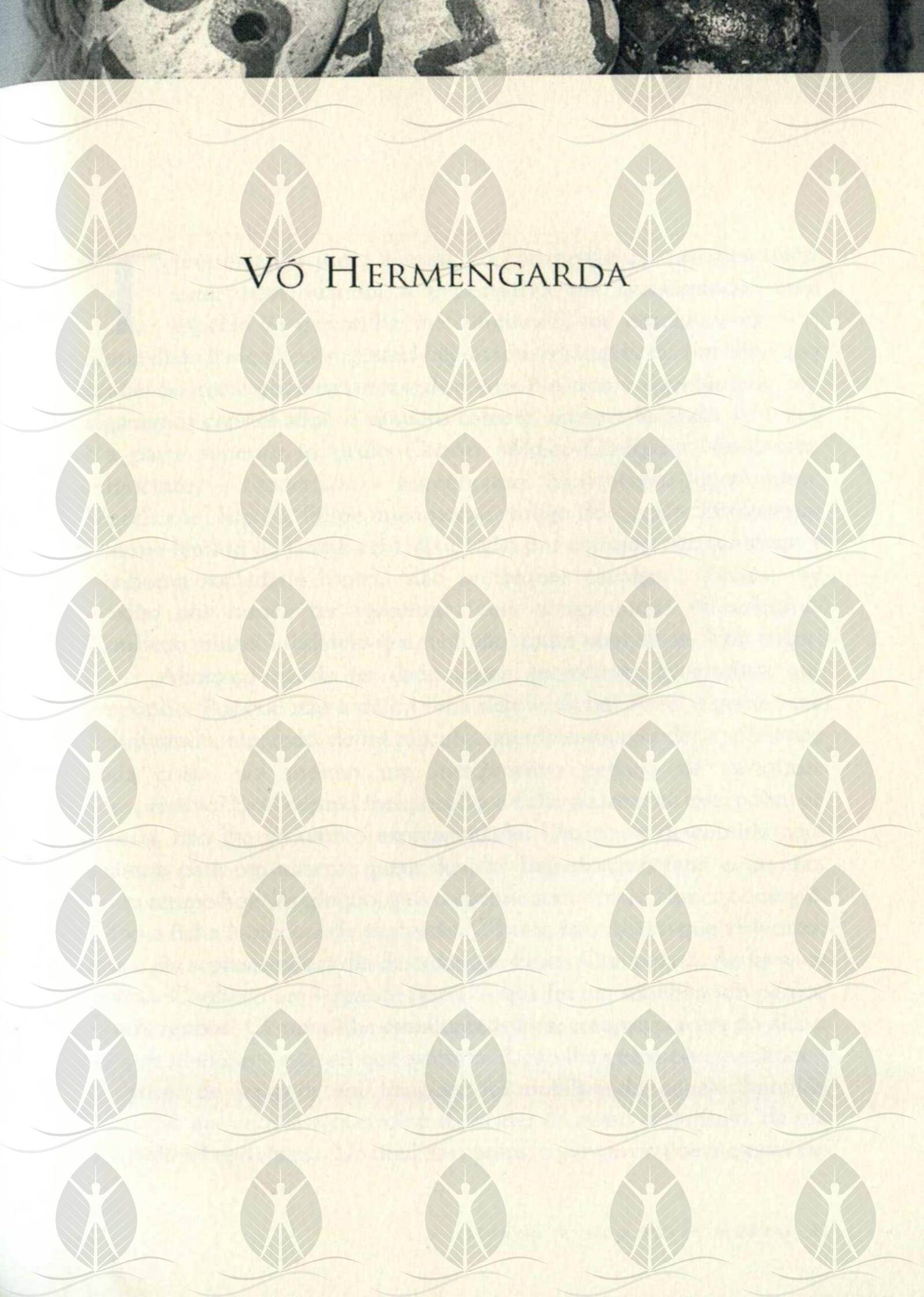
*Olê, olê, olê, olá
Pega rebolo para amolar...*

Quando se dava fé, lá estava um moleque esperneando, as nádegas voltadas para as estrelas, que eram numerosas e piscavam, e Pai Francisco afiando a faca, afiando, que pra tirar a língua do seu boizinho carecia faca bem amolada:

– Quieta, menino, quieta. Me deixa amolar bem o quicé...

Os moleques iam voltando, um a um, escabreados. E quando Chico largava a vítima, eles a cercavam:

*– Re-bo-lo! Re-bo-lo! Re-bo-lo!
Aquilo era gozação pro resto do ano.*



VO HERMENGARDA

Tivesse ainda junto a mim Vó Hermengarda, não precisaria estar aqui suando, a expectativa me consumindo, uma espécie de garrotilho me asfixiando, me entristecendo – o nome disso é medo ou angústia? Seguro um retângulo de cartolina que acabei de trocar por cinco notas de conto. No centro do retângulo, em algarismos caprichados, o número catorze, escapei fedendo do treze. Na parte superior, o título *Centro Médico-Cirúrgico Hipócrates*. Hipócrates – hipócritas! – hipopótamo, hipocampo, hipocondria, hipódromo, hípico, Filipe, meu nome: amigo do cavalo. Entretanto, não me lembro de jamais ter tido afeição por eqüinos, não pertencço a nenhuma sociedade hípica, não sei sequer cavalgar... Enfim, me perdôo por nunca ter respeitado esse compromisso etimológico. Conheço muitas Lindalvas que nem são lindas nem alvas. Têm culpa?

Aborreço-me de ter dado forma geométrica à cartolina que empunho. Por que não a defini uma simples ficha? Arre! a gente vive delimitando, medindo, definindo, procurando compreender, explicando cada coisa, até mesmo um inexpressivo pedaço de cartolina. Inexpressivo? Será mesmo inexpressiva a ficha ou serei eu que, pobre de estesia, não lhe vislumbro expressividade? Um poeta descobriria aqui matéria para um soneto, quem duvida? Experimento fazer o mesmo. Num tempo hoje longínquo, quis construir com versos. Nunca consegui. Olho a ficha à procura de expressão. Olho-a, mas tudo o que vislumbro é que ela representa um dia de ordenado bruto. Ora, bolas... Às favas os poetas. Conheço um – grande poeta! – que fez um soneto a um penico – sim, senhor! Chamou-lhe esmaltada ânfora, comparou a asa do dito a asas de libélulas – não sei que estranha ilação lhe gerou essa metáfora – e assim, de imagem em imagem, foi nobilizando aquele humilde utensílio que recebe o que sobra da avidez de nosso organismo, de sua ânsia de sobrevivência. No final das contas, o penico do poeta estava tão

alcandorado, tão dignificado, que eu seria até capaz de comer pudim servido nele.

A moça que me vendeu o acesso à sala do médico, parece-me aqui uma máquina caça-níqueis. Nunca vi um engenho tal, mas ela me dá bem idéia de como seja. Recebe o dinheiro, entrega à ficha, nem olha pra cara do freguês. Quando olha, é com tamanha indiferença que a gente se presume ainda mais pequenino e enfermo. É de pouca conversa, como ainda agora observei. Um miserável chegou cerca dela (o cacófato é de propósito) e perguntou:

– Se paga consulta?

Ela nem olhou, absorta que estava numa fotonovela.

– Cinco mil cruzeiros.

Dinheiro é o que ele não tinha, estava mais que claro.

– Moça, escute. Agora estou sem recursos, mas...

– Meu senhor, este Centro Médico é par-ti-cu-lar, entendeu?

Nisso o Dr. Estêvão ia chegando. O homem abordou-o, explicando-lhe que era pobre – redundância! – falou no ganho minguado e inelástico, o filho que sustentava a casa fora atingido aí pelos homens de primeiro de abril...

– Vá se queixar no Exército, ouviu? Isto aqui não é muro de lamentações. Não posso dar jeito, certo? Sou um profissional. Procure a Saúde Pública...

E foi-se afastando do miserável, já passavam dez minutos da hora marcada para o início das consultas.

Quando o homem se distanciou, a caça-níqueis balançou a cabeça:

– Aparece cada um...

Uns puxa-sacos – há-os em toda parte assentiram:

– Mas é... Que cabeça!

Eu aquiesci de outra forma, calando-me. Protestar coisa nenhuma! Falava, era obrigado a condenar a desumanidade destas estruturas, pronto. Lá ia, sem ser de água nenhuma, cair no torniquete de um ipemê, que talvez concluísse por minha periculosidade ao Ocidente e me despojasse da única coisa que ainda tenho: o emprego

no Ministério. Posto pudesse me sentir orgulhoso pela súbita importância que assumiria (já pensou no que significa para um pobre-diabo ser considerado perigoso à segurança de todo um hemisfério?), nada meu gesto aproveitaria. Os Estados Unidos – louvados sejam! – continuariam aqui pondo governos e dispondo deles e eu morreria de fome, coisa que, aliás, entre nós, não é lá muito singular. E os ianques ainda eram capazes de fazer cocô (vó Hermengarda me inculcou o hábito das expressões eufêmicas) na minha sepultura, só para eu deixar de ser besta. Teria adiantado falar?

Foi quando me lembrei novamente de vó Hermengarda. Aquele homem, fosse ela a moça ou o médico, não sairia daqui sem medicação. Logo, estou certo, ela o acudiria com um chá, feito de qualquer mato, raiz ou casca de pau, para curá-lo. Isto se não fosse caso de reza, pois vó Hermengarda era também exímia e poderosa rezadeira. A velha rezava quebranto e ladainha; padre-nosso e espinhela-caída; ave-maria e erisipela, que também era esipra na sua linguagem.

Cristão com ela, justo ou pecador, não morria à míngua. E nem precisava pedinchar socorro. Bastava que ela soubesse que o pobre estava enfermo.

Me lembro do dia em que dei um jeito no pé. Eu sempre fui um sujeito azarado. Nunca tinha jogado futebol, uma vez me meti, foi só pra escangalhar o pé. Voltei a casa caxingando, o pé começando a crescer. Vó Hermengarda me viu, que tem meu filho Filipe menino? Examinou. Deu o diagnóstico a olho nu, rapidamente: carne trilhada. E logo me ordenou:

– Vá buscar uma agulha virgem pra ajeitar seu pé. Só serve virgem!

Trouxe a agulha, virgem como ela recomendou, pelo menos a supunha como tal, mas quem me garante hoje que ela já não conhecesse alfinete? A velha tomou de um pano e foi cosendo-o, como se de meu pé se tratasse. Enquanto costurava, ia sussurrando umas palavras que não cheguei a entender, tão baixo ela as proferia.

A espaços, por três vezes, me inquiriu:

– Que costuro?

E eu, fiel às instruções que previamente me transmitira, respondia:

– Carne trilhada, nervo torcido...

A fé me curou, ou as massagens da velha, ou ainda a sua reza. Pode ser que as três coisas juntas. A verdade é que fiquei bom, ao cabo de poucos rituais daqueles, não me lembra quantos. Como bons ficaram, aliás, todos os adultos e crianças em que ela rezou.

Recordo que mau-olhado a velha rezava, fazendo aspersões no inocente, com galinhos molhados de arruda ou vassourinha. Assim também esipra, a parte afetada recebia salpicos de água do seu hissope vegetal.

Um dia supliquei vó Hermengarda me ensine a rezar! Recusou não posso Filipe menino. Explicou que havia recebido as orações em sonho e com a recomendação de não transmiti-las a outrem, sob pena de perderem a força. Mas sua simplória medicina, era pra quem quisesse aprender. Tenho ainda de cor diversos remédios. Nada de nomes complicados, híbridos de grego e português, português e latim, latim e grego, um de tais idiomas e engenho comercial. Dimetilaminofenildimetilpirazolona, jamais! Nomes singelos, remédios baratos, acessíveis a todos, miseráveis e pobres, remediados e ricos. Chá de quebra-pedra, dizia, não tem igual para os rins. Erva-cidreira ou folha de laranjeira, em infusão, ótimas bebidas como calmante. Insônia? Ora, tome chá de oriza, vó Hermengarda receitava. Chá de broto-de-pitangueira recomendava, não há remédio mais santo para ligeira, ou seja, disenteria, como depois aprendi. Dor de cabeça? Você pega folhinhas de mucuracaá, unta de sebo de Holanda e cola nas têmporas, mudo meu nome se não ficar bom. Parece que ouço a voz da boa velha.

Vó Hermengarda se gabava de ter curado um tísico só com gemada de folhas de algodoiro ou de mastruz. Alternava, para quebrar a monotonia do tratamento.

– Abaixo de Deus, seu Jeremias ficou bom com meus remédios.

Imagino o espanto da velha, se visse aquele cartaz ali: *Campanha Nacional de Prevenção ao Câncer*. Nomear doença ruim, que temeridade! Mal de matar, a velha não dizia, dizia o quê! Usava um termo genérico: doença feia. Era a alusão mais ousada que permitia. Especificar doença feia, ensinava, era chamá-la pra dentro de casa. Certa vez, vizinha Anita adoeceu: câncer. Vó Hermengarda ajudou a assisti-la até o fim. Um dia voltou para casa, desolada:

– Vizinha Anita não escapa. Que doença malvada, já comeu tudo isso aqui.

Abrangeu com um gesto a região direita do próprio seio, mas logo retificou apavorada:

– Lá nela, credo! Coitada da vizinha.

Vó Hermengarda. Se o enfarte não a tivesse levado, talvez me poupasse esta mortificante espera...

– Número catorze.

– Número catorze? A senhora chamou o número catorze? –
dirigi-me à caça-níqueis.

Ela me respondeu que sim, balançando afirmativamente a cabeça, mas distante, álgida, sem despregar os olhos da fotonovela. O médico está vexado:

– Vamos, rápido.

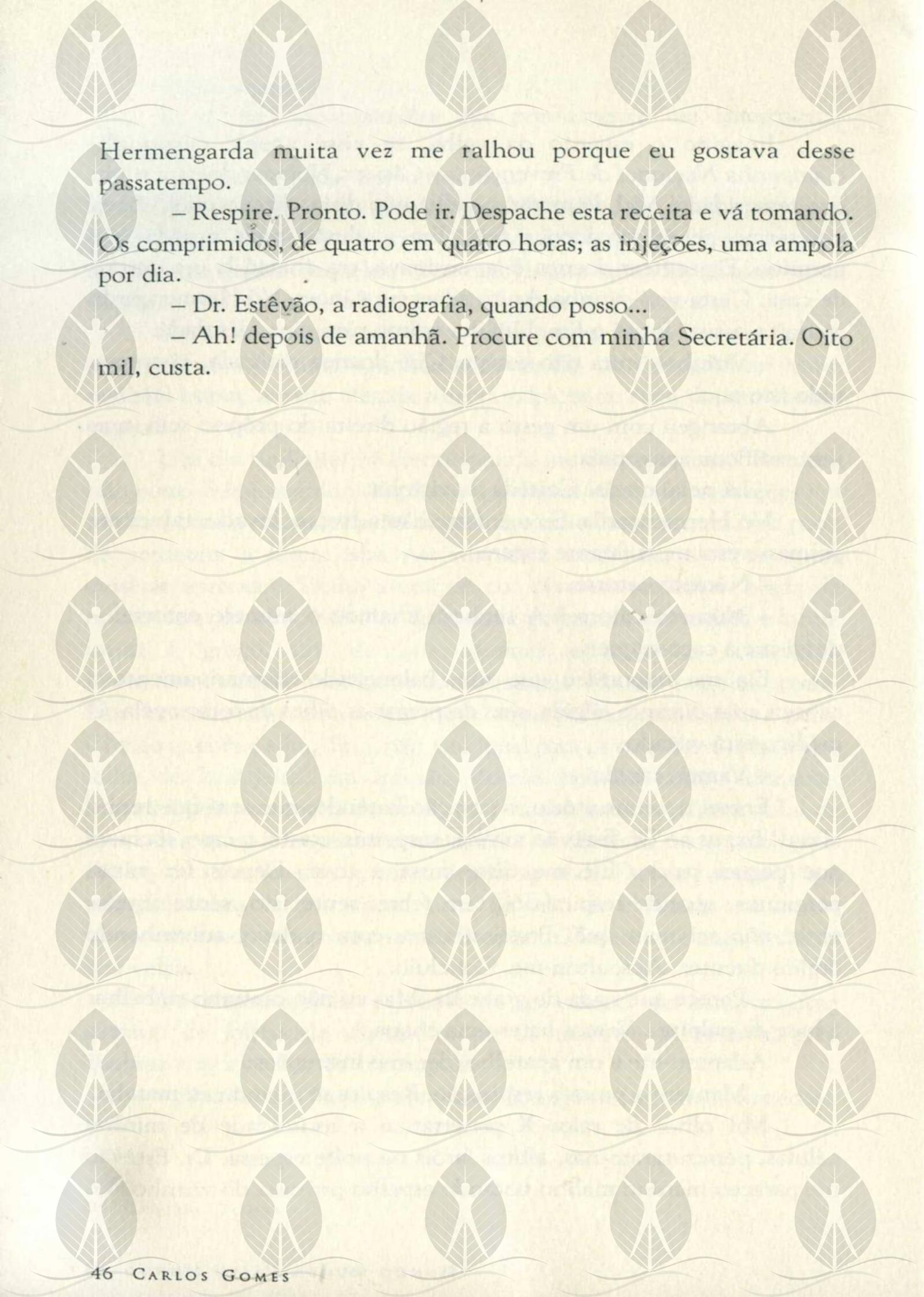
Entrei no consultório, o coração batendo, que será que tenho afinal? Expus ao Dr. Estêvão minhas suspeitas, contei o caso, a chuva que peguei suado. Ele me disse tussa e tossi. Depois fez várias perguntas, quando respira dói, tem febre, sente isto, sente aquilo, sente não sei mais quê? Pressionou-me com o dedo, adivinhando órgãos doentes. Auscultou-me. Concluiu:

– Parece que nada de grave há. Mas eu não costumo trabalhar à base de palpites. Vamos bater uma chapa.

Adaptou-me a um aparelho, deu-me instruções:

– Mantenha presa a respiração. Respire só quando eu mandar.

Mil olhos de raios X penetraram a intimidade de minhas células, perscrutaram-nas, aflitos faróis na noite espessa. Dr. Estêvão me pareceu menino malino botando espelho pra casa do vizinho. Vó

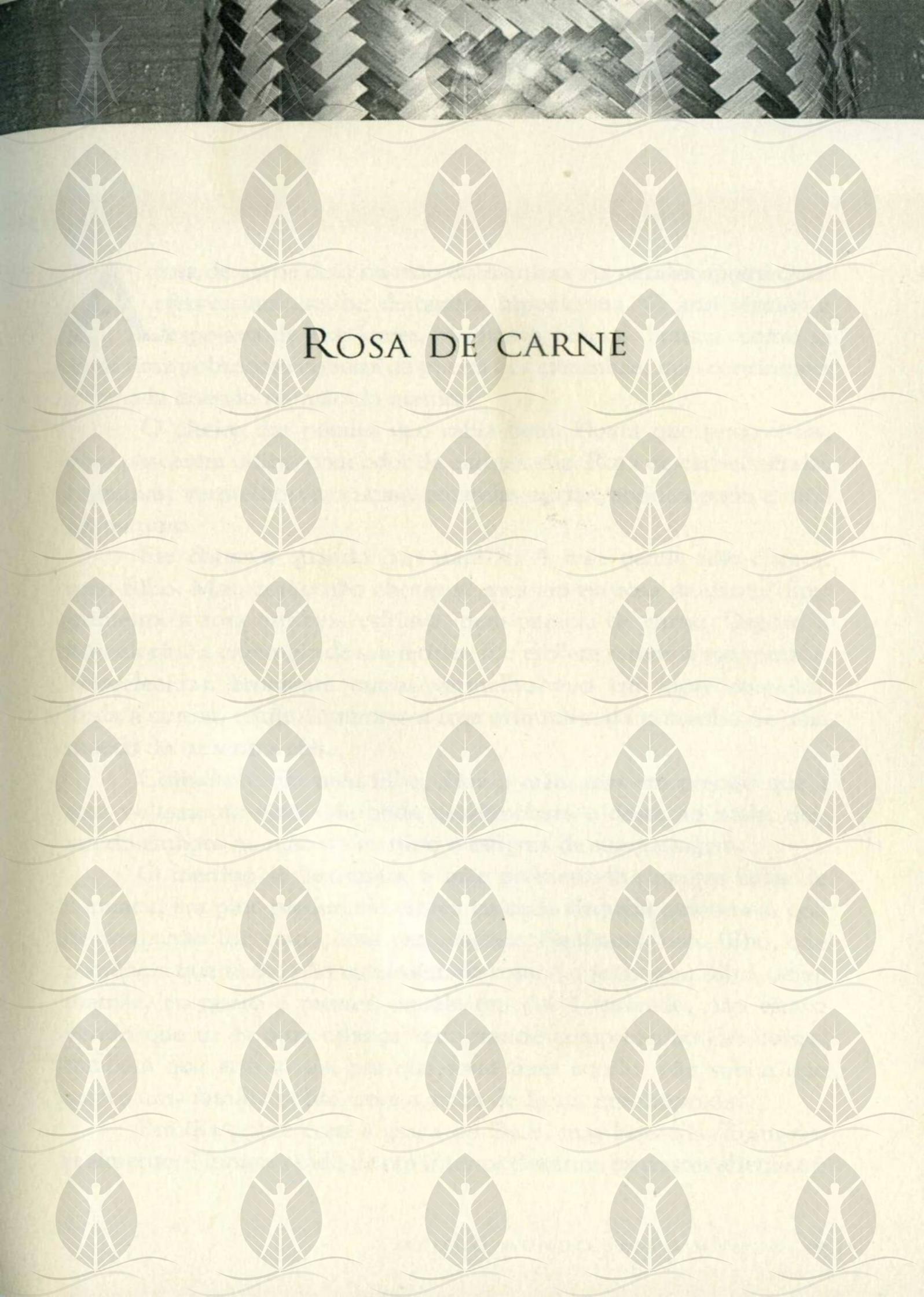


Hermengarda muita vez me ralhou porque eu gostava desse passatempo.

– Respire. Pronto. Pode ir. Despache esta receita e vá tomando. Os comprimidos, de quatro em quatro horas; as injeções, uma ampola por dia.

– Dr. Estêvão, a radiografia, quando posso...

– Ah! depois de amanhã. Procure com minha Secretária. Oito mil, custa.



ROSA DE CARNE

A rosa de carne doía na mão do menino. As pétalas apodrecidas efervesciam, se lhe deitassem hipoclorina. O anti-séptico a despojava de suas cores, ela ficava branca, branca, como se fosse uma pobre rosa coberta da poeira dos caminhos, mas continuava a danada doendo na mão do menino.

O cheiro das pétalas não sabia bem. Havia que removê-las, para nascerem outras com odor de carne sadia. Rosa de carne, pétalas humanas, vermelho-vivo umas, amarelas outras, apodrecendo a mão do menino.

Ele chorava quando iam tratá-la. A mãe gemia não chores, meu filho. Mas, como não chorar se mexiam na rosa de carne? Éter primeiro, a rosa esfriava, esfriava, nem parecia de carne. Depois, a hipoclorina a expungia de sua fetidez. E o estilete removia suas pétalas amarelecidas, brotavam outras vermelho-vivo em lugar daquelas. Toda a corola, então, lembrava a rosa primitiva, do tamanho de uma moeda de trezentos réis.

Coitadinho do meu filho, dizia a mãe, mas era preciso que a rosa voltasse ao botão de onde desabrochava e deste ao nada, deixando embora na mão do menino o estigma de sua passagem.

O menino se lastimava, a mãe prometia-lhe muitas balas de cupuaçu, era pior porque ele estava enjoado daquela guloseima, que de resto não lhe trazia boas recordações. Paciência, meu filho, que paciência que nada, não mexessem na rosa, é o jeito meu filho, deixe mamãe, eu quero é morrer, aquele teu pai é malvado, não estava vendo que tu és uma criança sem grande compreensão das coisas, também que arte a tua, pra que foste fazer aquilo, não sabias que somos uma família pobre, com a graça de Deus, mas honrada?

Família pobre com a graça de Deus, mas honrada. Eram-no, realmente. Tinham vindo de um interior distante, os trastes alienaram

lá mesmo, para custearem os primeiros meses na cidade. O chefe esperava conseguir emprego, não conseguiu. Viviam de vender balas de cupuaçu, o marido às vezes pegava biscates, a mulher também lavava roupa pra fora. O menino ajudava na pequena indústria doméstica, ele já sabia muito bem quando a pasta estava em ponto de bala, mas enquanto não, reparava o tacho que queimava sobre o fogão de barro comedor de lenha verde. Depois vestia as balas, quase sempre mil, de papel vegetal. E tudo pronto, ainda era ele que saía para distribuí-las pela freguesia de subúrbio, a cesta pesando nos ombros magrinhos, pesando, pesando, o menino arriava onde quer que encontrasse parceiros para jogar bolinha com caroço de tucumã, ele era temido na pontaria. Pelada antigamente ele também jogava em serviço, mas teve de deixar, desde uma surra que lhe aplicou a mãe, por ter voltado para casa rasgado, sujo e suado, fedendo a moleque. Então ele não tinha pena do sacrifício da mãe? Era pouca a roupa que ela molhava, batia, esfregava, ensaboava e punha a corar todo santo dia, era pouca, ele achava, pra voltar naquelas condições? Vida desgraçada aquela, viver lavando os fundos dos outros! E ainda por cima sem meio cento de balas, ele voltava. Não via que eram pobres, embora com a graça de Deus, não vê, diabo? não vê, diabo? Arre, assim não tem cristão que agüente!

Agora, a rosa de carne doendo em sua mão, o menino havia sido dispensado de certos serviços. Não de reparar o tacho, que ninguém como ele tinha a intuição do ponto de bala da pasta, nem mesmo a mãe, que lhe transmitira aquela simplória ciência. O pai achava ruim o menino não poder vestir as balas nem distribuí-las, achava, mas não se arrependia, isso não. Fizera seu dever, queria lá esperança de ladrão em casa, ele homem pobre, com a graça de Deus, mas honrado? E olhe que havia tolerado muito, ponderando certas coisas, pois já fazia então bastante tempo que andava desconfiado de trapanças daquele moleque! Os fregueses vinham reclamando, faltaram dez balas em cem; pra mim, quinze, outro dizia. Ele se desculpava, atendia prontamente às reclamações, só queria o seu, era pobre, com a graça de Deus, mas honrado. Depois, porém, ficava matutando, que

diabo, eu conto as balas tudo direitinho, que é que está acontecendo? Será que os fregueses estão me enganando? Não, não podia ser. Seus fregueses eram homens de bem, negociantes! Tinham nada precisão de andar questionando sem motivo por dez ou quinze balas? Aquilo era coisa de menino, ninguém lhe tirava da cabeça, menino é bicho arteiro! Ah! mas se fosse seu garoto, ele lhe pagaria, dava-lhe um ensino. Eram pobres, com a graça de Deus, mas honrados. Assuntava. Verdade que nem sempre se come bem, nunca se janta, é só café com pão, e olhe lá que ainda se ganha de muita gente! Antigamente, tinha-se manteiga e leite, à noite. Mas, de uns tempos pra cá, tornou-se impossível esse luxo de leite e manteiga, você não vê que tá tudo pela hora da morte? O açúcar e a fruta custam os olhos da cara. Um cupuaçuzinho assim, do tamanho de um ovo, está por duzentos cruzeiros! Já se foi o tempo que caboco era besta e vendia tudo por pouco mais ou nada. Mas, fosse como Deus é servido, não carecia andar com trapaças para viver. E logo quem, com safadezas, seu filho, envergonhando-o por aí, a ele, homem pobre, com a graça de Deus, mas honrado! Humilhação muita sentiu, naturalmente, quando a freguês bateu à sua porta, furibundo, acusando o menino de ter-lhe surrupiado uma nota de conto, a única que no momento estava na gaveta, e não fazia muito, porquanto a recebera de um devedor que mal dera as costas. “Pois seu baleiro, foi tudo tão rápido, enquanto fui lá dentro buscar a lata pras balas. Seu menino é sagaz, ligeiro, um verdadeiro rato, me desculpe à expressão”. “Estou ciente, o senhor não vai se queixar do pequeno duas vezes, vou confessá-lo. Se foi ele, lhe restituo o dinheiro e já sei o que faço”. Chamou o menino, vem cá, bonito pra tua cara, o freguês te chamou de rato, onde está o dinheiro, não fui eu não papaizinho, não me bata, papaizinho, não me bata. Mas peia, sem ser santo, obra milagres. E o menino acabou confessando que só gastara quinhentos cruzeiros, em sanduíches e refresco, o outro meio conto estava escondido no porão. Traga o meio conto, seu condenado, sem-vergonha, ordenou. Mulher, eu quero aquela moeda de trezentos réis antiga, que vais fazer homem com o menino? Vá buscar a moeda, deixe comigo o resto, esse desgraçado vai

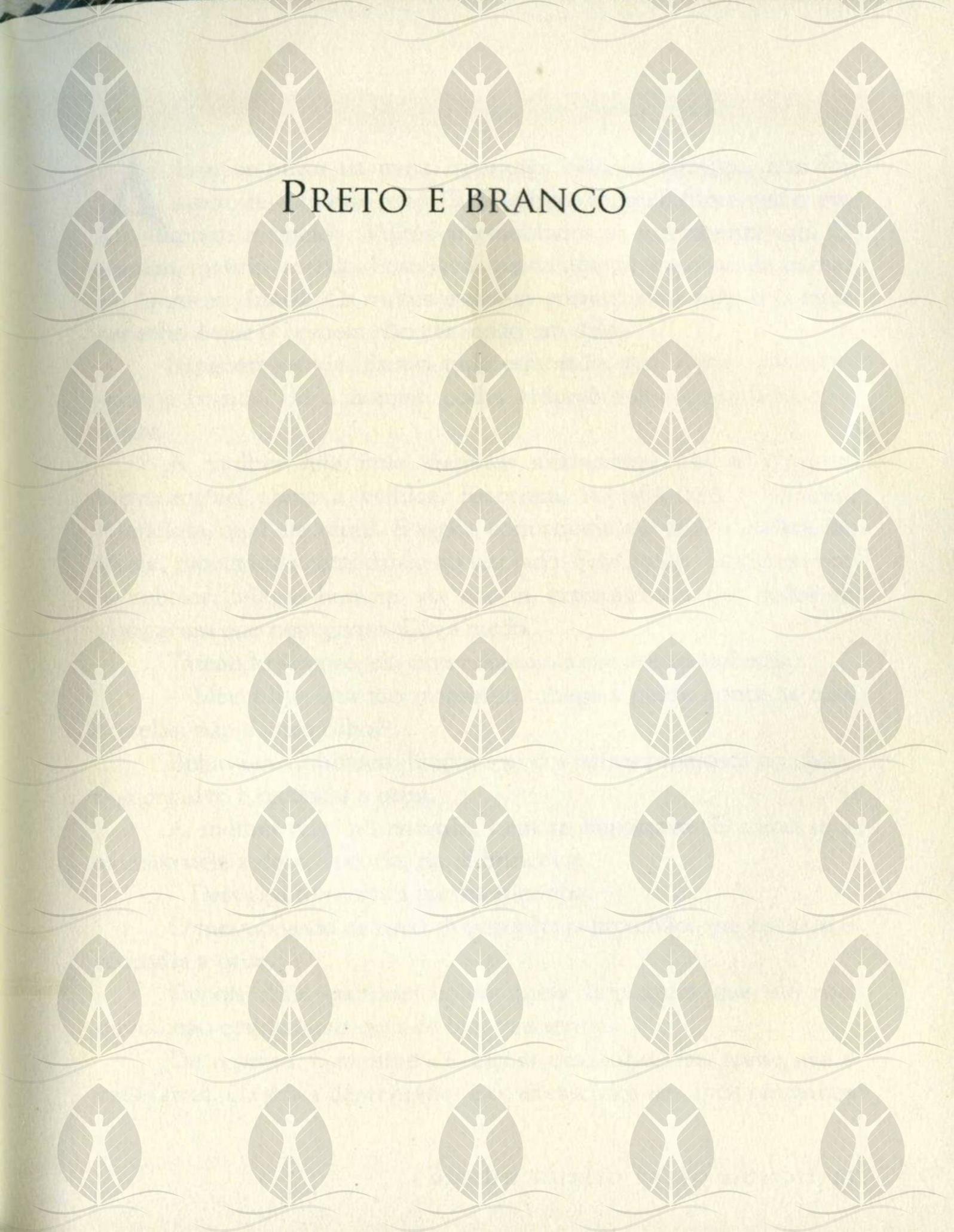
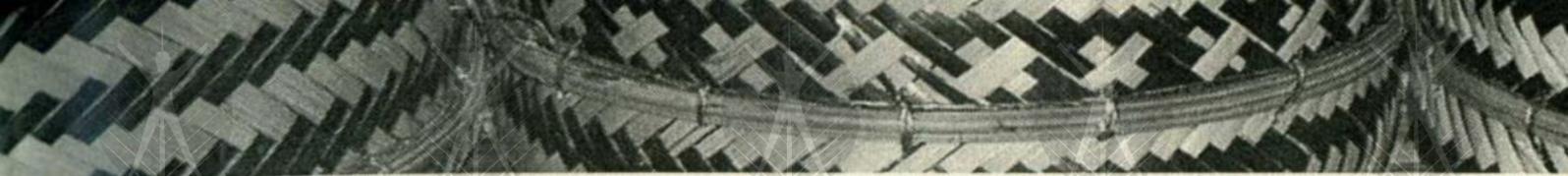
ser exemplado, não estou para mais tarde sofrer humilhação pior que a de hoje. O menino não tem compreensão, marido, não quero ladrão em casa, mulher, você me conheceu pobre, com a graça de Deus, mas honrado.

Pôs a moeda no fogão de barro comedor de lenha verde. E quando obteve um pequenino disco incandescente, a mulher não faça isso homem, que é judiação. Mas ele, não quero saber de nada e cunhou a mão do menino, marido nosso filho tinha fome, tu sabes que o comer aqui e magro, mulher, eu também como pouco e não ando furtando ninguém, ai, eu morro papai, isso é pra tu aprenderes, patife, que no alheio não se mexe.

Meu filho, tá doendo? Tá doendo, mamãe, vamos botar remédio, meu filho, que remédio, que nada mulher, deixa de adulação, menino mimado perde a vergonha, marido pode empolar e virar ferida, eu quero mesmo que fique a marca mulher, pr'ele se lembrar sempre de que somos pobres, com a graça de Deus, mas honrados.

E assim a carne se fez rosa que agora doía, apodrecendo a mão do menino. Ai, mamãe, paciência, meu filho, o enfermeiro a senhora deveria ter cuidado há mais tempo, por que deixou isso ficar assim?

E o estilete continuava retocando a rosa, em lugar das pétalas amarelecidas, brotavam outras vermelho-vivo. O menino se lastimava ai, está doendo, mas o enfermeiro seguia no seu ofício de sarar a rosa. Era preciso que e ela voltasse a botão e daí a nada, deixando embora o estigma de sua passagem pela mão do menino pobre, com a graça de Deus.



PRETO E BRANCO

Abriu os olhos na meia escuridão. Não os esfregou, mas foi como se o tivesse feito. Tudo esfumado, qual filme velho em preto e branco. Vultos atormentados se movimentavam. O homem, mesmo jazendo, bracejava, queria desembaraçar-se da trama, me larguem. Inútil. Os vultos estavam entranhados nele e o mais estranho é que o homem não era senão um deles.

Ninguém os via. Estava tudo esfumado, qual filme velho em preto e branco. Só o homem podia vislumbrá-los. Eram lerdos os vultos.

A mulher feia fazia trejeitos aliciadores. Ela se chegara imperceptível como a velhice. Escorrera, licorosa, até o homem. Silenciosa, qual um réptil. E agora, com aquela sua maleabilidade de fêmea, procurava acomodar-se ao seu lado. Suas mãos apascentavam os cabelos dele, o homem via que as extremidades dos dedos se alongavam que nem garras. Dava medo.

Tateando sempre, ela expendia uns comentários imbecis:

– Meu filho está tão magrinho, chega a gente conta as tuas costelas, não é, meu filho?

Beijava-o. O homem limpava-se dos beijos pegajosos no chão, que era alvo e recendia a oriza.

A mulher feia, no entanto, nem se importava. E como se a aversão dele a divertisse, ria, ria. E brincava:

– Deixa eu te passar a minha peçonha.

O mesmo gesto de nojo. A peçonha ia pro chão, que era alvo e recendia a oriza.

Depois dizia qualquer coisa, numa linguagem que ele não ouvia, não era de ouvir nem de ver, mas sentia.

De repente, o menino de feições desconhecidas, começava a catar arroz. Os grãos degenerados e os encascados iam pros pintinhos

que a mulher feia enxotava, xô, diabinhos, xô! Os pintinhos se dispersavam, piu-piu, mas logo voltavam, a galinha ródia na frente, cacarejando incongruências. O menino desaparecera. O alguidar de arroz nas mãos do homem, a mulher queria tomar-lhe, mas ele protestava:

– Quem separa o joio do trigo sou eu!

Seu protesto era tão eloqüente, que a galinha se sumia, os pintinhos raceados também. Só a mulher feia persistia, mas oh! o homem não lhe via mais o rosto, via só mulher e fêmea. Ela se chegava mais e mais, o rosto não era mais visto, só mulher e fêmea se via, mais e mais se chegava, envolvente, maleável. Seu corpo dúctil se adaptava ao do homem, a costela de Adão se acomodou em seu primitivo lugar. A princípio a adaptação constrangeu, o ponto ótimo de plasticidade não fora ainda atingido. Depois, as pernas se encontraram, posto continuassem nervosas. As diferenças se ajustaram. Houve uma conciliação geral. Só as mãos da mulher continuavam propiciando o homem, se bem que agora agoniadas de sua mudez, eram mãos de náufrago buscando o algo e encontrando o nada.

A mulher o beijava, sua boca não tinha mais peçonha, os beijos não eram, como dantes, atirados ao chão alvo, recendendo a oriza. Uma boca sôfrega os absorvia.

Quando os corpos estertoraram, o homem cadê a mulher? Desaparecera. E ele ficou se exaurindo sozinho no chão alvo recendendo a oriza, onde um gato enorme o observava. Os olhos do gato o feriam:

– Sape, gato!

O gato franziu a cara, tirou da maciez as unhas afiadas, deu um tapa na meia-claridade de filme velho em preto e branco e se fundiu na escuridão. Só os olhos de estranhas pupilas ficaram brilhando. Sape!

Novamente o tapa no escuro, as unhas tentando atingi-lo, as mãos agora não eram mais do gato, e sim da mulher outra vez feia.

la dizer “você de novo!”, mas observou que se enganara. Não era a mulher feia, não, não. Ali estava um menino moreno, tal ele, que, embora menino, falava grosso como ele, os mesmos modismos, o mesmo acento, como se tivesse no aparelho fonador um disco com a voz do homem.

Apressou-se em agradá-lo, todavia recuou. Não. Os olhos esquisitos, aquela retina escorrida borrando a íris, o nariz grosseiro, a fisionomia tosca da mulher ridícula estava impressa, como uma decalcomania, no rostinho do pobre menino. Vôte!

– Escuta, então era você que dava aquelas porcarias pros meus pintinhos?

O menino não disse palavra, mas o homem entendeu-lhe o riso de mofa.

– Vá-se embora! Você com esta cara... Suma-se!

O menino deu uma gargalhada ferina e saiu, parecia que estava cavalgando, tal a mulher ridícula. Deixou o jornal no chão alvo recendendo a oriza. Ah! o jornal – lembrou-se o homem.

“Presa, ontem, perigosa vigarista que desde muito vinha atuando no seio da sociedade local, onde era tolerada graças à facilidade que demonstra para o mimetismo. Trata-se de Alegria Malasartes dos Santos...”

– Alegria Malasartes dos Santos? Não, não conheço.

Mas o *close-up* retificava, conheces, sim. Os olhos de retina escorrida borrando a íris, a fisionomia tosca da mulher ridícula, não havia tergiversar. Eram as mesmas!

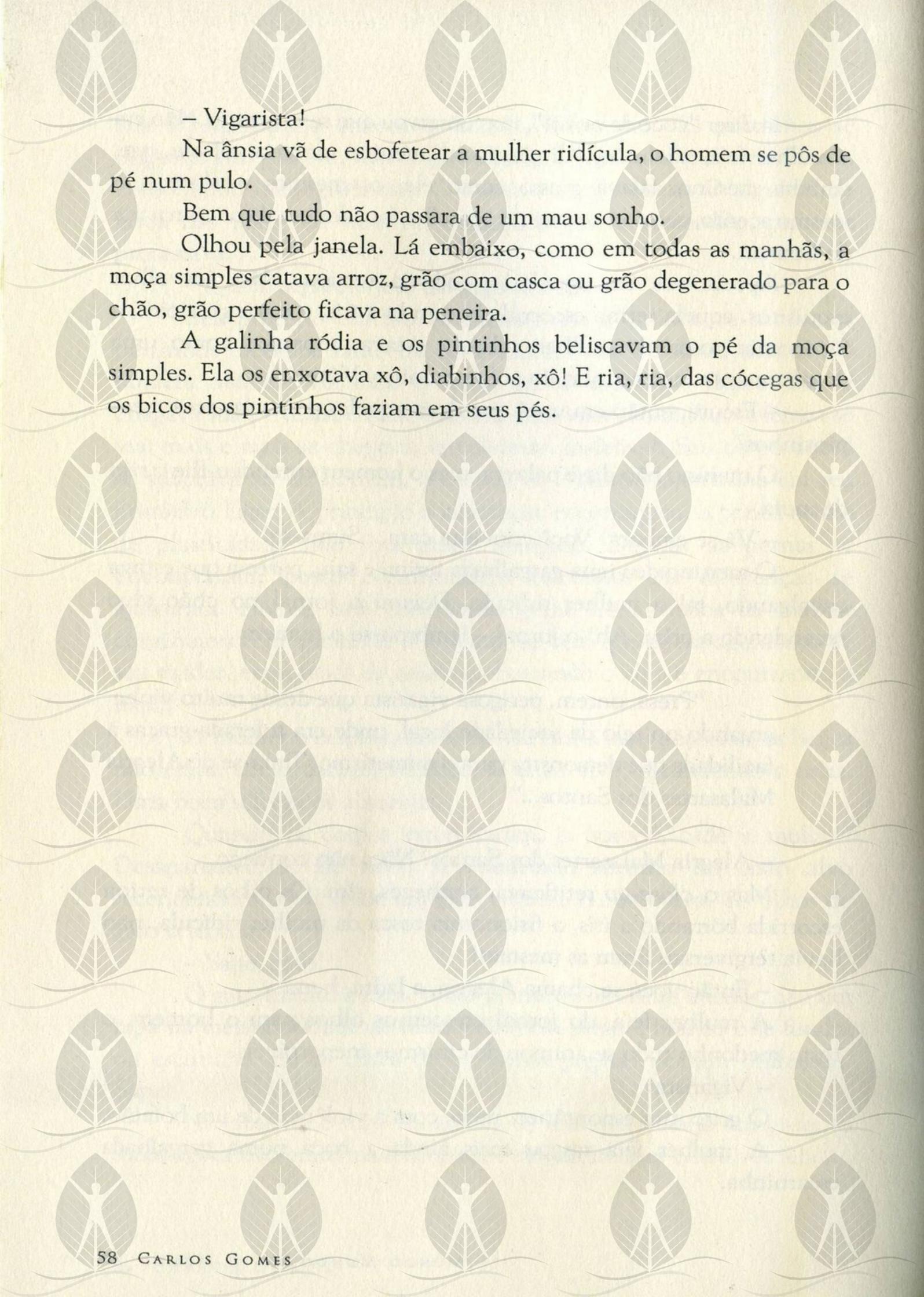
– Então você se chama Alegria, a ladra, hem?

A mulher feia, do jornal cresceu os olhos para o homem, o rosto medonho todo se animou de cinismos inenarráveis.

– Vigarista!

O grito saiu espontâneo, puro, com a violência de um bofetão.

A mulher feia rasgou mais ainda a boca numa gargalhada escarninha.



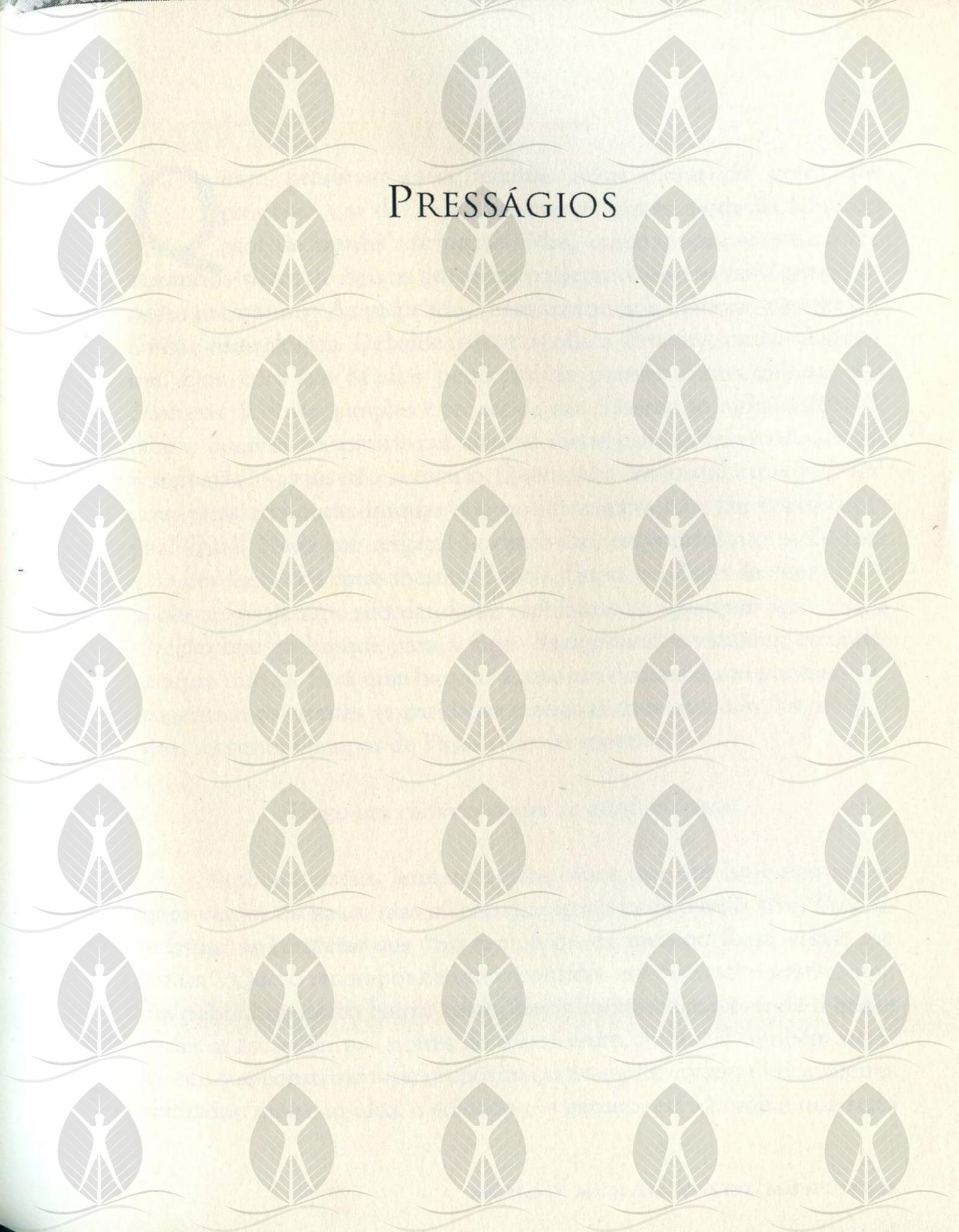
– Vigarista!

Na ânsia vã de esbofetear a mulher ridícula, o homem se pôs de pé num pulo.

Bem que tudo não passara de um mau sonho.

Olhou pela janela. Lá embaixo, como em todas as manhãs, a moça simples catava arroz, grão com casca ou grão degenerado para o chão, grão perfeito ficava na peneira.

A galinha ródia e os pintinhos beliscavam o pé da moça simples. Ela os enxotava xô, diabinhos, xô! E ria, ria, das cócegas que os bicos dos pintinhos faziam em seus pés.



PRESSÁGIOS

Quero preservar estas minhas mãos claras do gesto que pressinto um dia, completamente loucas, poderão fazer em prol de minha afirmação. Mas, como posso, se vislumbro estranhos *slides* de figuras grotescas projetando-se em meu tempo de ocaso prematuro? As pálpebras, mãos carinhosas, tentam impedir-me a visão teratológica. Debalde fechar os olhos. Procuro, então, distrair-me. Dou com um Moacir pendente da parede. Sinto que aquelas criaturas de tinta, simples e felizes de sua miséria, se movimentam e falam, querem transmitir-me alguma mensagem – de revolta ou de resignação? –, mas não as escuto. Quem sabe um jornal inconformado com estas estruturas iníquas que nos esmagam, não me restituísse a paz? Qual! Nada me resgata. Levanto-me, esquadrinho o ambiente, giro em torno de mim mesmo. Inútil. Estou insulado de tempo. Os *slides* se projetam, sucedendo-se rapidamente, qualquer que seja a direção que eu busque para a fuga. *Background* invariável: estranha criatura mítica. Será uma harpia? Penso em declamar um poema. Não afugentam os crentes as entidades malignas com uma simples oração? Mas, somente Campos de Figueiredo sei repetir:

Trago um cadáver podre às minhas costas.

Procuro, então, lembrar certos olhos que até hoje não sei se eram verdes ou azuis, mas afirmo que iguais nunca mais tive. Preciso recordar as histórias que “no tempo de eu menino Rosa vinha me contar”. Quero recompor cenários perdidos em distâncias gastas, uma rua pobre, um certo bairro triste, havia muitos lugares onde a gente podia se esconder nas noites de trinta-e-um, alerta! E também sítios parece que construídos de propósito para a gente encenar brincadeiras alienadas, mãos-ao-alto, o soldado e o gatuno, eu não sabia que tudo

aquilo vinha de fora para nos adaptar. Consigo recordar o cajueiro. Seus frutos carnudos e sumarentos, mal adoleciam, eram possuídos por quem primeiro os vislumbresse. Havia um marco de posse, um saco de papel em que os envolvíamos, para mais rápido amadurecerem. Ninguém ousava desobedecer àquela norma consuetudinária, autêntica aplicação do *uti possidetis*, que mais tarde iria encontrar, como princípio jurídico, nos compêndios de História. E a velha mangueira, saci de perna curta e grossa, em seus galhos potentes a gente meninos do mesmo sangue armávamos o trapézio (balanço por outros chamado) para recepcionar a garotada... Que é feito dela? Será que ainda existe? Onde? Em que parte de mim ficou tudo isso e por que sem forças bastantes para superar esses *slides* de seres atrofiados que se projetam diante de meus olhos em *Background* mitológico? Pressinto impossível o esforço, vão. Sempre o estranho universo de corpos defectivos, no fundo fantasmagórico a harpia (agora já está tão nítido que posso asseverar que o é, realmente), fazendo trejeitos, como se zombassem das próprias monstruosidades. Uma tapa de pálpebras nos olhos, eis que se dissipam as projeções horrendas. Mas, é só um instante, uma fração de tempo infinitesimal. Logo as visões estão de volta, e cada vez mais agressivas. Angustiam-me, tenho medo de suas mãos mutiladas, olhem a harpia! enxerguem a harpia! eu sinto vontade de dizer tira a máscara... e não posso policiar a vontade:

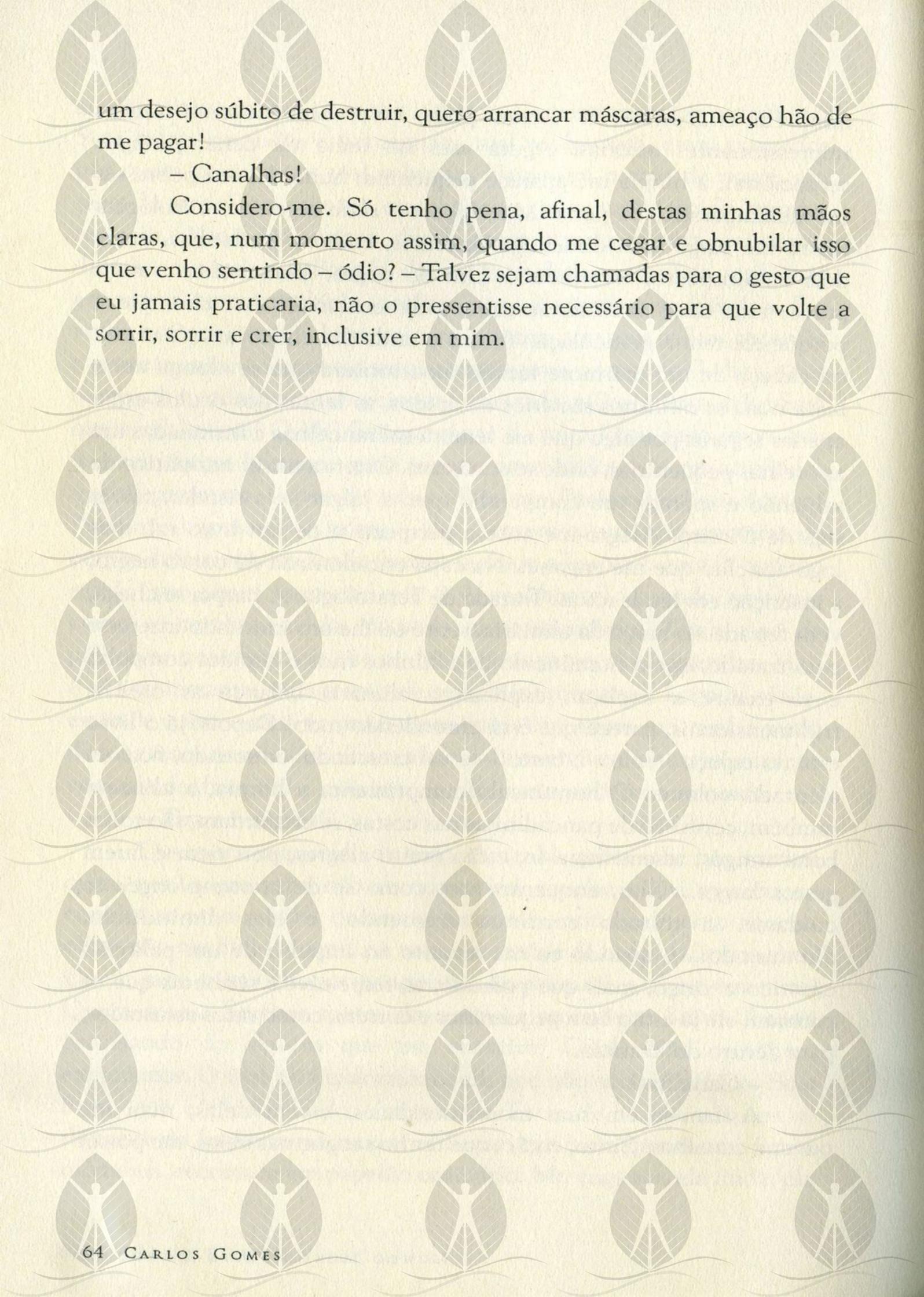
– Tira a máscara!

Quero-me esquecido de tudo. Amanhã quem sabe não sorrirei outra vez, quem sabe não reencontrarei aqueles olhos que nunca concluí se eram verdes ou azuis, quem sabe principalmente aqueles olhos não me dirão te amo, na mais expressiva de todas as linguagens? Quem sabe o cajueiro, a mangueira não voltarão a florir em mim? Quem sabe... Sorrisos tristes de quem se reconhece finito. Estarei precisando de alguém que me exorcize? Qual! Não creio em exorcismos. O mal está exatamente em que não sou metafísico. Se o fosse, que cômodo! Tudo entregaria a Deus. A harpia, eis que se destacou do *background*, estranho! Pensei que fosse apenas uma figura momesca, recortada em papelão ordinário. Me enganei, ela anda, ela

fala, ela ri... Incrível! Como pode viver alguém com tantas impressionantes atrofias? Agora está no meio da cena, *plongée* sensacional, a harpia me aparece pequenina; humilde, um pobre ser tão desamparado, dá pena. Mas, logo no *slide* seguinte, mitológica figura me surge com dimensões enormes, embora medonhas, entre dois circunspectos cavalheiros. Um de negro, exatamente o mais grave, tem umas orelhas de asno tridimensionais, eu acho que é porque ele tem a gesticulação frouxa e tarda das alimárias... O outro, na cabeça de um mármore luzidio uma tonsura que se alonga até a testa nua, os olhinhos são frios e cúpidos, as lentes dos óculos estão apenas seguras por algo que me lembra sobrelhas continuadas até as orelhas pequeninas, onde se enroscam. Ostenta um ar antipático de sabichão e sobraça um compêndio que, a julgar pela sisudez, talvez seja de Direito. Alegro-me ante a perspectiva de um livro tal, mas logo concluo que me enganei. Na capa encadernada de couro negro, a inscrição em letras roxas: Tratado de Teratologia. A harpia se chega, vem ferrada no braço da alimária, sente-se-lhe um inusitado interesse pelo tratado, que o homúnculo de olhinhos frios e cúpidos compulsu e se exaure a explicar, explicar, a alimária balança as orelhas tridimensionais, parece que está entendendo tudo! Depois, já o livro está no espaço – solto. Liberto! – e vai crescendo, crescendo, fica um alentado volume. O homúnculo cumprimenta a harpia, a alimária também, confusão de pancadinhas nas costas, se chafurdam, são todos bons amigos, assemelham-se, estão muito alegres, pois riem e fazem gestos largos... Mas, enquanto isso, como se de *contre-plongée* se cuidasse, o tratado continua crescendo, e eles diminuindo, diminuindo... e quando eu me levanto ao impulso de um palavrão cáustico e xingo, mais que possosso, as respeitáveis senhoras que os pariram, ele já estão bem pequeninos e correm, como ratos assustados, para dentro do Tratado.

– Canalhas!

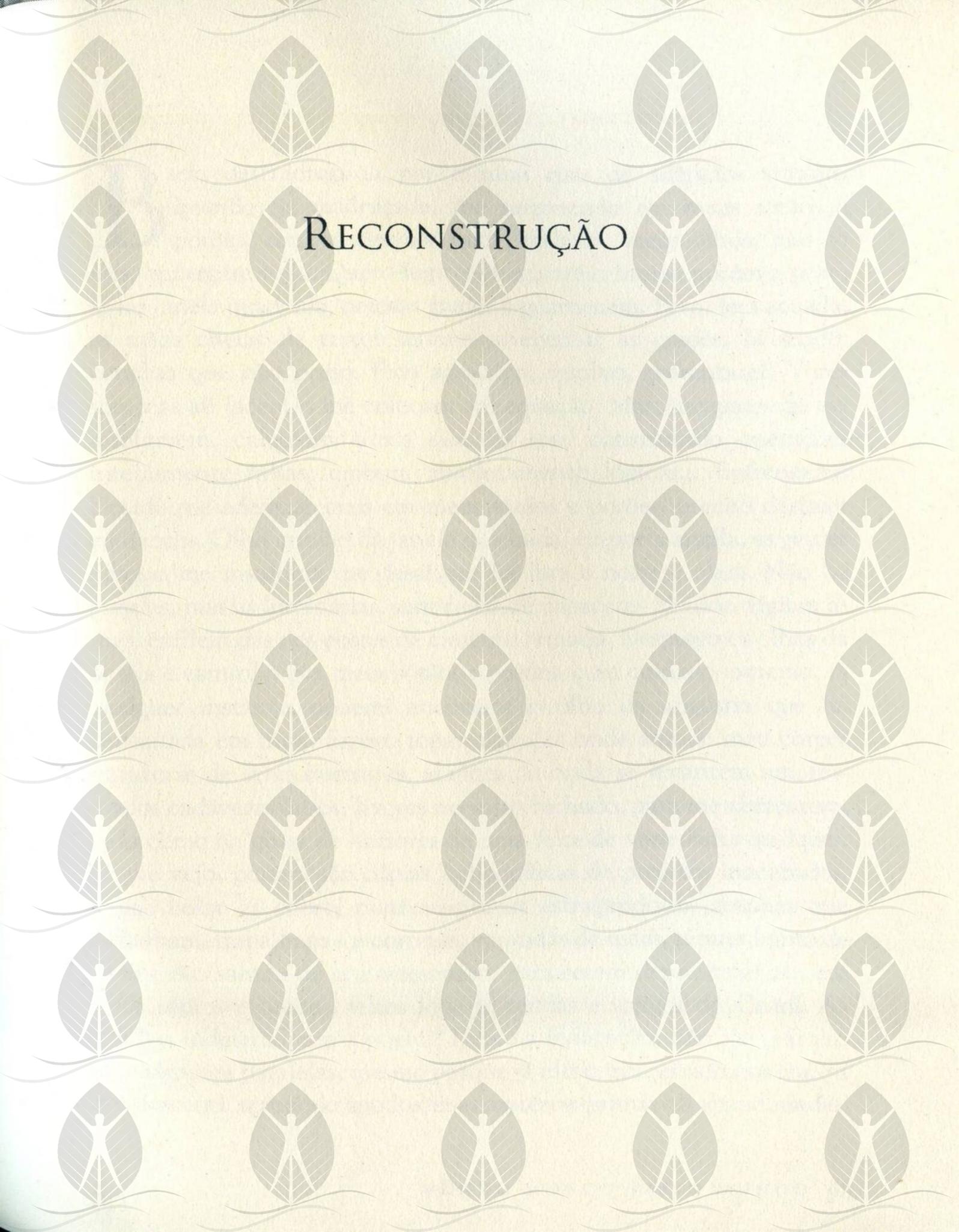
Asilam-se em suas monstruosidades, vivem delas, nem me ouvem, canalhas! Sinto, então, que tenho sangue nas veias, me possui



um desejo súbito de destruir, quero arrancar máscaras, ameaço hão de me pagar!

– Canalhas!

Considero-me. Só tenho pena, afinal, destas minhas mãos claras, que, num momento assim, quando me cegar e obnubilar isso que venho sentindo – ódio? – Talvez sejam chamadas para o gesto que eu jamais praticaria, não o pressentisse necessário para que volte a sorrir, sorrir e crer, inclusive em mim.



RECONSTRUÇÃO

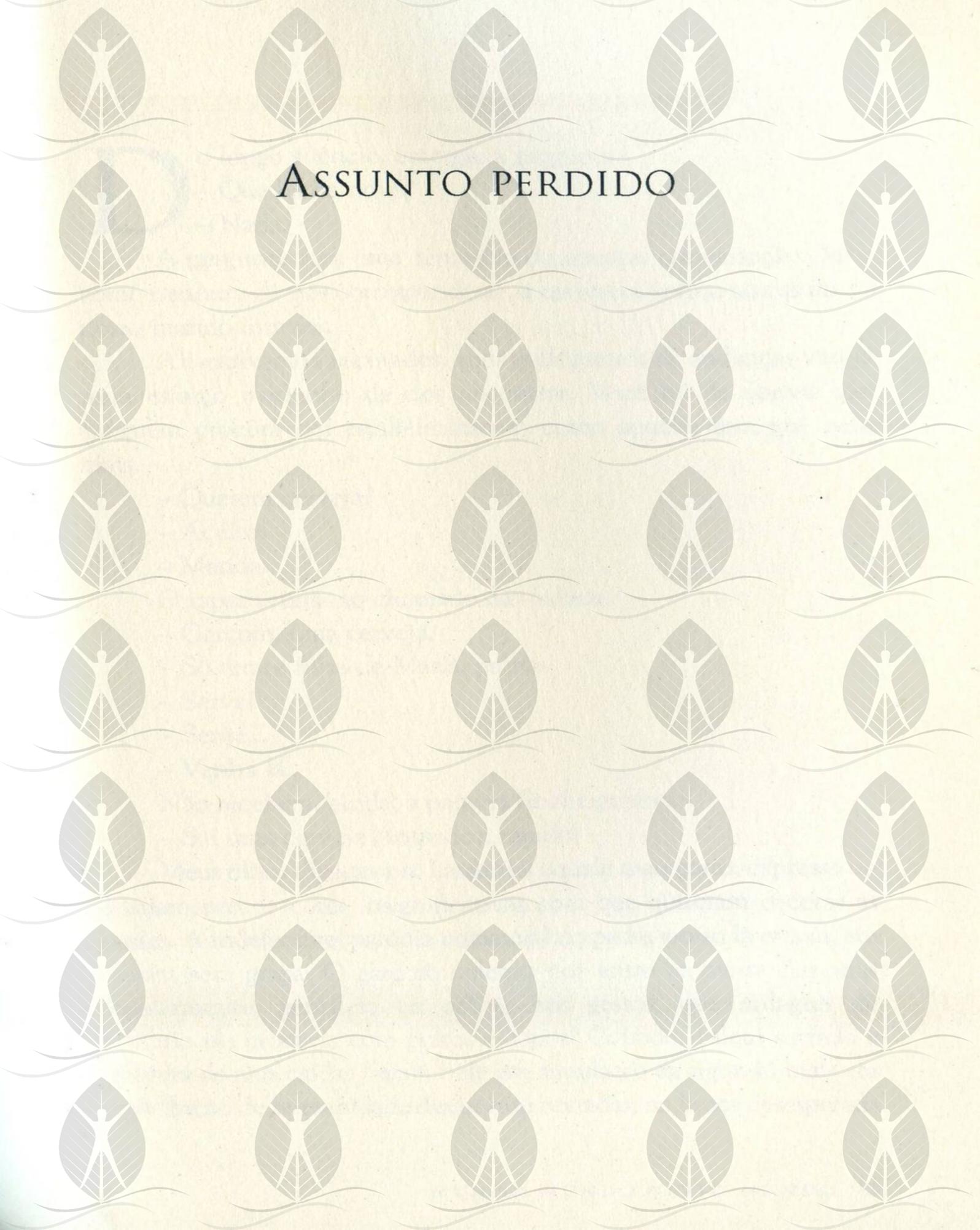
Bem descuidado ia por minhas ruas de silêncios abissais, quando, já madrugada, me surpreendo em meus sótãos e porões, escuros desvãos onde, todavia, meus olhos, mas só eles, enxergam tudo. Quero fugir e chego até o limiar, porém a porta se fez janela quadrada, odiosas grades a guarnecem. Paro, fera acuada, as mãos cheias de terror tentam arrebentar as grades. Já suado, concludo que não posso. Fico agressivo, resolvo, enfrentarei! Vozes soturnas ali jacentes me colocam em equação. Mas, incapazes de me resolverem, calculam o xis que eu sou, construindo operações inteiramente falsas, embora absolutamente lógicas... Enfrentarei! Decido me adentrar mais em meus sótãos e porões, preciso desfazer equívocos. Olho através da janela quadrada, ex-porta ampla, as grades odiosas me insultam, me desafiam. Lá fora a noite é clara. Não há estrelas, mas as luminárias, sentinelas de capacetes lúcidos, vigiam as ruas, enfileiradas nos postes de cimento armado. Desprego os olhos da janela e caminho por meus sótãos e porões, com cuidado extremo. A qualquer instante, poderei encontrar o olho da angústia que há depositada em mim. Espero topar alçapões onde afunde meu corpo, estruturas de seres humanos, ataúdes de onde se levantem amortalhados cadáveres falsos, livores no rosto bichado, para me abraçarem, tudo como na gruta de horrores de uma feira de variedades qualquer. O que vejo, porém, são cópias heliográficas de projetos inacabados, muito bolor as cobre, matérias-primas estragando-se, aranhas que trabalham, trabalham – e cortinas, varandas de redes, tênues lianas de poeira vão saindo de seu artesanato, para serem depositadas ali, em meus sótãos e porões, feitos loja de rendas e artigos do Ceará. As aranhas industrializam a poeira? Deixo a indagação, não me permito investigações paralelas, mesmo porque já estou interessado nos cupins que descobri, tentando apodrecer as matérias-primas ali abandonadas.

Saprófitos! Fragmentos em desordem, só fragmentos, nada há inteiro, tudo mutilado. Maquetes destruídas, pedaços de horizontes, como se apenas um dia houvesse decorrido da convulsão. Os registros. Onde os meus registros? Quero emudecer as vozes soturnas que me encarceram numa equação. Rebusco meus sótãos e porões para encontrá-los. A procura é penosa, mas os descubro afinal. Examino-os escrupulosamente. Velhos registros e outros que envelhecerão, não me acusam débito algum. Saio para a ofensiva. Eis o que buscava, a prova. Mostro meus registros às vozes soturnas. Elas os esquadrinham e, como são irrefutáveis demais, escarnecem. Como *ultima ratio*, argumentam são falsos. Não posso conter a indignação. “Não sou apologista do inverossímil”, digo-lhes. “Inacreditável, você...” Já sei o que vão alegar. Por certo que me colocarão no comparativo. Apresso-me em responder: “Não sou unidade de produção em série, não fui concebido numa linha de montagem, como um automóvel ou um liquidificador, não sou maquinofatura, sou homem!” Elas me escutam surpresas, parece que refletem. Aproveito para arrematar: “Há verdades que sabem a mentiras e mentiras que sabem a verdades”. Depois lhes peço mil desculpas pelo sabor conceptista da frase e fico pensando se não me poderão tomar por algum ridículo autor de máximas. As vozes se calam, mas ainda assim lanço um desafio: “Submetam-me ao *lie detector*!” Sinto-me alado, alegro-me. “Se devo, concludo vitorioso, é a mim mesmo, que me fiz ruína, eu que me autocompromissara, porque detesto coisas acabadas, de jamais sequer me inaugurar”. Uma aragem refresca agora meus sótãos e porões, nuvens muitas de poeira atravessam a janela ex-porta e a noite as carrega não sei para onde. Sigo caminhando agora mais despreocupado, quando dou em meus sótãos e porões, bem de onde emana o meu desencanto, com uns escombros, cada vez mais escombros. São de meus sonhos, reconheço-os. Vicejam neles ervas daninhas, urtigas e outras, onde era para crescerem rosas. Sinto que revivem, apesar de escombros. Condôo-me deles, que quiseram ser através de mim, pobre arquiteto que não soube – ou não pôde? – construí-los. Percebo, todavia, que súbito adquiriram individualidade,

agora independem de mim, eles é que me manipulam. Arrependo-me de os ter concebido. Sim, por que os criei? Por que permiti que se organizassem tão vigorosos? Por que os fiz tão belos, cirros a muitos anos-luz de mim mesmo? Dialogam comigo. Desejam ser. Abrem o projeto diante de mim. Hesito. Adiantará erigi-lo? Reconheço ingente a tarefa, talvez superior às minhas pobres forças. Precisaria, para concluí-la, avalio, de uma outra vida, em que pudesse começar com o *handicap* de todas as sofridas experiências desta que provavelmente já me vai ao meio. Ah! meu projeto ficará inconcluso, lamento. Não será mais inconsútil, eu sinto. As pedras – pedras? – guardarão vestígios de catástrofes, cicatrizes incruentas, não haverá mais prótese capaz de as dissimular, sei. Mas, pressionado por meus sonhos, tentarei a reconstrução. Tomarei pedra por pedra, cegamente, religiosamente de acordo com o projeto originário. Mourejarei no cálculo de novas estruturas, as bases agora hão de suportar a construção. O erro primitivo estava no alicerce, nem toda a matéria-prima era à prova de sabotagens. Feito isto, sei, nada mais conseguirá reduzi-lo a este montão de destroços de que ora participo em meus sótãos e porões. Hei de trabalhar como um louco na reconstrução, prometo. Meus sonhos, que a tal me forcem, me darão alento. Pouco importa que a última pedra não possa ser colocada antes do último dos meus dias.



ASSUNTO PERDIDO



Do longo silêncio, emergiu a pergunta:
– Que há de novo?
– Nada.

A pergunta fora uma tentativa de encetar conversação. Mas, como nenhum de nós correspondesse, a conversa voltou ao casulo do nosso mundo interior.

Ali estávamos ancorados, após quilômetros de andanças vãs, já num esforço medonho de nos encontrar. Você há de convir que ninguém procura um estabelecimento como aquele, sem quê nem mais.

– Querem cerveja?

– Aceito.

– Manda.

O rapaz acudiu ao chamado das palmas.

– Garçom, uma cerveja.

– Só temos filha-de-Maria, patrão.

– Serve?

– Serve...

– Venha lá.

Não recebera, ainda, a palavra final e gritava:

– Sai uma cerveja Antártica, rápido!

Meus olhos divagavam. Lamentei aquele mau gosto, expresso no esbanjamento de cores insignificativas com que quiseram decorar as paredes. A indefectível paródia comercial do padre-nosso lá estava, em moldura sem graça. O garçom coleava por entre as mesas dispostas irregularmente, gentileza *ex officio* nos gestos, que milagres de equilíbrio ele produzia com pratos e copos! Coitado: paletó surrado e borboleta de asas caídas faziam nele um simulacro de rigor. O mais era aquela fração de humanidade discutindo nonadas, na busca desesperada

da solução para seus problemas, pelo secular (e cômodo) método étílico.

O anti-homem...

– Tens cigarro?

– Minister.

– Tens cigarro?

– Continental.

– Me dá um Continental.

Enquanto o cigarro ardia na comissura do indicador com o médio, enxergava os transeuntes. Ah! um aparelho de fotografar pensamentos... Que flagrantes! Aquele ia preocupado talvez com a doença do filhinho. Como arranjar todo o dinheiro necessário para as despesas cirúrgicas e hospitalares? Ou será que deduzia fórmulas para robustecer seu patrimônio? Este, cabisbaixo, aposto que remoía problemas sentimentais. Adultério, fora da namorada, paixão irrespondida, quem sabe? O homem magro, de paletó fora da moda, sobraçava enorme pasta, onde talvez se achasse a preocupação de muita gente. Lá passou o padre, com seu *pocket-book* debaixo do braço. Bem-intencionado, quem duvida que buscasse uma solução teológica para a crise social? A irmã de caridade cruzou com a prostituta.

– Tás vendo aquela dona?

– Qual?

– Aquele ali, rapaz, de saia aderente e blusa decotada.

– Ah! sim. E daí?

– Puta longeva. Tem uns duzentos anos de sacanagem.

A conversa caiu novamente em ponto morto.

Como uma miragem, a mulher bonita dobrou a esquina. O mutilado ainda lá estava, estendendo a mão ao altruísmo dos seres. Certa vez, ouvi-o soltar um palavrão para alguém que, afrontando-o involuntariamente com a pleniposse de todos os órgãos, sentidos e funções, lhe havia negado a esmola chorada.

– Garçom...

– Vem cá: é garçom ou garção?

– Tanto faz. Que se danem os galicófbos. Não tenho *parti pris* com termos estrangeiros, venham de que latitude vierem.

– E com o capital estrangeiro?

– Admito-o em setores onde não baste o capital nacional, desde que esvaziado da filosofia do carapanã: encheu, voou.

– Garçom, outra... Como diz você?

– Filha-de-maria.

– Sim, outra filha-de-maria.

A estudante passou, morta de juventude. Livros levava, mas era coisa secundária, até mesmo para ela.

– *Saint Tropez* te proteja!

– *Saint Tropez*?

– Sim, o protetor dos transviados...

Madame desfilava com seu *bull dog*, que poderia ter *pedigree* (quem discute?), mas era controlado por uma corrente.

Um garoto cruzou subitamente a rua. Longo gemido de freios. O menino atravessou a barreira de curiosos, muito lívido, mas lampeiro, ostentando uma indiferença invejável ante a morte, que estivera iminente.

De repente, um de nós se lembrou:

– Que desastre, hem?

Referia-se a um desastre de avião que houvera há poucos dias. O aparelho desabara do céu, como uma ave porventura atingida pela força de gravidade.

Era evidente que a catástrofe viera à baila como tábua de salvação para o assunto perdido.

– Se apagou todo mundo.

– Triste.

– Deveras.

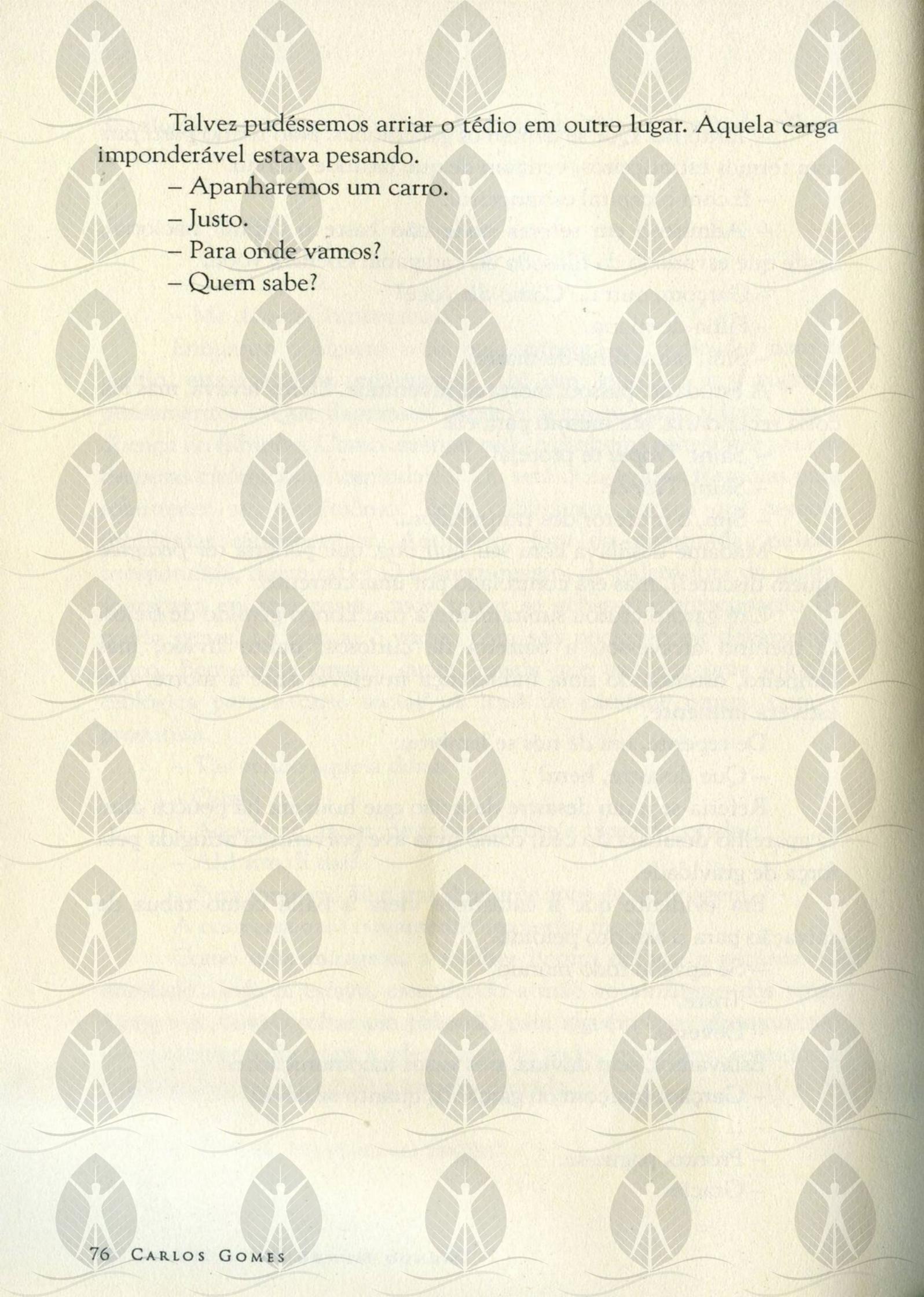
Estávamos, sem dúvida, três vasos incomunicantes.

– Garção, (garçom ou garção?), quanto se deve?

– ...

– Pronto, pague-se.

– Gracias.



Talvez pudéssemos arriar o tédio em outro lugar. Aquela carga imponderável estava pesando.

– Apanharemos um carro.

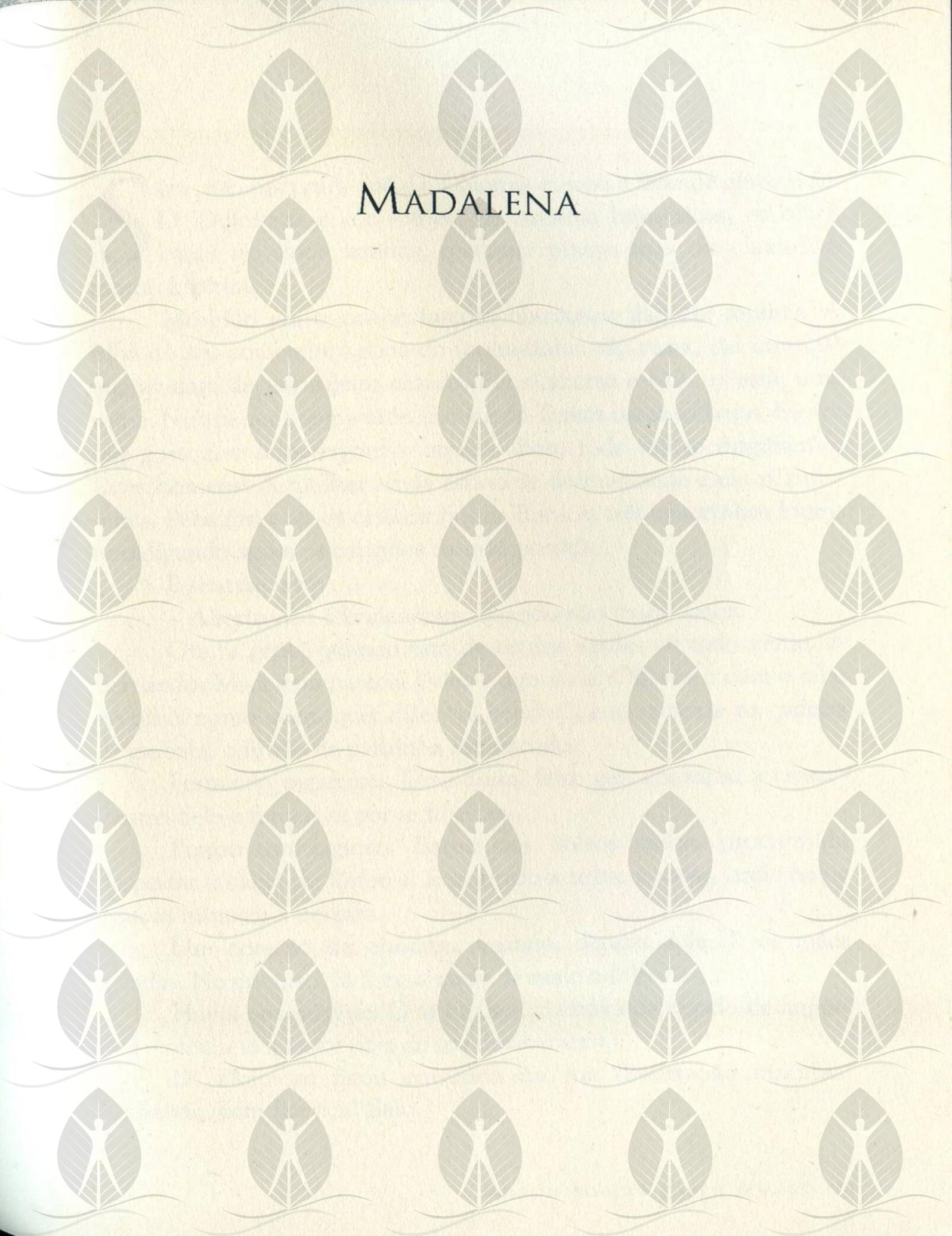
– Justo.

– Para onde vamos?

– Quem sabe?



MADALENA



Sem quê, nem para quê, D. Dolorosa entrou a falar de obstetrícia. D. Dolorosa: a voz sofrida, de acentos hipnóticos, os olhos baços no rosto seráfico, qualquer pintor faria uma natureza morta. Espírita.

Mórbido era o conhecimento obstétrico daquela mulher. A filha do seu compadre Leonardo (coitadinha, tão nova, tão bonita!) engravidara de um sujeito casado. Fez o aborto e hoje aí está, uma ruína. Nunca mais teve saúde. Eunice do Tomás bateu as botas. Ele foi que gostou, o sem-vergonha, aquele choro todo era só fingimento. Esses homens! A mulher ainda estava se decompondo e ele já tinha outra. Pena fazia ver os orfãozinhos de Eunice, três bacorinhos louros mendigando agora os carinhos da mãe postiça.

E sentenciava:

– Aborto não é brincadeira: quando não mata, aleija.

Ora, a gente quando está de óculos verdes vê tudo verde. A Fernando, Madalena parecia lívida e agoniada. Olhava-o com o rabo do olho, como quem quer dizer “tá vendo!”, e se remexia na cadeira de embalo, o fundo de palhinha esburacado.

Fernando pigarreou. Uma coisa, feito gás, começou a crescer dentro dele e forcejava por se libertar.

Puxou um cigarro. Bateu nos bolsos todos, procurando despertar a caixa de fósforos. Encontrou-a sobre a mesa, onde havia poucos minutos a deixara.

Um coração de chumbo, vexado, dentro dele. E as mãos geladas. No entanto, lá fora, a tarde de maio adolescência.

Havia que respirar. O ar cá dentro estava carregado de angústias e sentia-se a iminência de um desabamento.

D. Dolorosa ficou entretida na sua dissertação macabra. Fernando, com licença! Saiu.

Madalena seguiu-o e segredou-lhe:
– Essa mamãe parece que adivinha...

* * *

A prova de Direito:

– Quando começa a personalidade civil do homem?

– A personalidade civil do homem começa do nascimento com vida, mas a lei põe a salvo, desde concepção, os direitos do nascituro.

A lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro.

Dentre estes, o de ser.

Fernando lembrou o livro de medicina. A figura de um útero todo perfurado em virtude de manobras abortivas.

Situação difícil.

Fernando da Silva que não se desesperasse. Ela saberia como resolver a dificuldade.

Desertaria da vida, simplesmente. Que lhe importava viver? Nem sua mãe lhe queria bem. Vivia incensando os outros irmãos e para ela só palavras duras. Gostaria de ter um filho, ah! como gostaria. E agora que se esboçava a concretização daquele desejo, não se sentia com forças de suportar o ônus. Fernando ignorava, nem poderia imaginar, quão orgulhosa era a família em que nascera, quão rígida nesses assuntos de honra... Chorava só de prever o desprezo a que ficaria relegada se viesse a brotar a semente que guardava em si. E as amizades, os preconceitos. Meu Deus, que fazer?

Pobre Madalena! Estava tão acabrunhada. A mulher apaixonada age pelo instinto. Seria de reprovar Madalena, por se ter deixado possuir? Além do mais, Fernando tinha o seu quinhão de culpa. Em larga medida, a culpa maior lhe tocava. Por que não usara um preservativo? Seria agora de justiça que Madalena ficasse amargando sozinha um erro que deveria ser suportado pelos dois?

* * *

O almoço. Madalena, sem apetite, comeu pouco. Ainda assim, saiu do prato para o sanitário, que ficava parede-e-meia com a sala de refeições. Ouviu-se um temperar de garganta e ruídos de golfadas.

Quando voltou, estava que nem açafroa. Teria tirado a pintura do rosto?

E D. Dolorosa, a voz sofrida:

– Essa minha filha, não sei o que tem. São dores de cabeça, vive no sedativo. Agora é o fígado, só pode ser o fígado. Chi! menina, te cuida...

* * *

O diabo era que Madalena não estimulava um casamento. Sua feiúra e desajeitamento era mote para as mais gostosas glosas. Folclórica Madalena!

Ela mobilizava um arsenal de cosméticos para fazer-se menos feia. Em verdade, todavia, não chegava sequer a ficar simpática.

Carregava no laquê e os cabelos naturais ficavam como se pertencessem a uma peruca de juta engomada tingida de preto. E o lápis que esbanjava nas sobrancelhas, parecia que era para acentuar aqueles olhos nômade, sempre de fuga em fuga.

Verdade que agora estava moderada. Encostara a vaidade. Explicava que era desencanto. Naqueles dias horríveis, não sentia nem gosto de se ajaezar.

Afinal, era de estética que se tratava? Nem tanto. A Fernando, o problema parecia mais de conteúdo ético. E quem sabe se a compreensão que Madalena demonstrava, não poderia servir de suporte a uma vida, senão romântica, pelo menos mediocrementemente pacífica?

* * *

A compreensão de Madalena.

– Não, Fernando, não se preocupe. Você não teve culpa. Aconteceu...

– Mas, Madalena, não é justo...
– Eu tenho uma solução.
– Que solução? Que solução?
– Não se exaspere, Fernando da Silva. É seu nome que você preza? Não ficará enredado. Durma, Fernando, não fume tanto.

– Mas, Madalena...
– Escute, me dê dinheiro. Vou consultar uma mulher que a Mirtô conhece.

– Hem, Mirtô?! Você contou pra Mirtô?
Contara. Precisava desabafar com alguém, com uma amiga. Mirtô era de absoluta confiança e lhe sugerira uma visita a certa mulher, muito discreta, que preparava uma garrafada batata. Era tomar e ver.

– Quanto precisa?
Precisava de cerca de dez mil cruzeiros, a mulher era careira. Só lhe pedia porque não havia outro jeito. Trabalhava, sim, mas o ganho era pouco. E ainda tinha de dar a maior parte para a mãe. Ora, vão-se os anéis e ficam os dedos. Fernando deu-lhe os dez mil cruzeiros.

– Ouça, Madalena, não quer que eu vá com você?
– Não é conveniente, não, não. A Mirtô me leva. Há que despistar, fugir à curiosidade..
– Também acho.

* * *

07-0563. Chamassem Madalena Teles, por favor.
– Alô, Madalena?
– Sim.
– Como foi? Fala Fernando.
– Assim, assim.
E a mulher, que tal?
– Muito atenciosa, mas ela acha que não dará resultado. Disse pr'eu esperar dois dias. Horrível aquela beberagem. Caí tonta.
– Verdade?

– Pergunta da Mirtô.

Mirtô garantiu que, efetivamente, a mulher não havia assegurado resultado positivo.

Fernando acendeu um cigarro.

* * *

– Fernando!

Que é que você quer?

– Mamãe outro dia perguntou se eu já tinha ficado doente.

– Escute Madalena. Eu não agüento mais. Já não posso nem raciocinar direito... Você me deixa confuso.

Fernando que imaginasse. Não era com ele, e ele estava daquele jeito! Que se colocasse no lugar dela, pra ver. Pouco lhe importava morrer, Fernando bem sabia. Queria que ela fizesse o aborto, queria?

– Não, não quero. Não quero, ouviu? Vou logo contar para a D. Dolorosa. Põe-se logo tudo em pratos limpos.

Fernando não fizesse aquilo, pelo amor de Deus. Sua mãe era cardíaca. E tinha muita confiança nele. Seria capaz de expulsá-la de casa. Madalena se mataria.

– Então, que é que você quer? Você tira férias, viaja...

– Se você gostasse um tantinho de mim, haveria um jeito.

– Mas, não gosto.

* * *

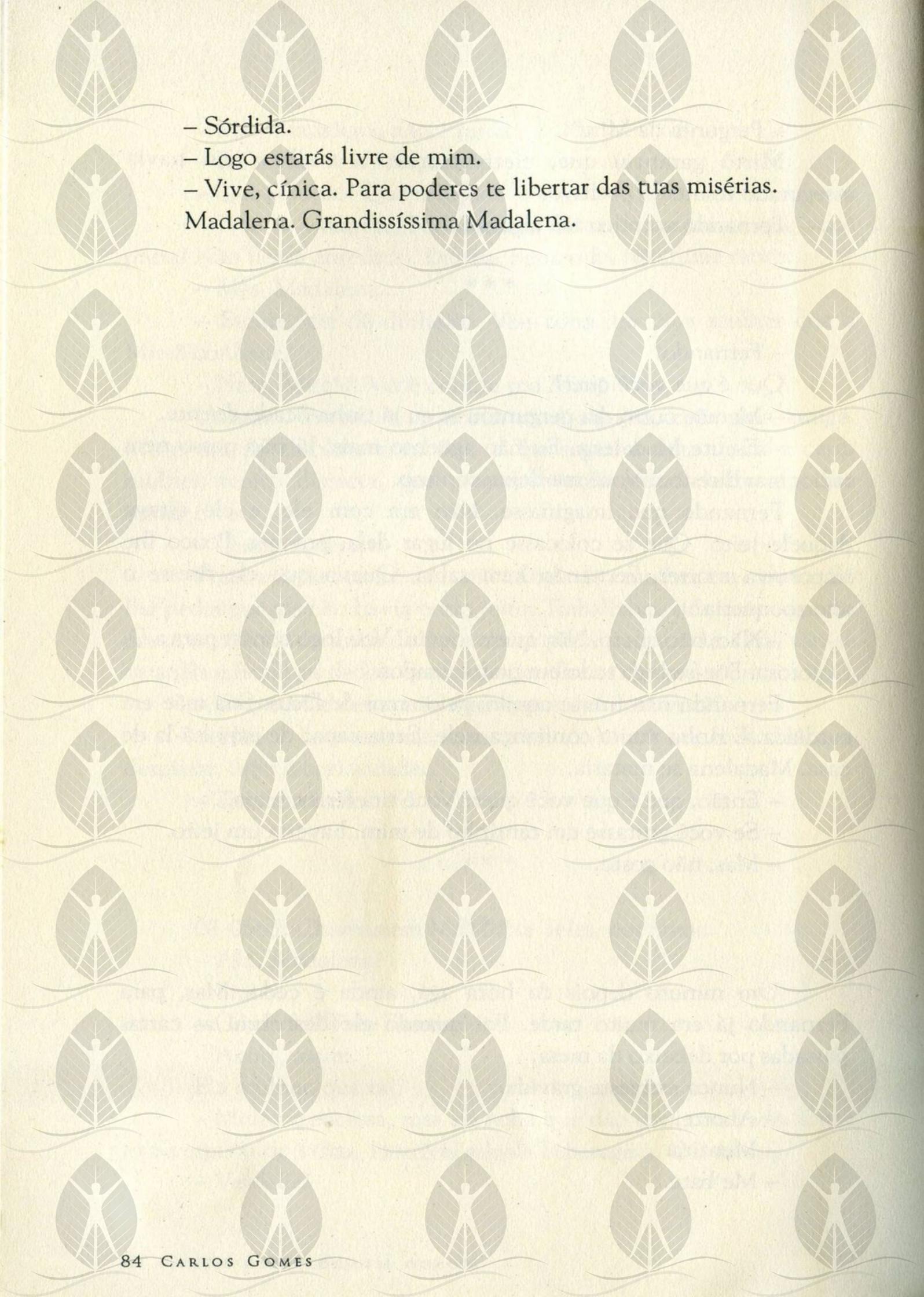
Um minuto depois da hora agá, ainda é cedo. Mas, para Fernando já era muito tarde. Foi quando ele descobriu as cartas passadas por debaixo da mesa.

– Nunca estiveste grávida.

– Abortei.

– Mentira.

– Me bate.

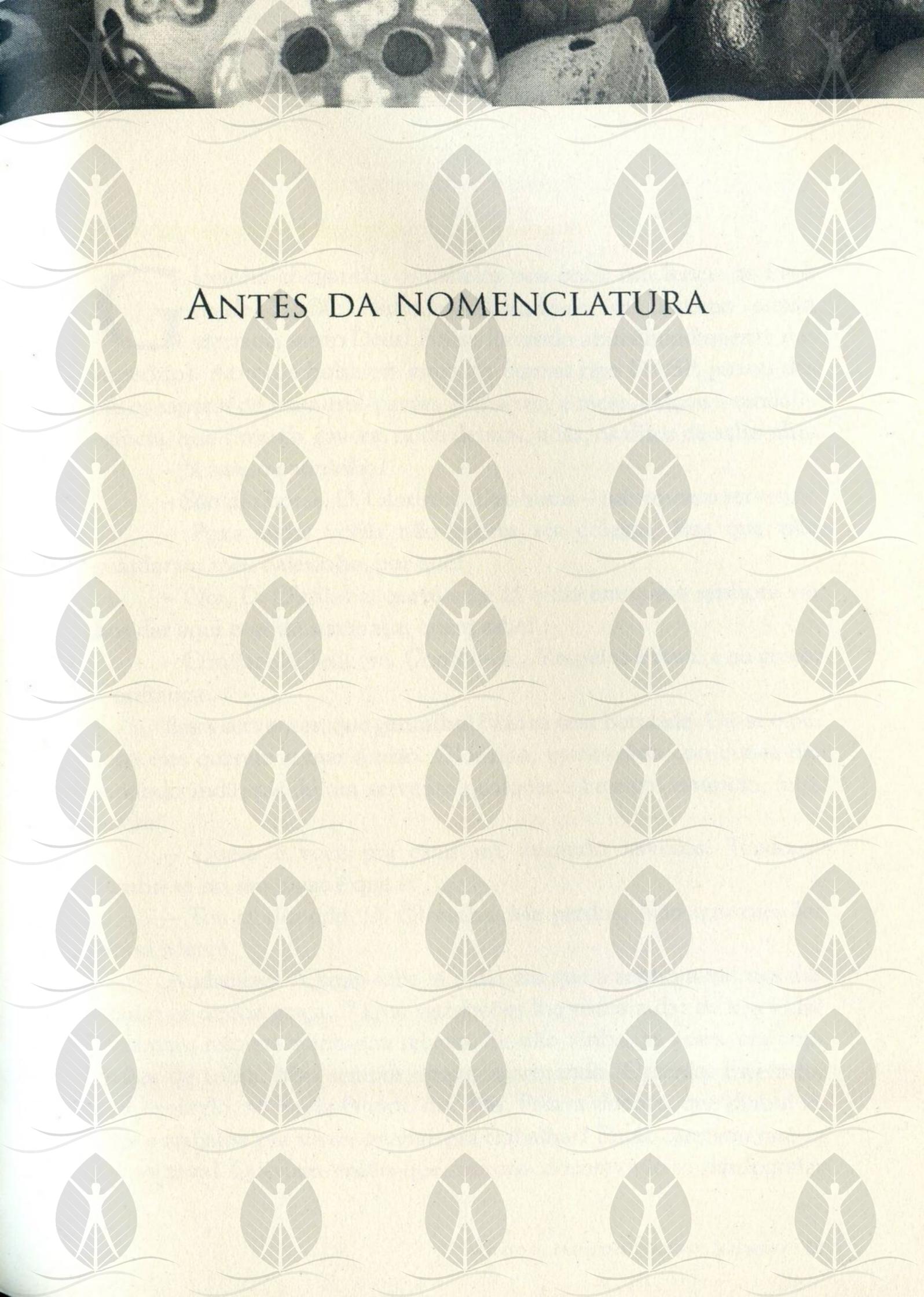


– Sórdida.

– Logo estarás livre de mim.

– Vive, cínica. Para poderes te libertar das tuas misérias.

Madalena. Grandíssima Madalena.



ANTES DA NOMENCLATURA

Glorinha chegando, os cabelos nos *bobs*, um lenço de Paris *made in São Paulo* envolvendo-os, uf! ...como estava cansada, santo Deus! Foi-se livrando atabalhoadamente dos acessórios. Atirou a bolsa em cima do *bureau* tipo DASP, puxou dos pés os sapatos de napa azul-pavão, altura sete e meio, calçou a sandália egípcia, que tirou da gaveta, onde deixou, aliás, os ditos de salto alto.

– Já saiu o cafezinho?

– São dez horas, D. Glorinha. Dez horas – informou o servente.

– Poxa vida, vocês não sabem ser colegas. Por que não guardaram meu cafezinho, por quê?

– Ora, D. Glorinha, quem sabe lá o dia em que a senhora vai nos dar aqui o ar de sua graça, quem sabe?

– Confiança, Teodoro. Confiança... Respeito é bom, e eu gosto. Confiança...

Esses serventes, que gentalha! Não se tem bondade. Dá-se o pé, logo eles querem tomar a mão. Glorinha, escriturária con-cur-sa-da, ouvindo indiretas de um servente qualquer... bronco, estúpido, feio, podre!

– Quem é você pra estar me atirando xavecós, Teodoro? Ponha-se no seu lugar é que é.

– Tou só dizendo, D. Glorinha. Me perdoe. Não quis ofender Vossa Mercê.

Audacioso. “Quem sabe lá o dia em que a senhora vai nos dar aqui o ar de sua graça...” Que satisfações lhe tinha a dar de sua vida? Ademais, não era nenhuma relapsa. Se não vinha, às vezes, era com razões de sobra. Mas sempre estava aparecendo. Calúnia. Este mês, por exemplo, só havia faltado dez dias. Estava doente, que diabo! A gente trabalha pra viver, ou vive pra trabalhar? Então queriam fazê-la de escrava? Queriam então que, mesmo doente, viesse datilografar

pareceres, despachar processos, aqueles hediondos processos que não acabavam nunca, como brincadeira de grilo? “Onde está o grilo? Está lá atrás”. Afinal, ela é que não ia se sacrificar. Pra quê? Se matar coisa nenhuma! Valia a pena não. Só pra ter cartaz de boa funcionária? Cartaz... Cartaz... Conhecia muitas mais negligentes... Mais negligentes, vírgula, que ela não era nada negligente. Conhecia muitas... muitas... – como diria? – muitas menos esforçadas e que haviam tido mais sorte que ela. Eram hoje Oficiais de Administração e chefiavam seções. E nem haviam feito concurso, como ela. A Natália, por exemplo. Também a Natália, louvado seja Deus! Aquilo é que era saber chaleirar... Chegava às sete e saía à uma, era metida a besta, trabalhava o tempo todo, não conversava com ninguém, tinha curso intensivo da EBAP e fama de competente. Puxa-saco, na verdade, é o que era. Ela, Glorinha de Azevedo Queirós, é que não dava pra isso.

– Eu, hem, puxar saco? – sempre dizia. Nunquinha! A mamãezinha aqui não é nem lavadeira pra se preocupar com trouxa dos outros.

Faltava. Quando adoecia, faltava, sim. E daí? Às vezes, amanhecia indisposta, não ia à repartição, pronto! Seu corpo não fora feito – alegava sempre – para o trabalho, sim para carinhos. Queriam cortar o ponto, cortassem. Tinham o direito de cortar, e ela o de faltar, ora! Mas que não se atrevessem a descontar-lhe as faltas no fim do mês, senão... Senão a obrigariam a falar, soltar a língua mesmo, dizer tudo o que sabia, todas as patifarias que ocorriam ali dentro, coisas de arrepiar... Ah! nem caíssem na besteira. “Muito bem, Diretor: o senhor mandou descontar nos meus vencimentos as faltas que dei, não foi? Dez faltas, quarenta mil e duzentos cruzeiros, tim-tim por tim-tim. Pois fique sabendo que isso não vai ficar assim. Vou botar a boca no mundo, abrir um berreiro danado, denunciar todas as bandalheiras que se passam aqui dentro, todinhas. Tou sabendo de tudo, tudo, ouviu? Não pense que durmo de touca”. O diretor supunha, porventura, que eram segredo de maçonaria suas escandalosas ligações com a sonsa da Esmeralda, sua “competente secretária”? Pois se

enganava redondamente. O fato escabroso era do conhecimento de toda a repartição. Homero estava ali mesmo, de prova. Ele fora quem os surpreendera, uma tarde, no sofá areia do gabinete, na maior pouca vergonha. Entrara de supetão, pois já estava desconfiado, e os viu, como no paraíso, em posturas indecorosas; viu-os com aqueles olhos que a terra havia de comer, afirmara. E apesar do prestígio de que passara subitamente a desfrutar junto ao Diretor, não conservou só consigo o flagrante por muito tempo, logo passou-o a Honório, que, por sua vez, mas em absoluto segredo, o entregou à ciência de Amelinha... Ora, Amelinha não era baú de ninguém, como costumava advertir, quem tivesse seus podres que os escondesse bem escondidos. Vai daí que, no aniversário de Catarina, contou tudo pra quem quis ouvir. E não era só. Havia o caso dos extraordinários da folha de pagamento. Será que o Diretor pensava que o Governador sabia que os extraordinários de Esmeralda não eram feitos para o Estado, mas para ele, Diretor, no célebre sofá areia? Ah! não mexessem com ela... E o concurso? Bem... do concurso, Glorinha ponderava que não era conveniente falar. Também ela comera grossa fatia da marmelada. Também ela fora para as provas com os quesitos e respectivas respostas, tudo na ponta da língua. Assim mesmo, quase ia ao pau em português. Poxa, como é difícil a nossa língua, sempre se queixava. Também está, sempre mudando, dizia. Agora haviam inventado uma tal de Nomenclatura, que inferno, que porcaria! Antes até que ela sabia alguma coisa, por Nossa Senhora que sabia. Mas, depois dessa tal de Nomenclatura... Não, não falaria do concurso. Havia outros fatos de maior gravidade, dignos de inquéritos muito mais rigorosos: generosas porcentagens sobre compras de material, concorrências públicas fraudadas, comborças do Diretor, senhoras de vastos latifúndios de ignorância, com funções gratificadas... Chi! meu Deus, Glorinha tinha muito pano pras mangas...

– Alô, Glorinha, estavas doente?

– Estava, Santinha, estava. Quase morro.

Oh! mulher mais sem classe, sem jeito, antipática, feia, podre, podríssima, credo! Santinha... Santarrona é o que era. Pensava então que ela não sabia de seus antecedentes, de seu caso com o Dr. Amadeu, aquele paraense pernóstico que fora diretor da repartição no Governo passado e que agora era seu chefe? Vivia bancando a puritana, dizendo-se moça. Moça... só na testa. Moça também a Florzinha era. Virgem Maria! Pra D. Anunciata, mãe de Florzinha, não havia naquela rua moça mais honrada que sua filha, havia nada! Até que... bom... o moleque nasceu com a cara do marido da Sofia. Só sendo castigo. Diz que agora estava noiva, pelo menos trazia no anelar direito o suspirado bambolê. Pra ver como são as coisas. Santinha, um bofe, um vomitório de pinhão brabo, um estafermo, verdadeiro espantalho cuspidado e escarrado, e suja, Pai Amantíssimo, que nem pau-de-galinheiro, noiva! Valia lá a pena ser honesta? Enfim, talvez a dos Anjos tivesse razão, quando lhe disse: “Vá ver, Glorinha, que o noivo dela é hipotético. Como o da Catarina, lembra-se? Voltou noiva do Rio de Janeiro, um engenheiro, mas o zinho nunca apareceu...”

– D. Glorinha!

– Alô, Dr. Amadeu. Inda agorinha estive pensando no senhor.

– D. Glorinha, outro dia mandei Teodoro perguntar-lhe se já havia informado estes processos – disse-lhe o chefe, mostrando uns cartões de protocolo. Agora venho pessoalmente procurá-los, uma vez que a senhora não se dignou ainda de dar-me qualquer satisfação. São do interesse do Sr. Secretário.

– Arre! Assim também era demais. Meio doente ainda, vinha trabalhar, e o Diretor em pessoa lhe aparecia para lhe aporrinhar a paciência. Era o que faltava. Agora, só pelo desaforo, é que não ia mesmo trabalhar... Que se danassem todos, que fosse ele e o Sr. Secretário para a Baixa da Égua. Não se mataria de forma alguma. Ela morria e a repartição ficava. Desse jeito, acabava tirando uma licença... Tipo mais nojento aquele Dr. Amadeu! Depois que fracassara a cantada que havia solfejado em seu ouvido (“D. Glorinha, a senhora sabe que é um bocado boa?”), vivia a persegui-la, a censurar

qualquer engano que cometesse no serviço. Presunçoso! Tinha uma história de falar difícil, mantinha querelas de linguagem pelos jornais, era quem fazia os discursos nas reuniões e em outros atos da repartição... Podia ser sabichão, não discutia, mas não a impressionava. Aquela barriga, aquele nariz, aquela cabeleira já bastante deteriorada, podre! Uma vez a chamara de azêmola. Glorinha correu ao dicionário, e não prestou...

– Não sei de processo nenhum. Deve estar aí – indicou com desprezo a gaveta. Isto é, se não tiraram, quando adoeci.

– D. Glorinha, a senhora tem de dar-me conta dos processos. Se não, mando abrir inquérito, mando! E há mais: descobri que a senhora só voltando pro Luso.

– Pro Luso, Dr. Amadeu? Por quê?

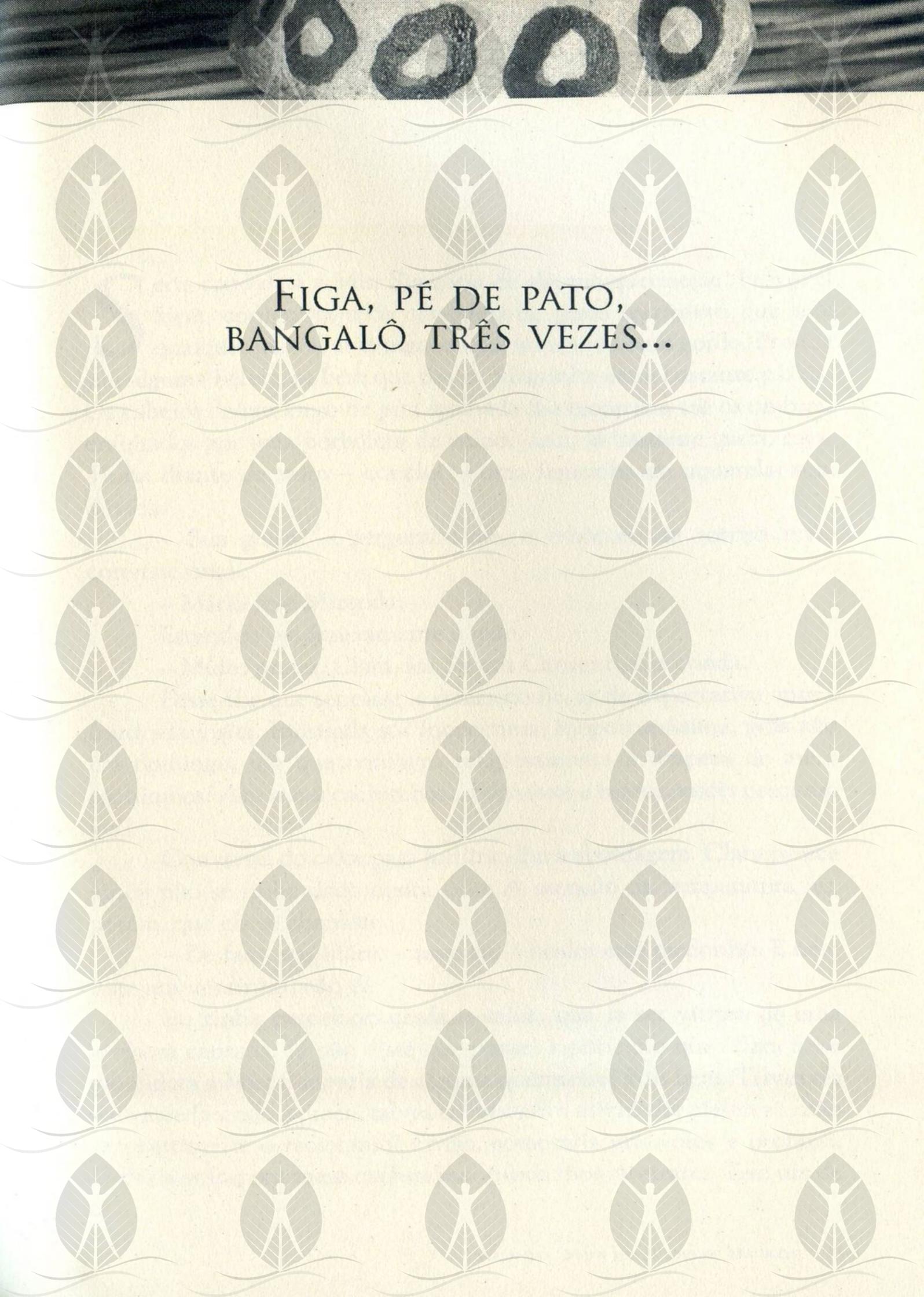
– Foi a senhora que bateu este parecer, não foi? – exibiu-lhe um papel todo enfeitado de vermelho que trazia. Pois bem, vim aqui também por isso. Veja. A senhora estropiou o meu pensamento. E pôs vírgulas onde não cabia, omitiu os acentos, separou sílabas erradamente; enfim, produziu em poucas linhas um autêntico corpo de delito de linguagem. Aprenda de uma vez por todas, D. Glorinha: disputa, por motivos éticos, não se deve dividir, em fim de linha, deste jeito: dis-puta. E opção não tem i depois do p. Da maneira como a senhora escreveu, temos um verdadeiro palavrão: o picão. Não se grafa assessor com c, veja como fiz. Nem na translineação se deixa adepto deste modo: ade-ptu. Além do mais...

– Ah! Dr. Amadeu, chega, chega de sermão... depois bato outra vez. Mas, não fique pensando que não sabia essas bobagens, isto é, antes da Nomenclatura, eu era bamba em português, não estou querendo me gabar, não...

– Antes de quê?

– Antes da No-men-cla-tu-ra entendeu agora?

– Ora, D. Glorinha, Nomenclatura nada tem que ver ortografia, translineação e os outros erros que a senhora perpetrou... Nomenclatura é terminologia, elenco ou rol de nomes, mera lista de termos... Vá, D. Glorinha, vá depressa, volte pro Luso, vá...



FIGA, PÉ DE PATO,
BANGALÔ TRÊS VEZES...

Seria candidata a Miss Simpatia de alguma quermesse? Provável fosse, conjecturei após considerá-la, gesto instintivo que tem qualquer mortal ante alguém que nunca viu mais gordo. Possuía sim alguma beleza, se bem que óbvia. Magrinha era e bastante pálida. Os cabelos de um louro de juta molhada lhe escorriam até os ombros, enfeitados por uma borboleta de veludo azul, já bastante gasta, ruça. Tinha diante de mim – concluí – uma figurinha de aquarela, sem dúvida.

– Sua graça? – perguntou-me, e esboçou um sorriso meio convencional.

– Mário José Miranda.

Estendeu-me frouxamente a mão.

– Muito prazer. Clara dos Santos Carneiro, sua criada.

Disse-lhe que sentasse, e o mesmo fiz, ar de expectativa ante a inusitada visita. Inusitada só? Inoportuna, inoportuníssima, pois não era domingo, dia que consagro religiosamente à limpeza de meus cachimbos? Ah! meus cachimbos... São vinte e tantos, vocês precisam ver!

Conversei do calor para facilitar-lhe a abordagem. Clara parece ainda não se tinha dado conta dele. A menção da temperatura fez, porém, que ela se abanasse.

– De fato, seu Mário – assentiu. O calor está medonho. E nem bate um ventinho, não é?

Eu tinha percebido desde o início que ia ser vítima de uma senhora cantada. Já não disse que pensei a princípio que Clara fosse candidata a Miss Simpatia de alguma quermesse? Pois bem. Talvez ela estivesse fazendo a praça, talvez estivesse em atividades eleitorais, não era pertinente o raciocínio? Então, compraria uns votos e pronto... Poderia voltar aos meus cachimbos. Ainda lhos mostrarei. Tem um de

caroço de tucumã muito original, obra de um artista anônimo. Já me ofereceram cinquenta mil por ele, mas eu onde ia arranjar outro igual? É raro.

Mas resolvi catucar o cão com vara curta. Que jeito? Se havia de ser estocado, por que procrastinar o momento, prolongando a aflição?

– Afinal, Clara, que bons ventos a trouxeram até aqui?

Entrada vulgaríssima, bem sei. Mas enfim a quem indaga por minha graça e se diz minha criada, não creio fosse necessário linguagem mais requintada e original.

– Ah! seu Mário... Estou em missão evangelizadora.

– Missão evangelizadora? Ah! muito bem. Continue.

Clara novamente sorriu. Ajeitou-se na cadeira. Puxou a saia, que havia subido um pouco, de modo que cobrisse mais um pedaço de coxa. Pigarreou fracamente.

– Seu Mário, o Sr. já leu a Bíblia?

Estive para confessar-lhe que já, mas recuei. Podia ser que ela quisesse testar, e eu receei que meus conhecimentos na matéria não resistissem ao exame de um especialista, como ela desde então me pareceu ser. Meus avós paternos, Obadias e Rute, eram protestantes, aliás, evangélicos (eles não gostavam de ser ditos protestantes). E como tais, tinham cachaça pela Bíblia. O pouco que sabia do assunto, herdara deles, que viviam recitando passagens bíblicas, enquanto esperavam a volta de Jesus. Mas o tempo já havia delido quase tudo de minha memória. Assim de supetão, era capaz de passar vergonha. Achei por tudo isso mais prudente não dizer nem sim nem não.

– Tenho um exemplar.

Clara fez ah! um tanto desconcertada. Porém logo, recompondo as pedras do jogo, que eu, sem querer, desbaratara:

– Sim, mas não tem importância.

E entusiasmada mostrou-me, então, puxando-a de uma pasta de plástico que trazia consigo, uma Bíblia sebenta, as pontas das páginas onduladas e sujas pelo manuseio constante. A um como toque mágico de seu dedo, ia-se abrindo o livro nas partes mesmas que ela parecia

querer. Lia-me passagens, localizando-as com toda a precisão. Mateus, capítulo 19, versículos 23 e 24:

Então disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus.

E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no mundo de Deus.

Fazia remissões: Marcos, 10: 23-25; Lucas, 18: 24-25. Levantava os olhos e os fitava em mim; estavam untados de uma espécie de vaselina mística. Quis perguntar-lhe se o preceito bíblico prevalecia contra todos, mesmo contra aqueles ricos que houvessem feito as nove sextas-feiras e contra os religiosos onzeneiros, mas logo me lembrei de que Clara não deveria ser lá muito versada nessas bossas do credo romano. Ademais, a mim bastava-me que aquilo não me atingia, nem próxima nem remotamente. Um guarda-livros como eu, razoavelmente escrupuloso, não chegaria jamais à opulência, sabido que costumava não ceder de todo à exigência de empregar a contabilidade para coonestar as trocas e baldrocas de meus clientes, por isso mesmo não muito numerosos.

Nestas reflexões nem notei que Clara já ia bem longe na declamação de outra passagem bíblica:

...chorai e pranteai as vossas desgraças. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifam os vossos campos, o qual pela fraude lhes tomastes, clama, e os clamores dos trabalhadores entram no ouvido do Senhor dos Exércitos.

Eis outra advertência que não me preocupa, refleti. Não tenho terras, nem dono do pedaço de chão que habito, consegui ainda ser. Que me importa? Vá lá recitar isso pros barões de terra, coronéis e quejandos, ora...

...no templo, expulsou a todos os que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas...

Enquanto recitava, era langorosa sua voz, que súbito se alterava para morrer lentamente no fim dos períodos. Doce era seu olhar. Clara parecia transfigurando-se. Tive mesmo por momentos a forte impressão de que aquela criaturinha ia desaparecer, fundir-se na claridade da manhã, que era ofuscante...

...E disse-lhes: Está escrito:

A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores.

Ora, Clara, argumentei para meus botões, vá lembrar essa passagem para os simoníacos, há-os tantos mesmo nas paróquias desta cidade. Não vendo *agnus dei*; não comercio com relíquias, santinhos e orações; não negocio indulgências nem empresa viagens para o céu; não oficio atos capazes de fornecer salvo-conduto do purgatório nem impetro *habeas corpus* contra Satanás e não presido novenas aonde vão fiéis pedir empregos, felizes casamentos, êxitos em negócios, ajuda de cima pra alguém vencer o vício da embriaguez e outras graças temporais (aqui me veio à memória a voz do Pe. John Smith, com seu português arrastado), não, a carapuça não me assenta, e já chega, pare com isso, acabe com essa litania, que falta coisinha pr'eu estourar...

De repente, como se Clara tivesse penetrado na intimidade de minha mente, um anacoluto na exposição, uma montagem.

– Seu Mário, trouxe aqui este volume da Bíblia. Trata-se de uma nova edição em linguagem moderna, sem os arca... arca...

Esqueceu o ponto, pensei. Acudi solícito:

– Arcaísmos.

Clara sorriu desconfiada.

– Sim, sem os arcaísmos das edições anteriores. Custa apenas... Tomou fôlego e baixou a vista.

– Sete mil cruzeiros.

Era de fato baratinha, expliquei. Tomei do volume e elogiei:

– Encadernação primorosa.

Acontece, porém, – Clara me desculpasse – que já tinha meu exemplar, como lhe dissera, já tinha. Pra que comprar outro? Mas em vão argumentava. A mocinha estava irredutível.

– Tá certo, seu Mário. O Sr. já possui sua Bíblia. Entretanto, vamos ver as vantagens desta edição em linguagem atualizada, facilitando a compreensão da palavra divina.

– Mas, Clara, objetei, eu já sou velho. Sou quase contemporâneo de Jesus. Entendo bem a linguagem bíblica...

– Ah! entende? Pois me diga o que eram os publicanos.

Quis fazer-lhe fiau, pois sabia, fiau. Mas não fiz. Seria conceder-lhe mais intimidade. Já não bastava a que ela estava demonstrando, submetendo-me a uma sabatina de Bíblia em minha própria casa? Respondi-lhe:

– Eram os cobradores de impostos na Roma Antiga.

– Correto! – aplaudiu-me, mas com certo desapontamento.

– E centurião? – arriscou.

Fiquei matutando. Centurião? Centurião? Vó Rute e vô Obadias falavam sempre nesta palavra. Centurião? Que diabo era centurião? Porcaria de memória. Essa fedelha abusada me pegou.

– Não me lembro, confessei vencido.

Clara me explicou vitoriosa. Centuriões eram os soldados do Exército Romano. Brilhava-lhe nos olhos a satisfação de um quinau bem dado.

– Esta edição não usa a palavra centurião. Emprega soldados mesmo, não é vantagem?

Fiz que sim, meneando a cabeça. Achei que minha última arma era a franqueza, última e única, no momento. As hostilidades já estavam declaradas demais. Desembainhei:

– Escute aqui, Clara. Eu não quero (sublinhei bem a palavra quero) comprar sua Bíblia. Já tenho um exemplar, e me basta, tá bom? Me desculpe.

– Ora, seu Mário, não por isso... Me desculpe também.

E quando pensava que Clara afinal ia se despedir, eis que novamente ela investe, valendo-se de um sorriso de bonomia que lhe mandei, para amenizar um pouco que fosse a aspereza de minhas palavras de inda agorinha:

– Seu Mário, talvez lhe interessasse esta revistinha. Muito boa! Recomenda vegetais como regime alimentar... O Sr. é vegetariano?

– Não Clara, sou escravo da carne...

– ...condena o fumo e o álcool, veja...

Capitulei:

– Quanto custa?

– Duzentos cruzeiros cada exemplar.

– Tome. Satisfeita?

– Seu Mário...

– Com licença, Clara. Um minutinho.

Retirei-me da sala, por momentos. Dei instruções a meu garoto lá dentro.

– Zito, faz favor. Ajuda teu pai. Não é verdade que tu gostas de mim?

– Gosto, sim.

– Escuta: apanha aquela vassoura de cipó e põe atrás da porta.

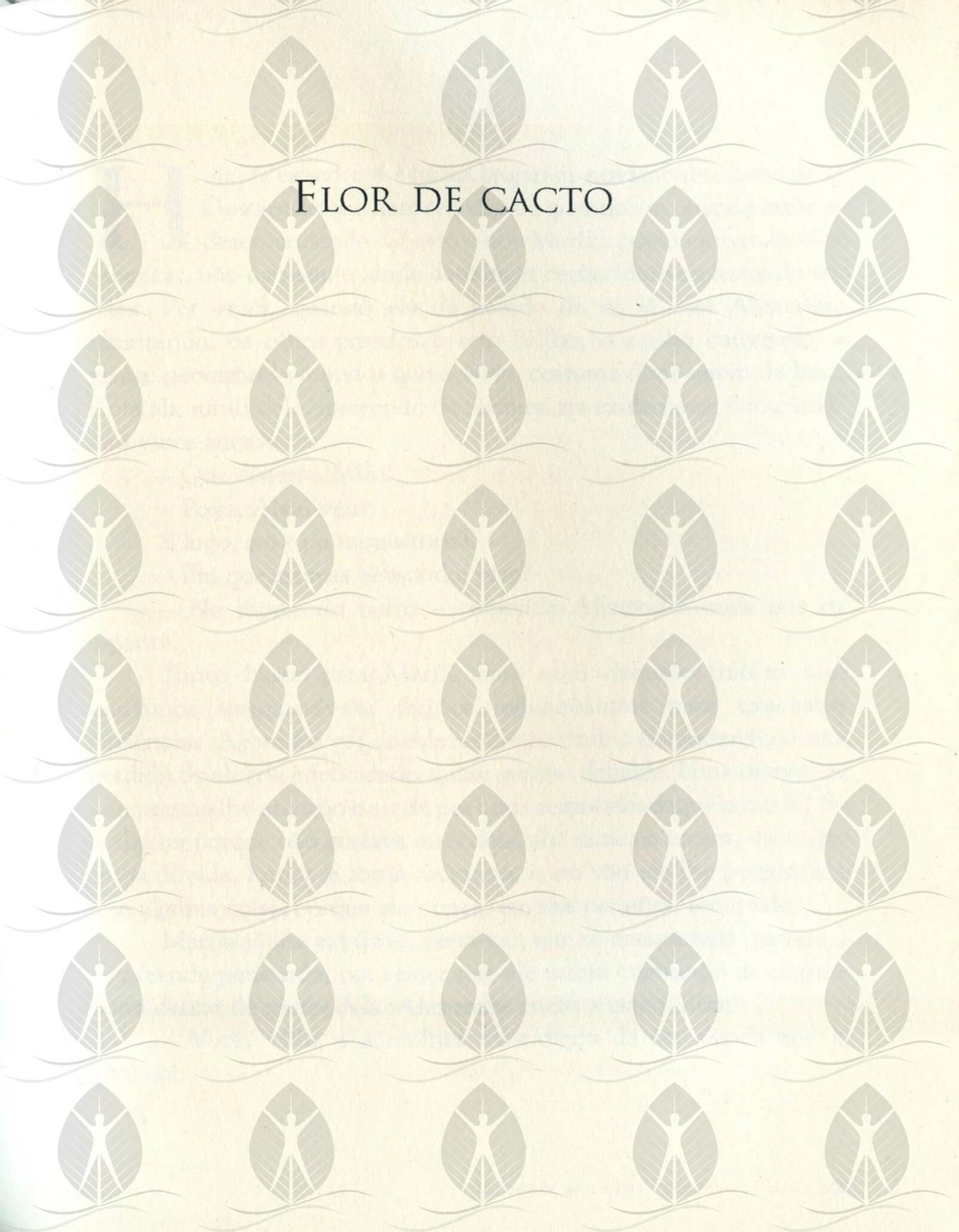
Ah! sim. E sal? Tem bastante sal aí? Coloca boas pitadas no fogo...

Preciso voltar aos meus cachimbos, estão se estragando. Aquela pequena...

Depois ainda bati na mesa, figa, pé de pato, bangalô três vezes...



FLOR DE CACTO



Hoje Alexandre e Marilu brigaram novamente. Esses dois! Gostam-se que nem sei, mas de quando em quando estão se desentendendo. O caso é que Marilu, posto extremamente perspicaz, não conseguiu ainda destrinçar certas idiosincrasias do seu Alex. Por vezes, quando ela dá acordo de si, lá está Alexandre assuntando, os olhos parados e sem brilho, o cenho carregado, a mente pervagando mundos que o vulgo costuma dizer serem da lua... E ela ali, junto dele, morrendo de ternura, na exuberante floração de seus vinte anos.

– Que disseste, Milu?

– Poxa, Alex, você...

E logo, em tom inquisitorial:

– Em que estavas pensando, bem?

– Na morte do burro – responde Alexandre mais que de repente.

Tanto basta para Marilu cair num daqueles muito seus mutismos insuportáveis, ferinos, efficacíssimos para exacerbar paciências. Agora é a vez de Alexandre restituir à conversação o tom perdido de alegria e felicidade, quase sempre de balde. Uma ofensa ele não prestar-lhe atenção e ainda por cima responder daquele modo! Só podia ser porque não gostava mais dela, ah! nunca a amara, disso não tinha dúvida. Então se torna taciturna, e em vão ele lhe pergunta se tem alguma coisa, porque ela nunca, em tais ocasiões, tem nada.

Marilu já lhe explicou, certa vez, que se encaramuja quando o surpreende pensando, por temer que ele esteja cogitando de outra e possa deixar de gostar dela. Alexandre então a tranqüiliza:

– Você, Milu, é a mulher mais digna de ser amada que já conheci.

Densos momentos aqueles. Ficam os dois calados, ruminando pensamentos, até que Marilu, terna e pungente, o enlaça:

– Alex, meu Alex, tu não sabes que eu te adoro, meu filho?

Sim, Alexandre sabe, ora se sabe. E por acaso a afeto não é recíproco? Sabe, mas é assim mesmo. Aquele amor, que ele sabe feito só de amor, às vezes o conforta e alegra; outras, porém, é impotente para dominar seu ceticismo e sua tristeza. Um irremissível triste, Alexandre!

– Alex, às vezes eu cismo que meu amor, de tanto, te aborrece.

– Não, Milu, entenda. Quando estou triste, é inútil. Ninguém, nem mesmo você, pode me resgatar da tristeza.

Bem que Alexandre gostaria de não ser assim, de se tornar amnésico, de passar a limpo toda a sua vida, nascer de novo, reformular seu modo de ser, sei lá... Mas que forças tinha para vencer lembranças puramente desagradáveis quando se lhe rompiam os diques do subconsciente? Por que esse pacto da criança com o adulto para destruir o homem? Por que esse compromisso com fantasmas que do passado lhe acenavam furiosamente só para o destruir? É o que se perguntava. Alexandre não sabia por que quantas e quantas vezes se distraía recompondo seu mundo de frustrações, numa espécie de autoflagelação que não chegava a masoquismo, porque o constrangia. Que estranho e dolorido quebra-cabeças! Ia empilhando uma frustração sobre outra, à semelhança de tijolos, encaixando um logro num insucesso e cimentando tudo com desilusão. E quando estava bem adiantada a obra, eis que seu mundo desabava e só então se enfasiava e se convenciam de que era tolice estar cortejando coisas mortas.

– Não te entendo, Alex, não te entendo. Homem misterioso como tu, jamais namorei.

E era tudo tão fácil... Bastava, apenas, que ela reunisse, como se de um *puzzle* se tratasse, os fragmentos de sua vida que ele já lhe colocara ao alcance.

Marilu, toda estabanada, recompunha doidos quadros de sua infância, os banhos no rio, as judiações com os irmãos, os passeios de

bicicleta, enquanto mamãe dormia e papai, na fazenda, dava ordens, trabalhava, trabalhava... E ele, onde puseram sua infância? Que lições poderia dar a seus filhos do curioso folclore da infância? Num daqueles dias em que toda a borra da alma da gente parece vir à superfície, Alexandre comentara:

– Milu, você não imagina o que é alguém não ter se saciado de infância.

Xandico, menino irrealizado. A área limitada por quatro frias paredes fora todo o seu mundo infantil. Nunca pôde aprender o que não presta com os moleques da rua! Ficava à janela, nos dias de muito sol de agosto, olhando enternecido a coreografia dos papagaios no espaço e torcia para que o banda-de-asa não quedasse... Mas o que ele desejava mesmo era estar no meio da molecada, engalfinhando-se, disputando com aqueles imensos caniços os papagaios que tombavam, feridos pelo cerol feito de cola e vidro moído no trilho dos bondes, apesar da perseguição dos guardas.

Saber a lição na ponta da língua, tirar distinção na escola, que lhe aproveitava? Só servia mesmo para estimular a vaidade de sua mãe e espicaçar a inveja das mães que não tinham filhos inteligentes.

Ele achava bonito era dar “mates” espetaculares, jogando “ronda” com bolinhas de gude, ser macho na porrada, capitanear o time improvisado e deixar boquiabertos os parceiros de pelada com a agilidade como se comportava com a bola nos pés... Bacana era sem dúvida ter pontaria com a baladeira, não para abater passarinhos – isso não, que nunca foi menino de malvadezas –, mas tão-somente para demonstrar que também podia atingir um alvo...

Segunda-feira, na escola, nunca pôde desfiar um rosário de proezas realizadas no domingo, mas em contrapartida recebia grandes gabos da professora, por levar as tarefas todas em ordem e asseadas. Em casa, desde os quatro anos, fazia a estupefação das visitas, rezando o padre-nosso todinho e ainda oferecendo-lhes, de lambujem, respostas exatas às jaculatórias, e em latim:

– Meu filho, responda: Maria Auxilium Christianorum!

– Ora pro nobis.

– Meu filho, vamos rezar o padre-nosso.

– Ave Maria, cheia de graça...

– Xandico, o padre-nosso – dizia a mãe, simulando contrariedade.

– Padre nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome, seja feita...

– ...venha a nós...

– ...venha a nós o vosso reino – retificava Xandico – seja feita a vossa vontade...

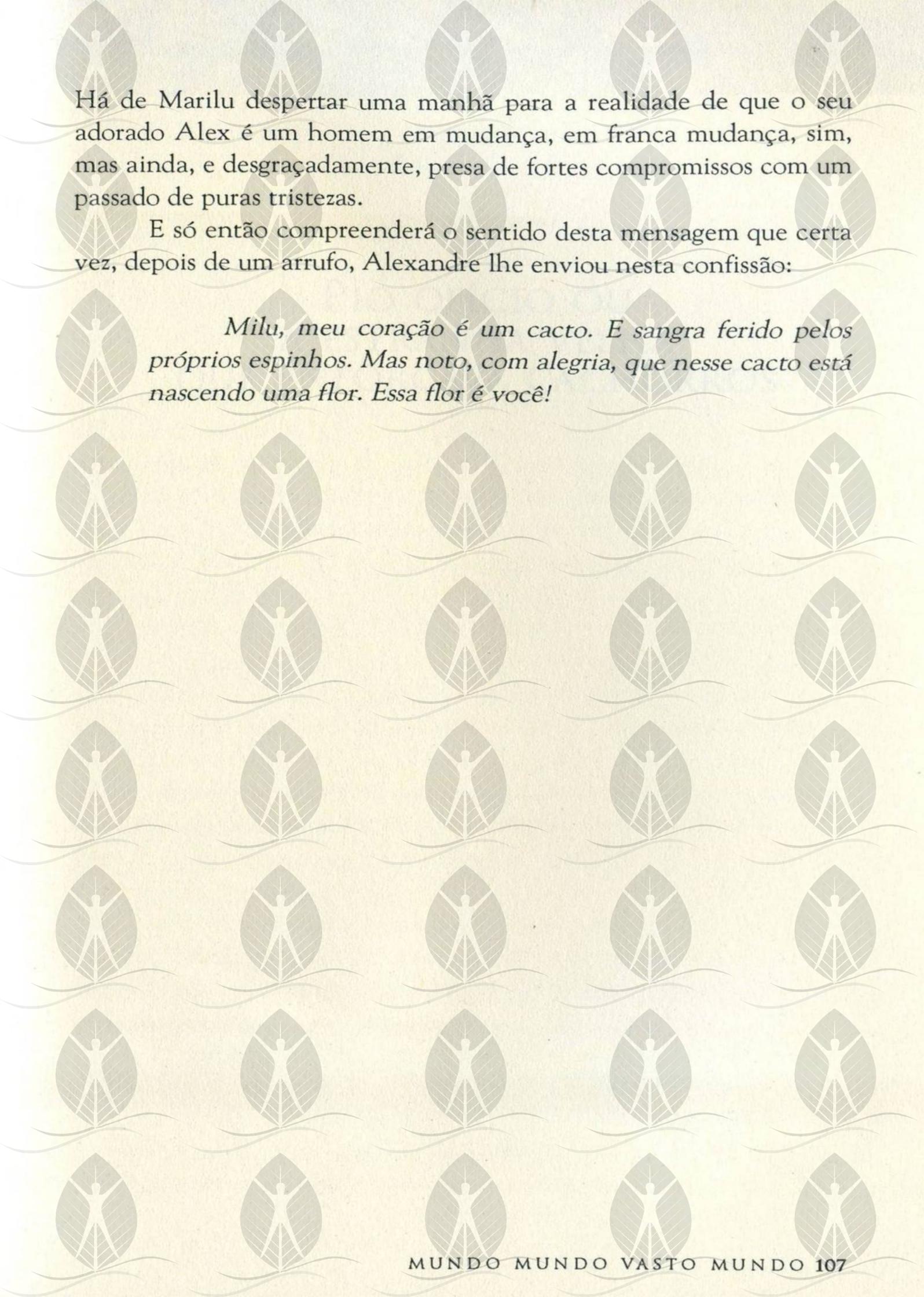
Seja feita a vossa vontade. Essa frase, Alexandre achou por muito tempo que houvesse sido introduzida na oração por sua mamãe. Em tudo ela se conformava à vontade do Senhor. A um perigo iminente, respondia seja feita a vossa vontade, Senhor! Um filho adoecia e, como aconteceu, recebia prévio atestado de óbito, faça-se a vossa vontade, Senhor! Mesmo quando o marido lhe faltava com a fidelidade – o que não raras vezes ocorreu – todo o seu orgulho de mulher se sublimava no desabafo:

– Seja feita a vossa vontade, Senhor!

Fez-se, enfim, a vontade do Senhor. Sua mãe morreu. E a expressão meu filho! lentamente se obliterou na memória de Alexandre. Do pai – egoísta e irascível criatura – jamais a ouviria, talvez porque ele também nunca aprendera dos que o tinham gerado.

E assim, em Alexandre, foi-se atrofiando a capacidade de ternura – e ele que fora concebido capaz de dar e receber tanta! Acostumou-se à agrestia, como certas plantas tratadas brutalmente, anos a fio, pelos elementos. As espécies vegetais acostumadas ao sol ou à aridez podem definhar e até morrer, se transmutadas violentamente para a sombra ou para terrenos encharcados. Há que fazer-se a mudança com cuidado, dissimuladamente, como se fora uma criança dormindo. A planta não deve perceber que está sendo tocada. Assim as pessoas.

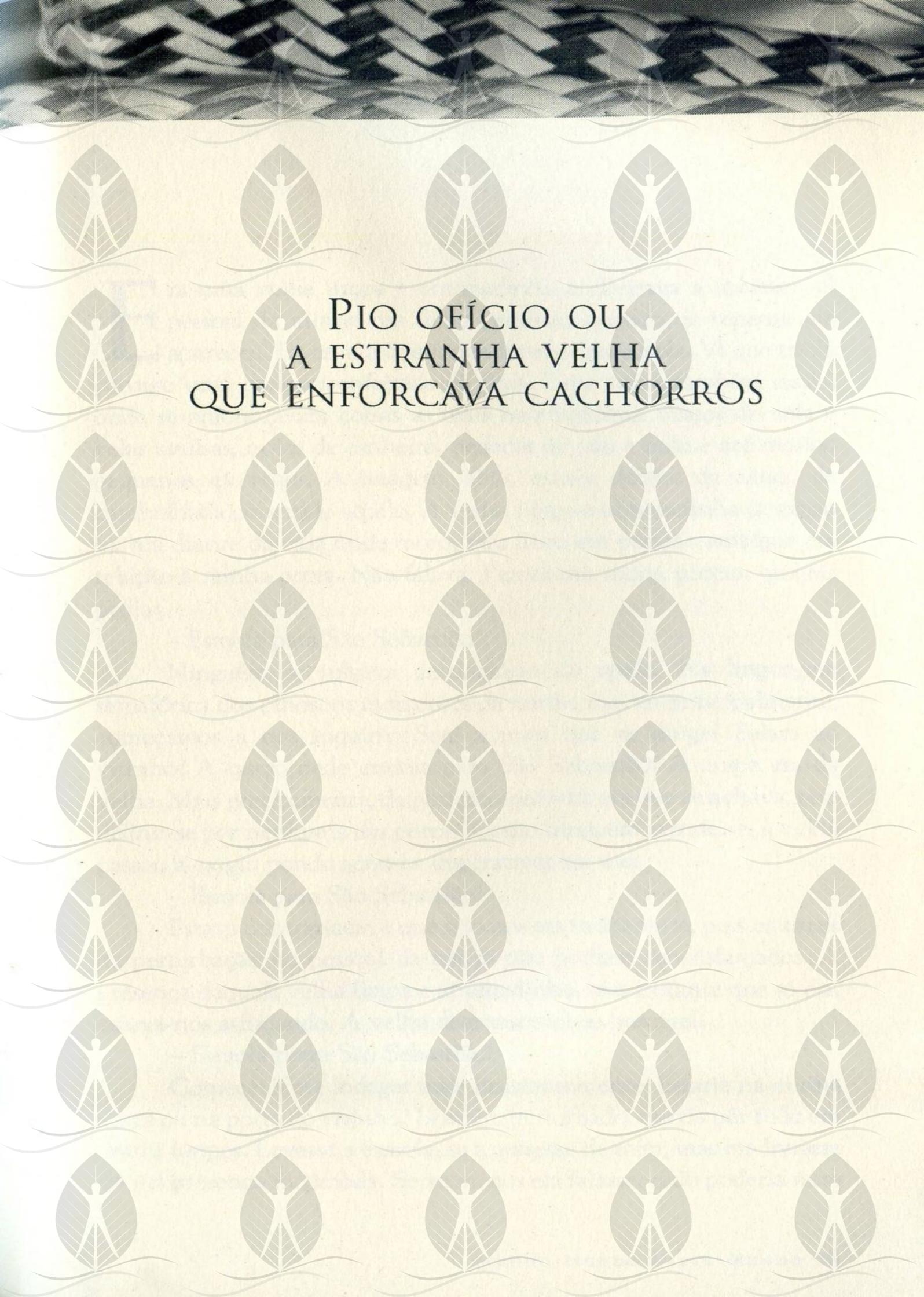
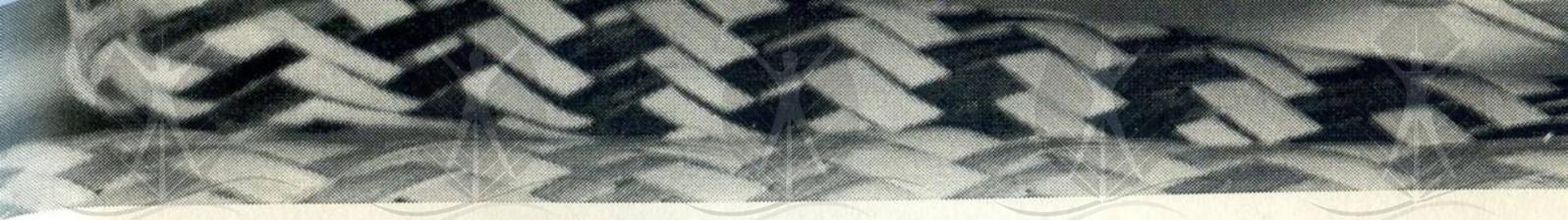
Um dia, isso tudo Marilu há de compreender. Haverá ainda de compenetrar-se de que está lidando com um ser, por certo estranho, que de muito se desacostumou à mornidão das coisas ternas e sinceras.



Há de Marilu despertar uma manhã para a realidade de que o seu adorador Alex é um homem em mudança, em franca mudança, sim, mas ainda, e desgraçadamente, presa de fortes compromissos com um passado de puras tristezas.

E só então compreenderá o sentido desta mensagem que certa vez, depois de um arrufo, Alexandre lhe enviou nesta confissão:

Milu, meu coração é um cacto. E sangra ferido pelos próprios espinhos. Mas noto, com alegria, que nesse cacto está nascendo uma flor. Essa flor é você!



PIO OFÍCIO OU
A ESTRANHA VELHA
QUE ENFORCAVA CACHORROS

Era uma velha limpa e arrumadinha e cheirava a incenso. O pessoal da minha rua ficou perplexo quando de repente ela apareceu. Eu estava coincidentemente na janela. Vi que trazia consigo uma imagem enfeitada de fitas. Uma caixa também trazia, onde se amontoavam coisas as mais heterogêneas: maços de vela e velas avulsas, notas de dinheiro, pedaços de pão e bolo e até mesmo pequenos *ex votos*. A imagem, aliás, estava dentro da caixa, de cambulhada com tudo aquilo. A velha limpa e arrumadinha já surgiu na rua diante da casa onde moro, mas ficou em posição ambígua em relação à minha porta. Não falava. Percebiam todos, porém, que ela pedia:

– Esmola para São Sebastião!

Ninguém se julgava destinatário do apelo. Na linguagem semafórica dos olhos, os moradores da minha rua, eu principalmente, começamos a nos inquirir: Será a mim que se dirige? Falara ao vizinho? A quem pede esmola para São Sebastião? A culpa era da velha. Mais precisamente, da posição equívoca em que se achava, sem definir-se por nenhuma das portas. Como ninguém atendesse, a velha passou a exigir, pondo acentos imperativos na voz:

– Esmola para São Sebastião!

Estava contrariada, o que não nos era indiferente, pois os sinais de perturbação no pessoal da rua já não podiam ser disfarçados. A presença daquela velha limpa e arrumadinha, mas irritante que só ela, estava-nos asfixiando. A velha demonstrava-se irascível:

– Esmola parra São Sebastião!

Comecei a me indagar mais insistentemente: Estaria na minha porta ou na porta do vizinho? Já muito perturbado, queria pôr tudo em pratos limpos. Levasse a esmola, se a quisesse de mim, mas me livrasse de sua presença incômoda. Se ao menos ela falasse, tudo poderia num

instante ser resolvido de vez. Mas não falava, embora se entendesse tudo o que queria e o estado de contrariedade em que se encontrava.

Utilizando semáforos, olhares e gestos, gritava agora mais zangada ainda:

– Esmola para São Sebastião!

O santo, coitado, parecia sofrer muito. Os braços para trás, atados ao tronco. Aquele olhar sofrido e resignado, as flechas deviam doer muito, incomodá-lo em demasia, sangue abundante deveria estar correndo, embora não se visse. Pressenti subitamente que estava deveras comovido. Comecei a vociferar: Esmola? Que esmola nada, gente! Este santo está precisando é de socorros urgentes, não vêm que está na iminência de sofrer hemorragia interna? Procurei a velha limpa e arrumadinha. Havia desaparecido em meio ao tumulto que se estabeleceu. Continuei a vociferar, estava apoplético: Tantas flechadas no corpo do pobrezinho e não se vê sangue, deve estar correndo para dentro. Por que já não arrancaram essas flechas, por quê? Que fazem? O pessoal da rua me olhava atônito, mudo. Vamos, gente, depressa, depressinha. É uma crueldade um acinte aos nossos foros de povo civilizado, um acinte. Os homens não são mais caçados com flechas, agora são apenas cassados. Não se morre mais de hemorragia interna, morre-se de fome. Eia, gente, acudam o santo. Estamos em outra época. Os inocentes já não são amarrados a troncos, os tempos são outros, mais civilizados, os inocentes sentam-se agora em banco de réu de tribunais fardados. Depressa, gente, depressinha, vamos desamarrar este santo, libertá-lo do tronco, dar-lhe os primeiros socorros, não esmolos... Afinal, ele também morreu por uma verdade... Esbravejava, suando, mas ninguém se comovia. Agora estava realmente aflito. O pessoal da rua tinha feições indecifráveis. Só o santo permanecia, liberto da caixa, das notas de dinheiro, das velas em maço e avulsas, dos pedaços de pão e bolo e das fitas, mas não da velha, que havia reaparecido, limpa e arrumadinha como desaparecera. Uma garotinha de tranças e calcinha suja levou-lhe um pedaço de bolo, a vizinha ofereceu-lhe vela, um cavalheiro de cachimbo na boca e brilhante no dedo deu-lhe esmola gorda como

ele, piedoso. Eu havia voltado exausto para minha janela. Calmo agora, procurava no fundo de mim porque subitamente resolvera sair para aquele comício em defesa do santo. Achava que tinha sido por sua *causa mortis* mediata. Ele morreu por uma verdade! – repetia-me, procurando justificar minha atitude de poucos minutos atrás. Ele morreu por uma verdade! Exatamente, foi por isso que me comovi e me solidarizei com ele.

– Esmola para São Sebastião.

Agora não havia equívoco. O diabo da velha limpa e arrumadinha se dirigia mesmo a mim, mas veio acompanhada da menina de tranças e calcinha suja que havia pouco oferecera bolo ao santo. Comentava com meus botões: Esta época de Natal e Ano-Novo é de lascar. Esmola para loucos, hansenianos, tuberculosos, velhos desamparados, cegos, mutilados... Arre! Eu dou a esmola, não me escuso, mas não por obrigação. A obrigação é do Estado e de quem lhes sugou a mais-valia. Para quem trabalhavam antes de se tornarem desgraçados? Mas, puxava do bolso a carteira e entregava uma nota de mil, não à velha, que já havia novamente desaparecido, mas à garotinha de tranças e calcinha suja. Percebia logo, porém, que não podia dar toda aquela quantia. Por isso antes mesmo de a menina dar as costas, lhe dizia:

– Espere aí, me dê essa nota. Preciso racionar a esmola. Há um povo todo precisando de esmola.

Concluía, abrangendo-me com um gesto:

– Toda esta gente precisa de esmola.

Arrependia-me de ter generalizado, porque o homem gordo de cachimbo na boca e brilhante no dedo ainda estava lá. A garota me entregava a nota. Em vez de mil, dava-lhe só quinhentos, mas em notas de duzentos e cem, ao todo três notas. Observava-lhe:

– Taí, em vez de uma, dei-lhe três.

A menina desaparecia satisfeita, reaparecendo logo depois com um recado:

– Vovó mandou dizer que quando o senhor quiser enforcar cachorros, que é só mandar. Ela diz que está às suas ordens.

Ora, enforcar cachorros, que crueldade! Tanta coisa pr'aquele diabo de velha fazer, tanta com que se ocupar, e ela dedica-se a enforcar cachorros! Protestava. Podia criar pinto, fazer tricô, croché, rezar novena, encomendar defuntos, pegar crianças, trabalhar renda em bilros, alcovitar namoros, fazer anjinhos com sua experiência de parideira... até falar da vida alheia podia, ora se podia, desde que não tivesse outras tendências manuais ou espirituais, podia, que jeito? Mas, matar cachorros por enforcamento, francamente, isso era lá atividade a que a velha se dedicasse? Enfim...

– Ah! Muito obrigado... Diga a sua avó que muito obrigado. E quanto é que ela cobra por esse pio ofício?

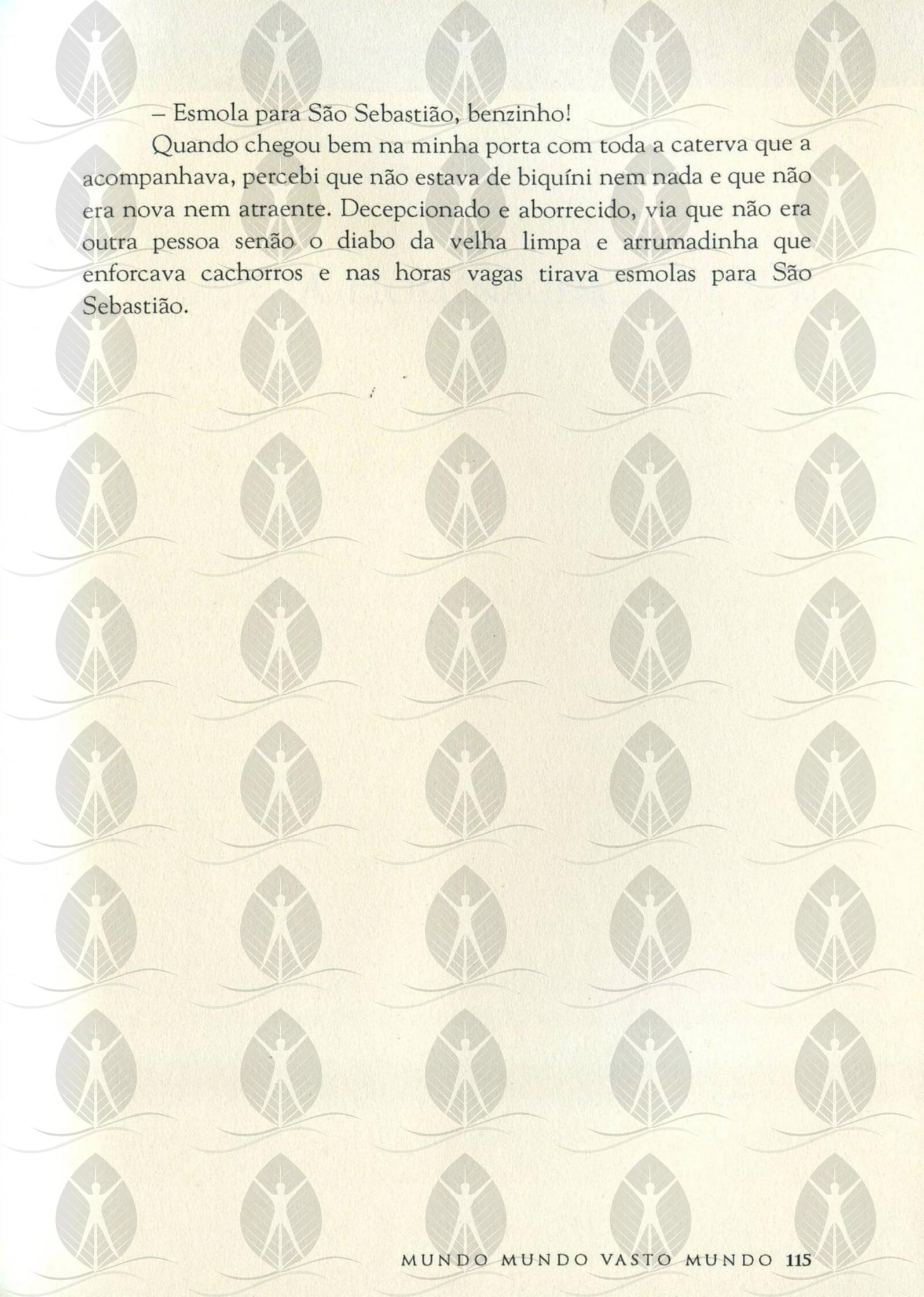
– Sei não, não me disse nada. Só quer que o senhor arranque todos os dentes. Pro senhor mandar os cachorros já sem dentes.

Vejam só. Deixava a parte mais difícil para mim e ficava com o melhor... – pensava. Enforcar cachorros banguelos até eu, até eu... – berrava exasperado, mas de certo modo satisfeito porque descobria que, em certas condições, eu também podia praticar a crueldade extrema que me parecia enforcar cachorros.

Depois, quando a garotinha de tranças e calcinha suja se ia, ficava imaginando e concluía afinal que aquilo de enforcar cachorros era normal entre velhas, tão normal e aceitável como alcovitar namoros, mesmo adúlteros, fazer anjinhos, encomendar defuntos, tirar novena... E quando já estava bem conformado e me preparava para realmente descansar (que horas eram?), lá se vinha uma barulheira dos infernos, arre! Que era aquilo? Simplesmente uma mulher de biquíni em direção à minha porta estava-se aproximando, chegando-se cada vez mais enquanto um ruidoso conjunto de iê-iê-iê e muitos moleques, cabeludos e não, junto com moças de calças compridas e blusas berrantes, cantando e gritando, exclamavam:

– Esmola para São Sebastião!

A mulher de biquíni era jovem e insinuante, falava para os moradores da minha rua, agora alegres e bastante tendentes a participar da pia campanha, num tom de voz dengoso, melífluo, fazendo gestos maliciosos, dando e tomando o corpo:

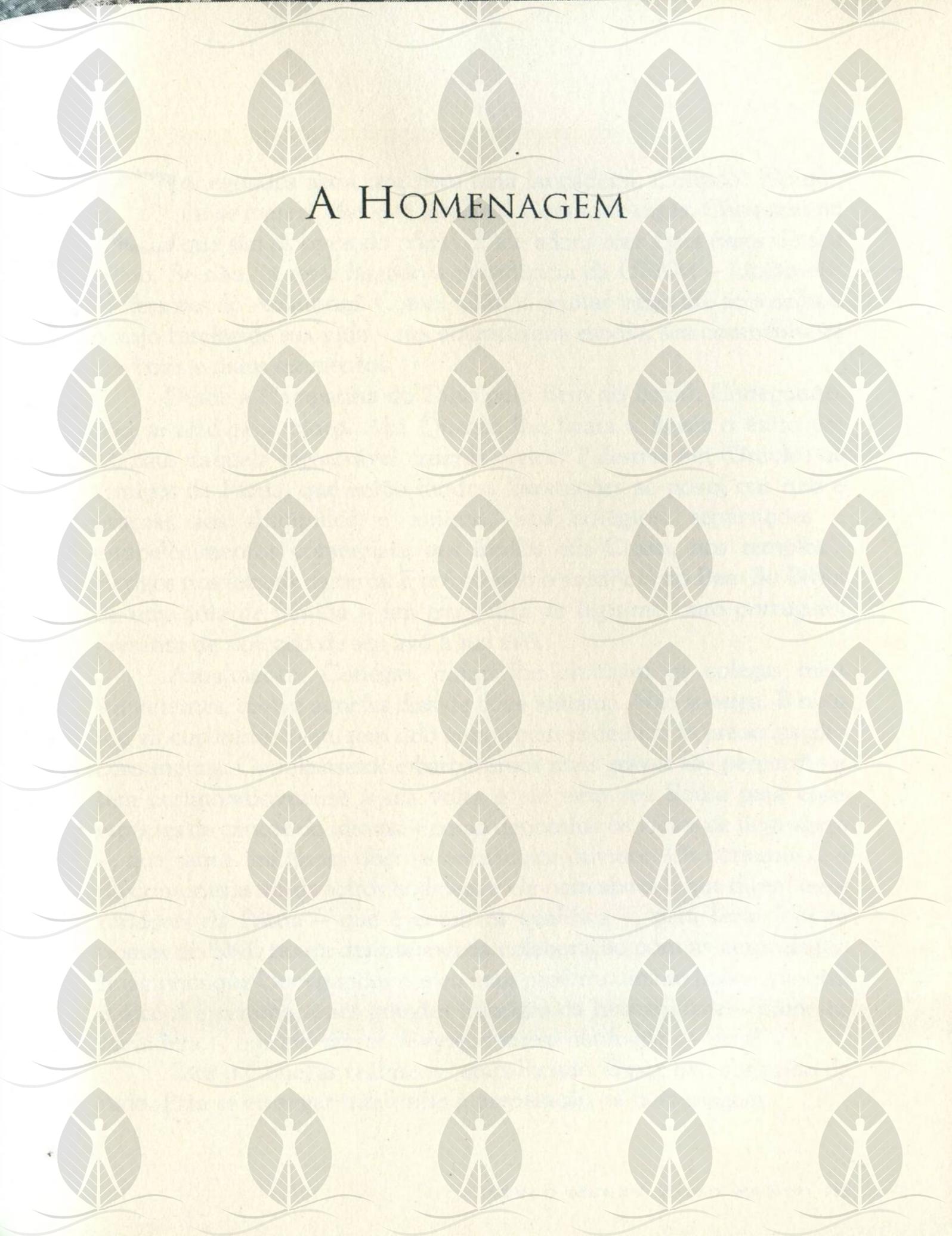


– Esmola para São Sebastião, benzinho!

Quando chegou bem na minha porta com toda a caterva que a acompanhava, percebi que não estava de biquíni nem nada e que não era nova nem atraente. Decepcionado e aborrecido, via que não era outra pessoa senão o diabo da velha limpa e arrumadinha que enforcava cachorros e nas horas vagas tirava esmolas para São Sebastião.



A HOMENAGEM



Conegundes anda que nem uma lançadeira. Coitado! No que foi se meter! Mas está disposto. Com todo o gás. Compreende que são os ossos do ofício. E ele adora roer esses ossos do seu ofício. Se não, já teria largado a presidência da UPAM – União dos Professores do Amazonas. Como, aliás, já muitas vezes lhe aconselhou o anjo tutelar de sua vida – sua amantíssima esposa, sua companheira dos bons e maus momentos.

Desde a Campanha do Ouro pelo Bem do Brasil, Conegundes não se afadigava tanto. Ah! Quanto lhe ficara a dever o êxito em Manaus daquela memorável cruzada cívica! Palestras em Círculos de Amigos da Pátria, que então fundou. Exortações ao povo, nas ruas e praças; aos discípulos e amigos, nos colégios, repartições e estabelecimentos comerciais; aos irmãos em Cristo, nos templos... Artigos nos jornais da terra. E até mesmo o sacrifício ao Bem do Brasil de uma jóia de família – um trancelim de legítimo ouro português, presente de noivado de seu avô à sua avó.

Atualmente, Conegas, como lhe chamam os colegas mais irreverentes, revive aqueles dias de doce azáfama. Não sossega. É num ir e vir constante. Nem tem tido tempo para se dedicar às preocupações costumeiras. Os solecismos e barbarismos mais graves são perpetrados sem cerimôniosamente à sua volta e ele nem seu Sousa para essas espécies de câncer do idioma – como denomina os vícios de linguagem –, que tanto lhe fazem doer os vernáculos ouvidos. Os comunistas e filocomunistas ainda soltos bodejam e ele nem anota o que dizem esses traidores da Pátria – que é como os qualifica –, para levar-lhes os nomes ao SNI, numa desinteressada colaboração com as autoridades. Imaginem que Conegundes nunca mais proferiu uma só palavra contra o álcool e o fumo, esses grandes inimigos da humanidade – como os considera –, que em tantas desgraças fazem naufragar os lares!

Está o Conegas realmente atabalhado. E por isso abstraído de tudo. Para se entregar inteirinho à preparação da homenagem.

Puxa! Como foi duro convencer o Governador a admiti-la! Sua Excelência, como legítimo representante da austeridade que se implantou no país com a Revolução de 1964, recusava-se peremptoriamente a ser o alvo de tão festivo acontecimento. Era apolítico, compreendessem, avesso a manifestações públicas... Aceitara as rédeas do Estado somente para cumprir uma missão, para servir à democracia, para não decepcionar as valorosas classes conservadoras, que o haviam indicado em retribuição às decididas posições que assumira em favor delas, naqueles tempos ominosos em que os pelegos, a soldo de Moscou, levavam as massas a greves que tanto prejudicavam nosso balanço de pagamentos... Compreendessem. Não podia aceder à homenagem. Que o desculpassem os mestres – “bonzos da cultura que vivos se consumiam para iluminar a infância e a juventude desta Mesopotâmia tropical” –, mas não poderia aderir a atos que afinal rememoravam as tiradas demagógicas da época de fastígio do trabalhismo...

Conegundes, que não incluía em seus cálculos a circunspeção governamental, ficou nervoso em face da negativa. “O Conegas perdeu o rebolado. Ficou tão vexado que por pouco não desabou ali mesmo com turíbulo e tudo... Tive pena dele” – confessaria depois um dos membros da comissão que fora a Palácio levar ao Governador as alvíssaras, comunicar-lhe a homenagem.

Pudera. Com que cara se apresentaria diante dos colegas, especialmente daqueles que o criticavam? E os esforços que já havia investido? E os dividendos que ele e sua querida patroa esperavam daquele investimento? Não, não poderia concordar com o Sumo Timoneiro. De modo algum!

Ousou, então, dizer a Sua Excelência, naturalmente com a devida vênia, que os professores jamais abdicariam daquele espontâneo gesto de reconhecimento. Haviam-se cotizado, grandes tinham sido os gastos. Estava tudo pronto. E que trabalhadeira dera! Os presentes, que o haviam ajudado, não o deixassem mentir. Não fora fácil organizar as comissões – de recepção, de finanças, de ornamentação, de divulgação... Como suara para cobrar as tarefas distribuídas e coordenar as divergências a respeito de detalhes da festa! Como sofrera para compor o convite – tivera de devolver as provas três vezes, uma lástima, os tipógrafos sempre achavam de colocar uma vírgula ou um

acento indevidos! Como penara para elaborar o programa – aliás, joeirado, modéstia à parte, que era tudo idéia dele... E como lhe custara obter um consenso sobre o traje, o bufê, o arranjo da mesa de honra, os dizeres da plaquinha de ouro – lembrança modesta, mas sincera de todos os professores do Amazonas, seus amigos e amigos da Revolução... Compreendesse Sua Excelência. Ele não poderia voltar atrás. Nessas coisas de gratidão era rebelde. Sua Excelência perdoasse. No mais era submisso, dócil, manso como o Cordeiro de Deus, cidadão que nem discutia as ordens de seus superiores... Um cão fiel, um leal vassalo. Aceitasse Sua Excelência a homenagem. Afinal, precisava Sua Excelência fazer-se popular. O partido da Revolução – Conegas enchia a boca pronunciando a palavra Revolução – tinha de ganhar as eleições. Que, exceto para Presidente da República e Governador de Estado, ainda eram diretas – desgraçadamente, pois o povo escolhia cada representante que nem sequer conhecia a própria língua, a língua nacional! E quem poderia garantir a Sua Excelência que as classes conservadoras não lhe exigiriam mais um sacrifíciozinho, o de continuar a defendê-las como Senador da República?

Dobrada a resistência governamental, Conegundes respirou e remoçou. O prestígio de que insinuava desfrutar, estava enfim salvo. Restavam agora os arremates, checar as providências delegadas às comissões, tentar persuadir a comparecerem certos revanchistas que, graças à complacência da Revolução, ainda empestavam os colégios, diligenciar no sentido de que fosse baixada portaria considerando como falta a ausência à solenidade, para o efeito de descontar aos recalitrantes um dia de serviço nos vencimentos generosamente aumentados. Sim. Nada mais justo. Afinal, não fora para assegurar a presença de grande número de professores que se marcara a homenagem para dia útil?

O que Conegundes ouviu desses – comunistas safados! – no trabalho de aliciamento que, em nome da gratidão, empreendeu, ai! meu Deus, só mesmo quem estivesse numa espécie de cio de adulação – como observaram - poderia suportar! “Lá vem aquele lulu!” – advertia José. “Sacudindo a cauda!” completava João. “Doido por um osso!” sugeria Pedro. “Com bastante tutano!” – acrescentava Paulo. “Cuidado com a carrocinha, Conegas!” – gritavam em coro.

Corja de irreconhecidos! Então o Governador batia-se tanto e arriscava-se até a uma ríspida censura por parte dos Poderes Centrais, para premiar os professores com um aumento e eles não se dignavam de retribuir a Sua Excelência tamanha generosidade e coragem moral? Estava certo? Diziam que não havia motivo para homenagem. Que era um enganador reajustamento ao galopante custo de vida dos seus parcos vencimentos. Fosse. Melhor que nada! Mal agradecidos! Depois ficavam reclamando que haviam sido preteridos em lista tríplices, que não subiam nunca na vida, que outros menos capazes não saíam dos carros oficiais, rua acima, rua abaixo, e eles... cheirando a vara do Batista para limpar a vista! Claro... As bocas do Estado não eram para os ingratos. Como queriam posições na administração se se omitiam, quando se tratava de oferecer à mais alta autoridade demonstrações de reconhecimento e carinho? Ele, Conegundes de Jesus Guimarães, é que não embarcava nunca na canoa dos revoltosos. Pouco se lhe dava que o chamassem de adulator, bajulador, incensador, turibulário, lisonjeador, engrossador, chaleira, puxa-saco, lambe-saco... Era muito consciente de suas atitudes. Sabia bem aonde queria chegar. Fora educado no respeito a Deus, aos pais e às autoridades. E desde cedo aprendera que a gratidão só viceja nos espíritos de escol, como havia anotado em seu caderninho de pensamentos. Dos espíritos de escol. Como o seu.

Por isso era evidente a felicidade de Conegundes na grande festa. Triunfo seu, que soubera suportar resignadamente as incompreensões e os ápodos. Fosse depois alguém querer arrebatá-lhe os lauréis, que eram seus, muito meus e de meus colaboradores, ouviram?

Era o que parecia dizer entre abraços, pancadinhas amistosas e apertos de mão aos que iam chegando, muito perfumados e arrumadinhos, para aquele encontro de corações reconhecidos.

A opinião geral – à parte os despeitados – era de que Conegundes realmente merecia elogios. Que primorosa organização! Tudo pensando e executando com amor e requinte.

Parsifal de Azeredo, um dos mais prestigiados comentadores dos “sus e acontecências vividos pelo *beautiful people* desta Manô que nasceu e floresceu na *rive gauche* de um rio de azeviche” descreveria o ambiente em sua coluna dominical: “Eu vi e conto. Foi em nossa

Opera House. Acontecência enternecedora nesta *Free Zone* trepidante. No amplo saguão de mármore, passarela infelizmente vermelha – esse *infelizmente* é do Professor Conegundes, mas eu endosso. Ladeando a passarela, gentis professorinhas, em esvoaçantes longos róseos, os cabelos em rodilha ou em trouxa encimados por arranjos de rosas miúdas, recebiam *au grand complet*. À *droite* do saguão, a mesa de doces, frios e salgadinhos. Comidinha sensacional. Do mais fino paladar. Era de ver... e comer. Contém-te, gula! Sonhos e beijos-de-moça, olhos-de-sogra e pasteizinhos, biribas e mulatinhos, quindins e queijadinhas, brigadeiros e empadinhas, canudinhos, canapês, fios d'ovos... tudo em bandejas e cestinhas ornamentadas por alguma mão de fada com franjas de papel de seda azul e florinhas. E travessas de maionese enfeitadas com tomates recortados em trevo e rosa. E abacaxis espetados de iscas de salsicha, queijo e azeitona. E pirarucu-de-casaca (depois eu conto quem fez). E um leitãozinho assado (coitadinho!) com cerejas em lugar dos olhos e um ovo cozido na boca, rodeado de pêssegos em conserva misturados com farofa... E o *gâteau*! Um capítulo à parte na lauta mesa. Confesso que poucas vezes, nessas minhas andanças pelo nosso *grand monde*, terei visto concepção mais engenhosa... Juro. Vou descrevê-lo com os subsídios que me segredou o Professor Conegundes. Um tabuleiro de madeira recortado pelo mapa de nosso Estado, forrado de papel-cetim verde – nossas exuberantes florestas! No tabuleiros, uma linha preta e outra amarela, representando os rios Negro e Solimões. O bolo propriamente dito estava erguido em pilotis – nossas palafitas ribeirinhas! – e apresentava a sua superfície parcialmente tomada por uma maquete confeitada do Palácio Rio Negro, coroada pela cúpula do Teatro Amazonas... Original. Ma-ra-vi-lho-so. Simplesmente ma-ra-vi-lhoso! Aplausos mis à doceira (não digo quem é para não dar dicas à periferia). À *gauche* do saguão, a bandinha do Benjamin – as meninas sem aquela farda horrorosa, *Deo gratias* – atacava os dobrados do Sousa, a um gesto de nosso querido Amigo e Professor Conegundes, sempre que alguma *persona grata* adentrava o recinto...”

Assim efetivamente ocorreu. Quando o Governador chegou, acompanhado da Primeira Dama, a euforia de Conegundes atingiu o paroxismo. Em gestos firmes e nervosos, o fiel servidor exigia da bandinha maior ímpeto na execução, ao mesmo tempo que, vivamente

emocionado, apelava por palmas, mais palmas ao Benfeitor, palmas mais fortes, palmas que acompanharam Sua Excelência e Senhora (este o de senhora, Conegundes pronunciava fechado) até ele e ela tomarem assento na Mesa de Honra do Salão de Espetáculos.

Daí por diante, o joeirado programa se desenvolveu item por item, até seu ponto alto. Houve número de declamação – *Encontro das Águas*. De coral – *Uirapuru*. De acordeon – *Xote das Meninas*. Um aluno ligado ao CEDIN – Centro de Defesa do Idioma Nacional fez uma alocução em que, para mal dos pecados de Conegundes, misturou vós com Vossa Excelência e preparou uma tal salada de seus e vossos que o cioso mestre só a custo digeriu. Uma menininha entregou rosas felizmente azuis à Primeira Dama, pouco antes de Conegundes anunciar é claro que com a voz embargada pela emoção:

– E agora, Senhoras e Senhores, a decana do nosso Magistério Primário fará a doação a Sua Excelência o Governador do Estado de uma plaquinha de ouro – humilde preito de gratidão da UPAM, presidida por este criado que vos fala, ao nosso Grande Benfeitor...

Não pôde mais falar. A emoção, como explicaria depois, sufocou-lhe a inspiração. Após segundos de expectativa, ergueu-se do auditório mudo, encanecida mas ainda rija, D. Maria de Jesus, a conhecida D. Maju, de quem muitos ali haviam levado vigorosos bolos nos tempos do bê-a-bá e dos nozes fora.

Seguiram-se palmas, muitas palmas, novamente estimuladas por Conegundes, que não as deixava cessar, verdadeira ovação, lágrimas discretas enxugadas em lençinhos perfumados; de par com risos mal disfarçados e expressões de desdém ocultos em leques abertos, empunhados por algumas pessoas sem princípios que deveriam ter ficado em casa, pois não estavam à altura do ambiente, como o mesmo Parsifal de Azeredo na mesma coluna posteriormente registraria.

Depois do cacharolete (a Conegundes repugnava o estrangeirismo coquetel), já em casa, no aconchego de seu santo lar, como gostava de dizer, o fiel servidor comentava com sua digna consorte o acontecimento de que ela, comodista por índole e obesidade, não participara. Como de praxe.

Ainda exultante, mas rigorosamente exausto, Conegundes lamentava não ter trazido docinhos para ela, para você, filha. Nem frios. Nem salgadinhos. Fora uma coisa de louco. Uma demonstração

deveras lastimável de falta de civilidade. Ele pedira ao Parsifal, por tudo que Parsifal mais prezava, que não consignasse a cena vexatória em sua coluna.

– Essas minhas colegas... Uma vergonha! O que sobrou as mais espertas abertamente colocaram em suas bolsas e levaram para casa. Algumas saíram com pratinhos... Palavra! Até os abacaxis desapareceram. Que coisa! Só vendo...

Mas estavam todos perdoados. Inclusive os colegas, que se excederam na bebida, que ele limitara ao máximo e que só admitira no bufê (esse galicismo ele tolerava por insubstituível) porque senão não poderia falar em cacharolete.

Enfim, sentia-se gratificado. A homenagem se cumprira. O investimento – suado investimento – estava feito. Era esperar agora os dividendos. Enquanto não vinham, gemia Conegundes:

– Ai! Como estou cansado. Agora é que estou sentindo os efeitos do corre-corre e das emoções. Ai! Como me doem as pernas. Aposto que amanheço com enxaqueca. Também noutra não me meto – prometia.

– Qual nada, meu filho! – replicava-lhe seu anjo tutelar (imaginem um anjo com 120 quilos!), enquanto lhe massageava as pernas e as costas com álcool canforado. Você é incorrigível.

– Ah! não. Outra eu não agüento... juro.

– Conversa, benzinho. Você se lembra da homenagem ao Pudico?

– Oh! se... Foi quando ele doou uma sede à UPAM...

– Sim. Mas, o que você queria era uma cadeira, não era? Conseguiu? Não... Pois você disse a mesma coisa, que noutra não se meteria, que não valia a pena, que ninguém reconhecia e coisa e tal.

– E da homenagem ao Cabeleira, se lembra? Do resultado de toda aquela mão-de-obra, verdadeiro prêmio de consolação? Que você, decepcionado, disse, hem?

– ...

– E da homenagem ao Marreca, para recuperar o cargo na Secretaria, de que ele, por vingança, havia demitido você? Se lembra, hem?

– ...

– E da homenagem ao Zé Bonitinho? Se lembra, hem? Que você queria até virar comunista, porque dizia que com ele só comunista tinha vez, se lembra?

Conegundes, quase adormecido, despertou:

– Comunista? Você disse comunista? Nunca pensei em tal coisa! Ora virar comunista... Jamais quis. Era o que faltava. Se do que mais tenho ódio é de comunistas... Cachorros! Traidores! Deus me livre e guarde!

Conegundes alteara a voz. Ficara súbito apoplético. Seu anjo tutelar, entretanto, tranqüilizou-o:

– Não é preciso se exasperar, paizinho. Descanse. Durma. Não vá amanhecer com enxaqueca... Olhe que amanhã você tem reunião na SBBA (para os leigos, Sociedade de Beletristas Bíblicos do Amazonas). Você precisa relaxar, meu filho. Não lembrei nada, hem!

E quando Conegundes já de novo adormecia, seu anjo tutelar o reptou, enquanto se abanava furiosamente com um leque de sândalo, que o calor não estava fácil e os anjos, nos trópicos, também suam, sobretudo se se excedem nos manjares da terra e ficam nédios.

– Eu só quero ver se, depois da homenagem de hoje, você não consegue, como previu, a Secretaria da Educação!

As últimas palavras foram sublinhadas com duas pancadinhas de leque no magro bumbum de Conegundes, que se mexeu, mas não despertou.

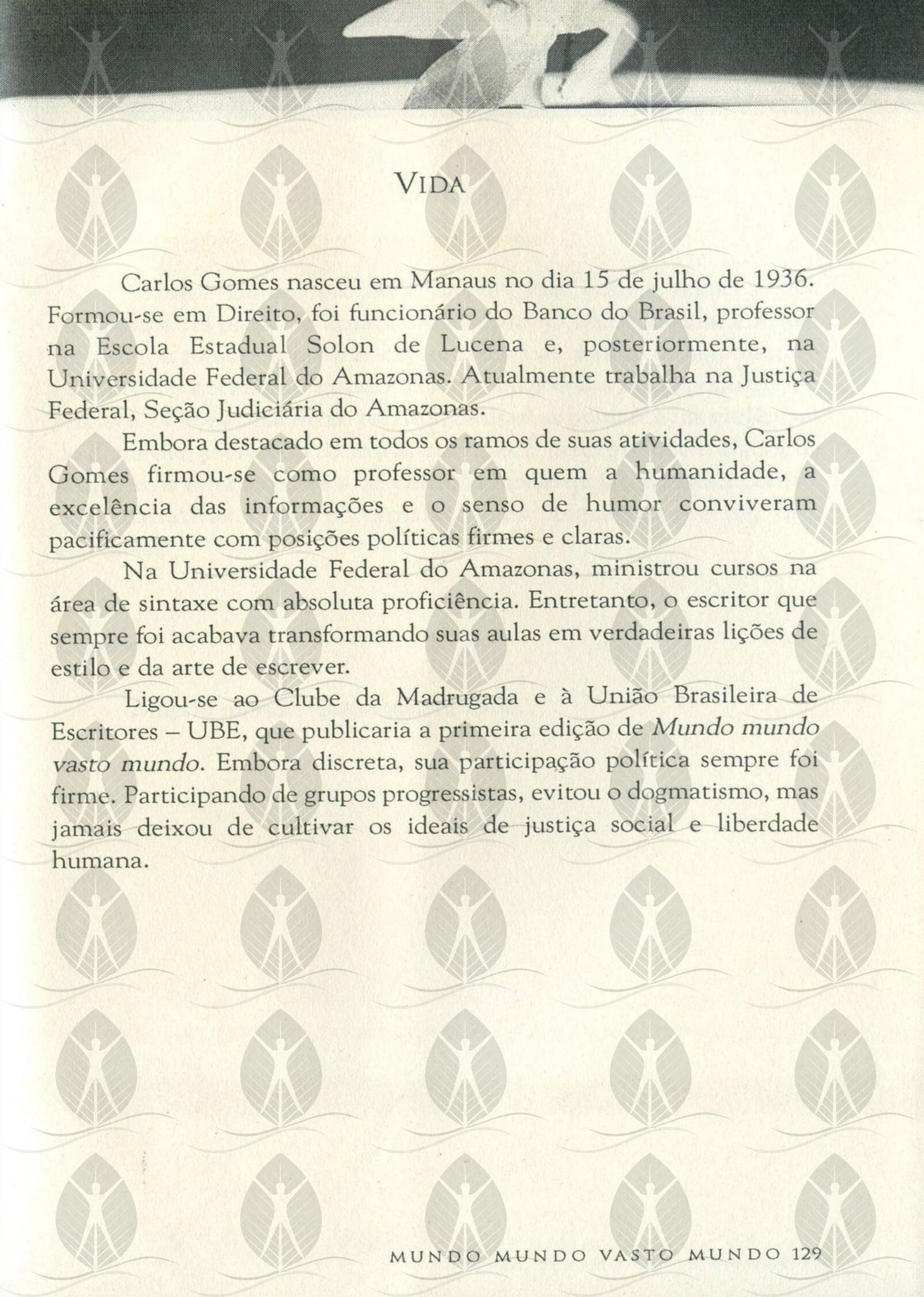
O anjo tutelar da vida de Conegundes (para sê-lo, a rigor, precisava emagrecer pelo menos noventa quilos e duzentos gramas, mas vá lá), a adorada patroa e amantíssima esposa de Conegas, estendeu um de seus nutridos bracinhos, depôs o leque na mesa-de-cabeceira, desligou o lucivelo (o marido lhe infundira o horror ao galicismo) e adormeceu. De costas (se é que anjo tem costas), de costas para o Conegas, seu filho, seu benzinho, seu papai, seu paizinho. Sonhou que estava num carro dirigido por um cinesíforo muito do seu confiado, que lhe chamava meu anjo tutelar e lhe perguntava pra que queria aquelas azinhas. Ia às compras. O carro era preto. Chapa branca.



||| CARLOS GOMES |||

VIDA E LITERATURA





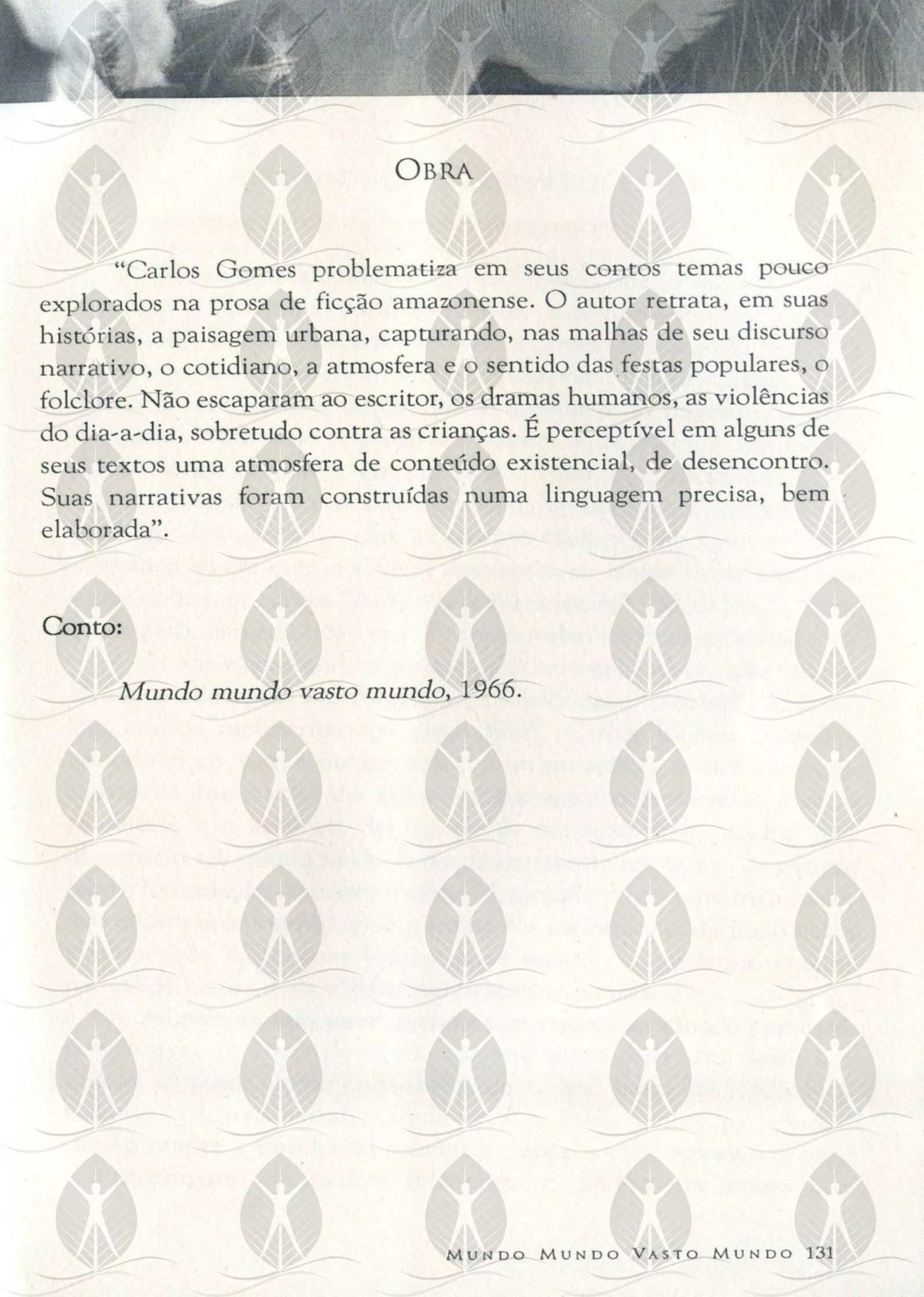
VIDA

Carlos Gomes nasceu em Manaus no dia 15 de julho de 1936. Formou-se em Direito, foi funcionário do Banco do Brasil, professor na Escola Estadual Solon de Lucena e, posteriormente, na Universidade Federal do Amazonas. Atualmente trabalha na Justiça Federal, Seção Judiciária do Amazonas.

Embora destacado em todos os ramos de suas atividades, Carlos Gomes firmou-se como professor em quem a humanidade, a excelência das informações e o senso de humor conviveram pacificamente com posições políticas firmes e claras.

Na Universidade Federal do Amazonas, ministrou cursos na área de sintaxe com absoluta proficiência. Entretanto, o escritor que sempre foi acabava transformando suas aulas em verdadeiras lições de estilo e da arte de escrever.

Ligou-se ao Clube da Madrugada e à União Brasileira de Escritores – UBE, que publicaria a primeira edição de *Mundo mundo vasto mundo*. Embora discreta, sua participação política sempre foi firme. Participando de grupos progressistas, evitou o dogmatismo, mas jamais deixou de cultivar os ideais de justiça social e liberdade humana.



OBRA

“Carlos Gomes problematiza em seus contos temas pouco explorados na prosa de ficção amazonense. O autor retrata, em suas histórias, a paisagem urbana, capturando, nas malhas de seu discurso narrativo, o cotidiano, a atmosfera e o sentido das festas populares, o folclore. Não escaparam ao escritor, os dramas humanos, as violências do dia-a-dia, sobretudo contra as crianças. É perceptível em alguns de seus textos uma atmosfera de conteúdo existencial, de desencontro. Suas narrativas foram construídas numa linguagem precisa, bem elaborada”.

Conto:

Mundo mundo vasto mundo, 1966.

APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

O universo ficcional de Carlos Gomes, este jovem autor que a Coleção "Sumaúma" ora apresenta, subordina-se, de maneira acentuada, a dois aspectos distintos: a preponderância da paisagem urbana e a utilização da recorrência folclórica. Naquela, surge como tônica a revitalização do cotidiano, *approach* do flagrante urbano, obrigando o autor ao emprego dos valores da ambiência, nos quais a trama, longe de perder em segurança, vigor, autenticidade, muitas vezes envereda para o circunstancial, o anedótico, embora sem nenhum desprezo para com o artifício dialogal, no qual o jovem estreante labora com aceitável desenvoltura. Nesta linha situamos, entre outros, os contos "Antes da nomenclatura", "Madalena", "Figa, pé de pato, bangalô três vezes...", como trabalhos mais significativos.

Nas histórias onde se nota, perfeitamente, a motivação de uma temática alicerçada nas recorrências folclóricas ("Bumbá", "Rebolo" são contos representativos dessa fase), Carlos Gomes trabalha, gizando os contornos fundamentais, com situações e atitudes onde as linhas de integração do elemento paisagístico fundem-se com o psiquismo e a tipologia das figuras da narração. Esse quadro, não obstante o seu estado ainda larvar, já representa um ponto de partida para a formulação do conto regional despojado do costumeiro aparato do cenário interiorano, onde a ênfase e a exuberância do meio físico predispõe os ficcionistas locais, quase sempre, a um esquecimento parcial de nossas mais válidas manifestações populares.

Mundo mundo vasto mundo é, portanto, se olhado por essas perspectivas, um livro de estréia que tem algo a dizer: está destinado a ficar. O autor, como engenheiro do conto, longe de jungir-se à elaboração de uma narrativa tradicional, procura, sempre que possível (não obstante a timidez da província, tantas vezes responsável pelo obscurecimento de muitos talentos), o insólito da construção

ficcionista. Nesse aspecto, “Rosa de carne” dá-nos o exemplo flagrante da tentativa de Carlos Gomes à procura de novos modelos de realização na estrutura do conto.

Isso demonstra que o autor sabe o que fazer, ou ainda, o que transmitir em sua arte: afastando-se, coerentemente, dos lugares comuns, instaura um condicionamento seu, individual e através da captura de um estilo próprio, segura e paulatinamente, equaciona os problemas básicos da expressão e personalidade de sua obra.

Com o presente volume, a Coleção *Sumaúma*,* lançada em ocasião tão oportuna pela União Brasileira de Escritores, do Amazonas, presta incomensurável serviço à cultura regional, ampliando, por outro lado, o quadro de possibilidades para uma afirmação das letras amazonenses, já por sua crescente divulgação, já através da valorização dos que, no Amazonas, se integram no labor literário, nessa literatura que no dizer de Otto Maria Carpeaux “não pode ser substituída por coisa alguma: nas literaturas não se encontram fórmulas feitas, mas homens”.

João Bosco Pantoja Evangelista**

* Na Coleção *Sumaúma*, de responsabilidade da União Brasileira de Escritores no Amazonas, foram editados, além de *Mundo mundo vasto mundo*, os seguintes títulos: *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar*, de Farias de Carvalho, e *O Mostrador de sombras*, de Márcio Souza. O quarto volume, que seria o *Estado de sítio*, de Aldisio Filgueiras, embora quase pronto na editora do saudoso José Cardoso, não pôde ser lançado por causa da repressão política durante a ditadura militar, que se exacerbou a partir de 1968.

** João Bosco Pantoja Evangelista (1937-1973) professor da Universidade Federal do Amazonas e poeta inédito, precocemente desaparecido.

COLEÇÃO
RESGATE

BARRO VERDE

Elson Farias

VARANDA DE PÁSSAROS

Jorge Tufic

VISGO DA TERRA

Astrid Cabral

O TOCADOR DE CHARAMELA

Erasmio Linhares

FRAUTA DE BARRO

Luiz Bacellar

AZUL GERAL

Ernesto Penafort

LUNAMARGA

Alencar e Silva

VITRAIS DA BUSCA

Max Carpentier

SOMBRA E ASFALTO

Antísthenes Pinto

ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE

Arthur Engrácio (Org.)

HISTÓRIAS DE SUBMUNDO

Arthur Engrácio

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO

Carlos Gomes

Os livros que compõem a terceira etapa da Coleção Resgate são representativos da produção dos autores que participaram do Clube da Madrugada e ilustram as tendências, temas e preocupações humanas que marcaram a trajetória desse importante movimento cultural do Amazonas. Em reconhecimento pela inestimável contribuição para o enriquecimento de nosso patrimônio artístico, a Editora Valer e seus parceiros pretendem, com este gesto, homenagear os artistas e intelectuais que ajudaram a escrever esse capítulo fundamental da História do pensamento em nossa terra. É um trabalho expressivo de nosso compromisso com a civilização e um ato de amor às palavras, à literatura, à beleza e ao ser humano. Melhor dizendo: é uma celebração e uma homenagem ao Cinquentenário do Clube (que se comemora no dia 22 de novembro de 2004) e também um registro em prol da memória e um ato de resistência à ação corrosiva do tempo. Com isso, queremos deixar registrado o nosso reconhecimento ao esforço intelectual dos jovens que cometeram esse ato de ousadia e o nosso testemunho deste momento significativo em que se comemora os 50 anos de História do Clube da Madrugada. Este livro foi

*impresso em Manaus, no
mês de novembro
de 2004, pela
gráfica Grafisa.
Silenciosa em seu
fluir imutável, a
vida germina no
ventre da noite o
sonho de um
canto novo, a ser
entoado pelos
poetas deste chão.
A madrugada
amanheceu e o
tempo se fez luz. Já
não somos mais os
mesmos. Que belo
milagre é a vida. E que a
promessa de um mundo livre,
justo, cheio de beleza e poesia se
cumpra. E que, junto com o pão, livros possam
ser servidos em todas as mesas: no café, no almoço e no jantar.*

TENÓRIO TELLES

E o estilete continuava retocando a rosa, em lugar das pétalas amarelecidas, brotavam outras vermelho-vivo. O menino se lastimava ai, está doendo, mas o enfermeiro seguia no seu ofício de sarar a rosa. Era preciso que ela voltasse a botão e daí a nada, deixando embora o estigma de sua passagem pela mão do menino pobre, com a graça de Deus.



ISBN 85-7512-163-4



9 798575 121633



UniNorte
Centro Universitário do Norte





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA